

A man in a dark suit and tie is leaning over a woman who is lying on a dark leather tufted couch. The woman is wearing a dark, possibly black, dress and has her eyes closed. The man is looking down at her. The background is a brick wall. The lighting is dramatic, with strong highlights and shadows.

CAMILA ALKIMIM

DOCE

Rendição

Spin-Off de
O Amor não tem Regras



Copyright © 2018 Camila Alkimim

1ª edição 2018

Revisão: Lucilene Vieira/Ludmila Fukunaga

Capa: Camila Alkimim

Formatação do e-book: Camila Alkimim

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse

Acostumada a estar no controle de sua vida, a jovem neurocirurgiã Daniela Gutierrez vê seu mundo sair do eixo quando sonhos calientes envolvendo seu chefe, o renomado cirurgião cardíaco Marco Serrato, passam a lhe tirar o sono.

Acreditando se tratar de uma simples atração passageira, Daniela fica dividida entre a razão e o desejo, quando passa a ser correspondida por ele.

Por muito tempo, Marco deixou que um fantasma do passado o impedisse de seguir adiante e ser feliz, mas agora que provou dos lábios de Daniela, está determinado a deixar isso para trás e viver um novo amor. Só lhe resta fazê-la enxergar a verdade: eles juntos são melhores do que separados.

Nota da autora

Embora *Doce Rendição* seja um Spin Off do livro *O Amor não tem Regras* e do conto *Uma bela Jogada*, ele pode ser lido como livro único.

Alguns dos personagens aqui presente protagonizaram sua própria história nos volumes anteriores, então os convido a conhecerem não apenas a história de Daniela e Marco, narrada nessas páginas, como também a de Valentina e seu charmoso astro do futebol.

Capítulo 1

Não estava certo. Não era apropriado, muito pelo contrário, era arriscado. O tipo de coisa que eu normalmente não faria, mas se havia algo que eu não podia negar, era o fato de o perigo agir como um afrodisíaco sobre mim.

Enquanto seus lábios desciam por meu pescoço e suas mãos deslizavam por meu abdome, trazendo minha blusa para cima, a vontade que eu sentia era de gemer seu nome, mas em nossa atual situação, onde corríamos o risco de sermos flagrados por qualquer um, tudo o que eu podia fazer era sufocar meus ruídos em seus lábios, em meio a um beijo ardente.

— Alguém pode nos pegar... — Ofeguei, tentando pensar com clareza suficiente para impor alguma distância entre nós.

— Você sabe o quanto isso soa excitante? — perguntou-me com sua voz rouca.

Eu queria ser racional e centrada como sempre, queria ser aquela que estava no controle e que tomava as melhores decisões, mas Marco estava certo, e nesse momento, eu não queria que

ele parasse o que estava fazendo.

— Relaxa — pediu em um sussurro, antes de jogar minha blusa para longe e baixar os lábios em direção aos meus seios.

Com suas hábeis mãos de cirurgião, Marco facilmente se livrou de meu sutiã rendado, e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seus lábios passaram a sugar um de meus seios, ao mesmo tempo em que o outro era massageado por sua mão grande. Incapaz de pensar com clareza, permaneci parada, pressionada contra a porta, com meus dedos cravados em seus cabelos, pedindo silenciosamente que ele não parasse.

— Eu só queria ter mais tempo para poder provar cada pedacinho de você. — confessou, sem deixar de acariciar os meus seios.

— Eu também — concordei, sentindo minha mente nublada pelo prazer.

Aproveitando que ele havia se afastado por um instante para me observar, deslizei a calça escura do uniforme por minhas pernas e a chutei para longe logo depois. A maneira como seus olhos percorreram meu corpo me deixou ainda mais quente e desejosa, e sabendo que estávamos com o tempo contado, tratei logo de me livrar de sua

blusa. Eu precisava sentir sua pele roçando na minha.

Parecendo satisfeito com a minha atitude de despi-lo, Marco não perdeu mais tempo e partiu para o ataque. Suspendendo-me em seus braços, ele se virou no pouco espaço que havia no quarto e seguiu até a cama, onde me colocou deitada.

Com seu corpo pressionando o meu nos lugares certos e os lábios colados aos meus, beijando-me de maneira avassaladora, ele tateava o espaço livre na cama acima de minha cabeça em busca de seu jaleco. Eu soube quando ele finalmente o encontrou, devido ao ruído da embalagem de preservativo sendo aberta.

Apoiando o peso de meu corpo nos braços, assisti Marco deslizar o preservativo por todo seu comprimento, e quando eu estava prestes a reclamar de sua demora para me tomar de uma vez, ele silenciou meus pensamentos com um beijo, ao mesmo tempo em que cobria meu corpo com o seu.

Afastando um pouco mais minhas pernas para que ele pudesse caber entre elas, Marco seguiu distribuindo beijos por meu pescoço, enquanto fazia seu caminho em direção à minha entrada.

Sentindo-me pronta, eu mal podia esperar para tê-lo todo dentro de mim, mas antes que tivesse a chance de desfrutar de tal prazer, ele se deteve, encarando-me fixamente, enquanto um sorriso provocador se desenhava em seus lábios...

Prestes a ter Marco dentro de mim, eu não podia me sentir de outra maneira que não fosse profundamente frustrada ao ser arrancada de um sonho caliente, pelo toque estridente do celular.

Ainda atordoada, sentindo meu sexo reclamar devido ao sonho tão quente e vívido como o que eu estava tendo, tateei o espaço ao lado de meu travesseiro até encontrar o aparelho.

Depois de abrir um dos olhos e encontrar um chamado urgente vindo da sala de imagens, saltei da cama, e enquanto olhava à minha volta, procurando por meus crocs, meus dedos trabalharam agilmente em meus cabelos, tentando ajeitar a bagunça que havia se tornado durante o meu sono agitado. Sem tempo a perder, apanhei meu celular, vesti o jaleco por cima do uniforme hospitalar, ligeiramente amassado, e saí rapidamente do quarto que eu ocupava.

Seguindo apressadamente pelo corredor como um trem desgovernado, senti a minha frustração

aumentar drasticamente, quando as portas do elevador se fecharam diante de meus olhos, faltando apenas alguns passos para que eu estivesse dentro dele. Sem ter outra escolha, segui pelo corredor até chegar às escadas, e iniciei minha descida o mais rápido possível, tomando o cuidado para não tropeçar nos degraus.

Chegando ao térreo minutos depois, segui com passos apressados em direção à sala a qual fui solicitada, e antes de abrir a porta, parei por um segundo para inspirar profundamente e tentar me recompor, algo muito necessário após despertar de um sonho erótico e descer cinco andares de escada às pressas.

Para minha surpresa, o primeiro rosto que fui capaz de identificar ao abrir a porta, em meio às pessoas que ali estavam, foi o dele. Dr. Marco Salazar, o protagonista de meus sonhos calientes, um dos melhores cardiologistas da Europa, o melhor da Espanha, o homem que também poderia atender pelo título de meu chefe.

— Desculpe a demora, tive que descer de escada. — esclareci, fechando a porta atrás de mim e me aproximando de um dos monitores.

— As bochechas coradas a denunciaram,

Daniela — brincou Marco, mal sabendo que parte da culpa de minhas bochechas coradas tinha a ver com ele.

Adotando uma postura mais séria logo depois, Marco indicou o monitor à minha direita e passou a me dar informações a respeito do paciente que, até o momento, eu desconhecia.

— Paciente masculino, 54 anos. Sofreu um infarto na tarde de ontem enquanto dirigia e envolveu-se em um acidente de trânsito. Os socorristas disseram que ele estava consciente, porém, sem cinto de segurança quando chegaram ao local. Assim que ele deu entrada, foi realizada uma tomografia que não apresentou qualquer tipo de alteração, então, posteriormente, ele foi submetido a uma angioplastia, e desde então seus parâmetros estão sendo monitorados.

— Certo, ele se manteve consciente durante todo o trajeto até aqui e após dar entrada?

— Sim, quando o socorreram, ele apresentava apenas um corte na testa, mas estava consciente e responsivo. Após a angioplastia seu quadro estava evoluindo bem, sua alta estava prevista para o final da tarde de hoje, mas as enfermeiras informaram que ele reclamou de dor de cabeça no decorrer da

noite, e agora, pela manhã, enquanto eu passava a visita, notei uma diferença no tamanho de suas pupilas.

Concordando com um aceno de cabeça e agradecendo ao seu breve relato, nós permanecemos atentos ao monitor, que poucos minutos depois revelou a presença de um hematoma epidural. Sabendo que o quadro dele poderia se agravar rapidamente devido à queixa de dor de cabeça e os demais sintomas que Marco havia observado, eu sabia que precisava agir o mais rápido possível, então acionei a equipe do centro cirúrgico e pedi que preparassem uma sala.

— Você pode, por gentileza, comunicar à família? Eu não tenho tempo a perder.

— Certo, sua esposa e filha já estão a caminho, deixe que eu me encarrego disso.

— Obrigada. Como está a função cardíaca dele? — perguntei a Marco, enquanto aguardava o paciente.

— Ele encontra-se estável e fora de risco, mas devido à complexidade de sua cirurgia, eu gostaria de estar por perto, caso haja uma complicação.

— Certo, nos encontramos lá em cima — concordei, deixando a sala logo a seguir.

Já do lado de fora, me aproximei calmamente do paciente e apresentei-me ao senhor diante de mim, enquanto sua maca deslizava pelo corredor em direção ao elevador, expliquei sobre o resultado dos exames e a presença dos coágulos em sua cabeça, possivelmente formados em decorrência do acidente de trânsito. Tentando soar otimista e lhe passar confiança de que tudo ficaria bem, aproveitei a subida do elevador para explicar a ele o que seria feito a partir de então.

Deixando o senhor Valdez por conta da equipe que iria prepará-lo para a cirurgia, segui até o vestiário do bloco cirúrgico e substituí as roupas que eu estava usando por outras estéreis, e depois de me paramentar por completo, caminhei até a sala reservada para mim.

Quando adentrei no centro cirúrgico, após realizar minha assepsia, o senhor Valdez já estava posicionado na mesa cirúrgica, com seus cabelos raspados, apenas aguardando a sedação. Entrando em seu campo de visão limitado, o informei que nesse mesmo momento, Marco encontrava-se reunido com sua esposa e filha, mas que logo se juntaria a nós, e isso foi o suficiente para tranquilizá-lo. Despedindo-me dele com um sorriso

gentil e um “até logo”, sinalizei para o anestesista que iniciasse a sedação, e poucos minutos depois, ele já dormia tranquilamente.

Sentindo-me pronta para iniciar o procedimento, fechei os olhos, fiz uma prece silenciosa para que tudo corresse bem, e então estendi a mão, pedindo pelo bisturi. Assim que o instrumento foi colocado em minha mão, tudo que estava à minha volta desapareceu, minha mente se desligou, e naquele precioso momento, era como se estivéssemos na sala apenas eu e o paciente que necessitava de meus cuidados.

Por estar tão concentrada no que estava fazendo, sentia como se estivesse submersa, presa no interior de uma enorme bolha, que me impedia de ver ou ouvir com clareza qualquer coisa dispensável que se passava à minha volta.

Embora toda e qualquer cirurgia exigisse sempre muito cuidado e perícia quanto ao que se está fazendo, no caso da parte neurológica isso se tornava ainda mais arriscado. Estando “dentro” da cabeça de um paciente, qualquer mínimo deslize poderia gerar danos severos e até mesmo ser fatal, algo do qual eu pretendia que não acontecesse.

A cirurgia foi dada por encerrada horas mais

tarde, com o paciente estável e sem que qualquer tipo de intercorrência houvesse me atrapalhado ao longo do procedimento. Depois de certificar mais uma vez que o dreno estava devidamente posicionado, liberei o senhor Valdez para que fosse levado para a ala de recuperação, e só então olhei à minha volta.

Nesse momento, boa parte da equipe já havia deixado a sala, mas ele ainda estava lá. Sentado à minha esquerda, com uma máscara descartável cobrindo parte de seu rosto, Marco me olhava de uma maneira intensa, e por um instante, me perguntei se isso fazia parte de mais um daqueles sonhos perturbadores que eu vinha tendo nos últimos tempos.

— Essa é uma das coisas mais bonitas que já vi. — comentou Marco, me seguindo para fora da sala.

— Ao que você se refere, a remoção de todos aqueles coágulos? Garanto que uma clipagem de aneurisma é mais emocionante.

— Não, Daniela. Eu me referia à maneira como as suas mãos trabalhavam. Acho que passei boa parte da cirurgia hipnotizado por seus movimentos.

Embora suas palavras fossem livres de

qualquer conotação sexual, eu ainda estava sob o efeito de uma forte onda de adrenalina que percorria minhas veias, e tendo-o tão próximo a mim, exalando um perfume tão bom, eu só conseguia pensar em todas as maneiras que as minhas mãos poderiam trabalhar sobre seu corpo, dando-lhe prazer.

Fazendo um esforço absurdo para não me deixar levar por tais pensamentos, agradei ao seu elogio de maneira contida. Sentindo todas as minhas necessidades fisiológicas implorarem por serem atendidas ao mesmo tempo, me despedi de Marco assim que concluí a minha assepsia e saí às pressas, fazendo a minha primeira parada no banheiro mais próximo.

Assim que minha bexiga deixou de me incomodar como se estivesse prestes a explodir, mandei uma mensagem para Rebecca, avisando que estava livre. Recebendo sua resposta segundos depois, entrei no elevador, pressionei o botão do primeiro andar e aguardei pacientemente enquanto ele fazia seu caminho para baixo, em direção à cafeteria.

Por mais que Rebecca estivesse sentada em uma mesa mais afastada, no fundo do refeitório, a

sua presença jamais passava despercebida, isso graças aos cabelos cor de cobre, que se destacavam contra o pijama hospitalar azul-escuro. Assim que seus olhos me encontraram parada junto à porta, Becca mostrou-me dois copos de café, e sem perder mais tempo, me juntei a ela.

— Plantão cansativo? — questionou, empurrando um copo em minha direção.

— Você não sabe o quanto...

Depois de sorver um gole da bebida e olhar para os lados me certificando de que ninguém realmente prestava atenção em nós, me aproximei um pouco mais e sussurrei:

— A pior parte disso foi ter novamente um daqueles sonhos, ser acordada por uma emergência logo depois e dar de cara com Marco em carne e osso.

— Puta que pariu, não sei se isso é sorte ou azar. Você o atacou?

— Rebecca!

— Ah, Dani, isso só pode ser um sinal divino, e você o ignorou. — Deu de ombros, parecendo despreocupada.

— Claro que sim, Becca, porque Deus não tem mais nada com que se preocupar, além da minha

falta de sexo.

Achando graça do meu mau humor, Rebecca empurrou em minha direção o seu muffin de chocolate e me deixou ser feliz consumindo toda cafeína e excesso de açúcar que meu corpo precisava para se manter alerta.

— Obrigada por isso — agradei, mordendo um último pedaço do muffin — Nos vemos mais tarde, Becca. Bom plantão.

Deixando minha amiga para trás, uma vez que seu turno recém havia começado, entrei no elevador, subi quatro andares e segui pelo extenso corredor em direção à sala dos cirurgiões, onde meus pertences estavam guardados.

Assim que a roupa hospitalar foi substituída por meus jeans, uma camisa clara e um par de sapatilhas, deixei a sala pronta para ir para casa e dormir por longas horas ininterruptas.

Ainda pensando no que viria a seguir, pressionei o botão do elevador e então esperei pacientemente, até que o mesmo chegasse ao meu andar. Assim que as portas se abriram, avistei Marco sozinho, distraído com o celular, usando calça e camisa social por baixo do jaleco aberto. Nesse momento, a minha vontade era de inventar

uma desculpa qualquer, dar meia-volta e descer pelas escadas, apenas para não ficar confinada com ele em um espaço tão pequeno, mas sabendo o quanto isso seria ridículo, dei-lhe um sorrisinho discreto quando seus olhos se desviaram da tela do aparelho e encontraram os meus, e adentrei na caixa de metal ao mesmo tempo em que ele recuava alguns passos.

Tentando manter a maior distância possível dele, para preservar a pouca sanidade e controle que me restavam, permaneci parada junto ao painel, alguns passos à sua frente.

— Você fez um belíssimo trabalho, Daniela — disse de repente, quebrando o silêncio e atraindo minha atenção — O senhor Valdez permanece estável e se recupera bem — sorriu, parecendo orgulhoso de meu feito.

— Essa é uma ótima notícia. Se ele permanecer assim, muito em breve poderá ir para casa. — informei a Marco, sentindo-me feliz por saber que, naquele momento, eu encerrava mais um dia de trabalho tendo oferecido o meu melhor a quem precisava.

Antes que caíssemos em um daqueles silêncios desconfortáveis, o elevador anunciou a sua chegada

ao térreo e então abriu suas portas, revelando o amplo saguão que se abria à frente.

— Boa noite, Marco — me despedi, olhando rapidamente em sua direção enquanto avançava para fora do equipamento.

— Daniela — chamou ele, um instante depois.

Detendo-me ao seu chamado, voltei minha atenção para ele. Segurando a porta do elevador para que não se fechasse, Marco me olhava como se estivesse prestes a dizer algo, mas tudo que fizemos, por um longo segundo, foi nos encararmos em silêncio.

Parecendo tomar coragem para dar voz ao que se passava em sua mente, ele fez menção de se aproximar um passo, mas o momento se desfez no instante seguinte, quando algumas pessoas passaram por nós, quebrando nossa conexão visual, e adentraram no elevador para lhe fazendo companhia.

Retirando a mão da porta ao mesmo tempo em que seus ombros cediam ligeiramente sob o jaleco, certamente pela frustração de ter sido interrompido, Marco me encarou uma última vez com seus belos olhos castanhos, que me perseguiram até mesmo em meus sonhos, e então se despediu, com sua voz

grave e um meio sorriso nos lábios enquanto as portas se fechavam diante de mim:

— Tenha bons sonhos, doutora Daniela.

Capítulo 2

Embora fôssemos colegas de trabalho há pouco mais de um ano, Marco e eu nunca havíamos nos tratado com intimidade suficiente para que ele me desejasse “bons sonhos”, e isso foi o suficiente para que suas palavras me acompanhassem por todo caminho até em casa, enquanto mil teorias se formavam em minha mente, até me fazerem cair no sono.

Teria ele descoberto a respeito dos meus sonhos? Será que, de alguma forma, eu havia me denunciado quanto a isso? Por que isso havia começado, afinal?

Agora, praticamente um dia após o ocorrido, enquanto meus passos ritmados seguiam por uma das inúmeras trilhas arborizadas do Parque del Retiro, eu ainda não havia chegado a nenhuma conclusão, e tampouco havia sido capaz de evitar pensar em nosso encontro no elevador, que mais uma vez havia servido de combustível para uma noite de sonhos perturbadoramente eróticos, protagonizados por Marco.

Após 6 km percorridos em um breve intervalo de quarenta minutos, eu não poderia estar me

sentindo mais viva enquanto a bomba de endorfina agia em meu sistema, me dando a sensação de prazer que normalmente apenas uma incrível noite de sexo - algo que eu não desfrutava há um certo tempo – era capaz de proporcionar.

Permitindo-me um momento de descanso antes de voltar para casa, pausei a playlist que seguia tocando em meus fones de ouvido, na intenção de poder ouvir os sons da natureza. Afastei-me da trilha por onde havia corrido e me sentei à sombra de uma árvore, recostada contra o seu tronco em um dos muitos espaços gramados do parque.

Ignorando o relógio e as preocupações diárias que rondavam minha mente, permaneci um bom tempo ali, apenas observando as pessoas que passavam por mim se exercitando; os que faziam piquenique logo adiante, e os turistas que olhavam tudo ao redor, verdadeiramente deslumbrados com a beleza do lugar.

Tendo um dia cheio pela frente, a minha pausa para um descanso durou o suficiente para que desfrutasse do momento, mas no instante que eu me senti recuperada do esforço, segui em direção a uma das muitas saídas do parque.

Parada na calçada junto a um grupo de turistas,

deixei que meu olhar vagasse para o mesmo ponto que a maioria admirava. Diante da imponente construção da Puerta de Alcalá, se estendia um belo tapete de flores das mais variadas cores, que garantiam graça e vida para aquele lugar, rodeado por carros e prédios.

Ainda distraída com toda a beleza das flores, senti meu corpo todo se retesar, quase como uma premonição, e foi então que vi, através de minha visão periférica, o pequeno garoto se soltar das mãos da mãe. A partir daquele momento, tudo pareceu acontecer em câmera lenta, e por mais que eu desejasse, nada pude fazer para impedi-lo de correr em direção à grande avenida, para salvar um cachorro assustado que tentava atravessar.

Devido ao fluxo intenso de carros, naquele momento não havia a menor chance de uma travessia segura, e como era de se esperar, quem acabou se tornando uma vítima foi o pequeno garoto. Após ser atingido pela frente de um veículo, seu pequeno corpinho foi arremessado por alguns metros de distância, antes de cair no asfalto. No mesmo instante em que isso tudo acontecia, a luz verde para travessia de pedestres se acendeu.

Recebendo uma descarga de adrenalina, corri

PERIGOSAS NACIONAIS

em direção ao garoto antes que mais alguém o fizesse e prontamente chequei seus sinais vitais. Com os olhos arregalados e a boca aberta como a de um peixe fora d'água, só pude deduzir que a forte pancada havia lhe deixado sem ar. Estralando os dedos diante de seu rosto, fui capaz de ganhar sua atenção, e dessa forma consegui mantê-lo deitado e tranquilizá-lo, para que respirasse junto comigo, no meu ritmo, o que não foi tão fácil no início, mas que depois de algumas tentativas, acabou dando certo.

Sem desviar minha atenção do garoto, dei uma breve olhada ao redor e notei que às minhas costas alguém telefonava para a emergência, enquanto uma parte consolava a mãe do garoto e outros falavam com a motorista, que aparentemente estava em choque. Pobre mulher, certamente não imaginava que machucaria uma criança ao sair de casa pela manhã.

Eu permaneci ali, parada próxima ao garoto, mantendo-o responsivo enquanto aguardava a chegada dos socorristas. Pouco depois, a mãe do garoto se aproximou com o rosto banhado em lágrimas, o cachorrinho fujão em um dos braços e a mão livre trêmula recobrendo sua boca.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu menino — ela murmurou, acariciando suavemente a cabecinha dele.

— Qual é o seu nome? — perguntei à mulher em prantos.

— Dinorah — murmurou, ainda soluçando.

— Eu sei que é difícil o que vou lhe pedir, mas preciso que a senhora mantenha a calma. Eu sou médica e vou fazer todo o possível para que ele fique bem, ok? — informei, tentando soar o mais otimista possível.

Com um menear de cabeça direcionado a mim e um sorriso terno dedicado ao garotinho, a mulher se manteve ao nosso lado, o que funcionou muito bem para que ambos se acalmassem. — Agora você precisa ficar bem bonzinho para se recuperar logo e poder brincar com seu novo amiguinho — disse a ele, que concordou comigo exibindo um sorriso com alguns dentes a menos.

Pouco depois, a sirene se fez ouvir, mas ainda não era o suficiente para me permitir respirar aliviada. Assim que o veículo estacionou ao nosso lado e os paramédicos se aproximaram, reconheci a equipe de socorro.

— Doutora Daniela, o que temos aqui? — perguntou o doutor Damián, ao se aproximar de nós

com a prancha e o colar cervical em mãos.

Enquanto eu lhe passava as informações necessárias sobre o quadro do menino Júlio, outros paramédicos se aproximaram de nós, e quando estavam prontos para imobilizarem o pescoço do garotinho, ele passou a convulsionar diante de mim.

Enquanto um dos paramédicos amparava a mãe do menino, que agora chorava copiosamente ao nosso lado, os demais me ajudaram a proteger sua cabeça, e nós fizemos o necessário para que ele não se engasgasse com a saliva enquanto seu corpo tremia. Sem ter mais nada a fazer naquele momento, permanecemos ali, apenas esperando e pedindo aos céus para que isso não lhe causasse dano.

Assim como o esperado, a crise não durou muito, e no instante em que seu corpo relaxou, peguei da maleta do paramédico um par de luvas, agulha, seringa e uma ampola com a medicação para que uma nova convulsão não voltasse a acontecer e apliquei no garoto.

Enquanto seu pequeno corpinho, já imobilizado, era colocado no interior da ambulância, informei à mãe que o acompanharia e disse a ela para qual hospital deveria seguir.

Dando-lhe as costas no minuto seguinte, adentrei na ambulância e partimos o mais rápido possível.

Durante o curto trajeto a caminho hospital, telefonei para Rebecca, que estava prestes a deixar o plantão, e lhe informei a situação. Assim que o veículo parou diante das portas da emergência, minha amiga, uma pediatra e outros dois enfermeiros esperavam por nós. A maca foi removida do interior da ambulância e direcionada para dentro do hospital, enquanto eu seguia ao lado do garotinho, informando aos meus colegas de trabalho o que havia acontecido e como vinha sendo a evolução do caso no trajeto.

Meu caminho acabou cruzando com o de Marco, quando o garoto era movido para um dos leitos, e enquanto o pequeno estava aos cuidados de Rebecca e da equipe que agora aferiam seus sinais vitais e tratavam suas escoriações, eu me aproximei de Marco, que esperava por mim um pouco afastado.

— Isso é sério? Você realmente não consegue passar as suas horas de folga longe do hospital? — brincou, tentando aliviar minha tensão.

— Era para ser só uma corrida no parque — resmunguei, deixando os ombros caírem enquanto

respirava calma e profundamente pela primeira vez, desde que eu havia começado o socorro ao garoto.

Parecendo se dar conta dos meus trajes apenas nesse momento, Marco baixou os olhos por meu corpo, arqueou uma sobrancelha e então voltou a me encarar com uma expressão indecifrável.

— Sorte dele você estar lá quando foi preciso, mas agora você deveria ir para casa aproveitar o restante da sua folga. — sugeriu.

— Até parece que farei isso. — neguei com um aceno discreto, incapaz de desviar os olhos do garotinho.

— Você sabe que sou seu chefe, certo? — sorriu de leve, semicerrando os olhos.

— Não sei por que ainda gasta o seu tempo argumentando, até parece que não sabe o quanto sou teimosa. — Provoquei de leve — Vou tomar um banho enquanto aguardo o resultado dos exames, e se for cirúrgico, eu assumo a partir de então.

— Nada do que eu disser vai te fazer mudar de ideia, certo?

— Correto! Que bom que me conhece, doutor Marco. — Sorri ao passar por ele, indo ao encontro de Rebecca.

Diferente do banho relaxante com uma banheira cheia de espuma e uma taça de vinho que eu havia planejado para logo mais à noite, essa chuveirada no vestiário do hospital foi do tipo necessária, uma vez que eu precisava lavar de meu corpo todo e qualquer resquício da corrida e estar pronta caso fosse necessária, dentro da sala de cirurgia.

Abrindo meu armário, apanhei algumas peças de roupas que eu mantinha guardadas ali para uma possível emergência, como era o caso, e as vesti. Com o cabelo preso em uma trança firme, um jeans azul, uma camiseta branca e os tênis de corrida, deixei a sala me sentindo pronta para enfrentar o que estivesse por vir, e segui através dos corredores claros ao encontro da equipe, que esperava por mim com os resultados já em mãos.

— É isso mesmo, pessoal, a TC não mostra nada — informei, encarando o amplo monitor fixado na parede — Mas, ainda assim, quero ele monitorado até amanhã, no início do meu plantão. E se possível, eu gostaria também de um eletroencefalograma — concluí, me voltando para a pediatra, que parecia concordar com a minha indicação.

Assim que deixei a equipe na sala de imagens, passei a caminhar pelos corredores do hospital em direção à pediatria, ao encontro do pequeno Júlio, para que eu pudesse checá-lo uma vez mais antes de ir embora. Sensibilizada com o drama da mãe, dediquei alguns minutos para tranquilizá-la e explicar sobre o quadro do pequeno, que tinha tudo para ter uma excelente recuperação. Quando já não havia mais o que eu pudesse fazer por eles, me despedi, informando que estaria de volta na manhã seguinte.

Sentindo o peso do dia que mal havia começado, tomei o caminho de volta para a sala de descanso dos cirurgiões, e assim que entrei no corredor em questão, Fernando, meu melhor amigo e anestesista do hospital, surgiu, vindo ao meu encontro.

— Ah, aí está você — disse, animado, envolvendo-me em um abraço apertado — Quer dizer então que os boatos sobre a Mulher-Maravilha são verdadeiros? — provocou.

— Deixe de bobeira, Fer. É aquela coisa de estar no lugar certo na hora certa. — dei de ombros, não querendo méritos que não cabiam a mim.

Dando meia-volta e me acompanhando em

direção à sala que estava logo adiante, Fernando jogou um dos braços sobre meus ombros e continuou:

— Chame como quiser, mas acho que isso merece um jantar. — disse, animado e até mesmo um pouco orgulhoso.

Antes que eu tivesse a chance de lhe perguntar a razão de jantarmos juntos, seu nome foi anunciado nos alto-falantes.

— Nos vemos hoje à noite, *corázon* — disse Fernando, beijando o topo de minha cabeça e se afastando logo em seguida.

Por um instante, permaneci parada vendo-o se afastar rapidamente, e quando me virei, pronta para seguir até a sala que estava logo adiante, meu olhar encontrou com o de Marco, que vinha na extremidade oposta do corredor, conversando com um cirurgião.

— Pronta para irmos? — Rebecca perguntou, animada, surgindo diante de mim de repente.

— Ah, claro — respondi, distraída, desviando do olhar de Marco e voltando as minhas atenções para minha amiga — Vamos para casa — concordei, não sem antes olhar para trás mais uma vez e me deparar com o corredor vazio.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

— Chegou quem estava faltando — anunciou Fernando, pontualmente às oito da noite ao adentrar no apartamento que Rebecca e eu dividíamos, com um par de sacola em cada mão.

— Convencido — provoqueei Fernando, sem interromper minha tarefa de organizar a mesa.

— Já não era sem tempo, você demorou! — Rebecca reclamou, indo ao seu encontro — A minha fome é tanta que eu poderia facilmente devorar uma vaca inteira — resmungou, enquanto o ajudava a levar as compras até a bancada no centro da cozinha.

— E quando é que você não está faminta, Becca? — rebateu Fernando, aproximando-se da mesa com as embalagens de comida chinesa, que a essa altura já perfumava todo o ambiente à nossa volta.

— Bom ponto — disse ela, achando graça — Dessa vez não posso discordar — admitiu, apanhando um vinho de nossa mini adega e se aproximando em seguida.

Reunidos ao redor da mesa, como a verdadeira família que havíamos nos tornado, ao longo da

próxima hora, Becca, Fernando e eu nos fartamos com boa comida e uma conversa leve, mas inevitavelmente, em algum momento, nosso trabalho se tornou parte da conversa, e enquanto meus amigos discutiam um caso no qual haviam trabalhado horas antes, meus pensamentos vagaram em direção ao garotinho. Fui trazida de volta ao presente instantes depois, quando Fernando estalou os dedos diante de meu rosto e me deparei com o olhar curioso de Rebecca.

— Onde você estava? — perguntou meu amigo, interpretando de maneira equivocada minha distração.

— Fiquei o dia todo pensando no garoto — admiti, deixando de lado o garfo, que há alguns minutos servia apenas para empurrar a comida de um lado para o outro no prato.

— Como eu imaginei que você faria exatamente isso, fiz questão de passar na pediatria antes de vir, e segundo me disseram, ele permanece estável — informou Fernando, tirando parte da angústia que me consumia.

— Obrigada, Fer — sorri, verdadeiramente agradecida por seu gesto.

— Por que você ficou tão afetada? — Rebecca

perguntou, enquanto reabastecia nossas taças.

— Porque fui pega de surpresa, Becca. Quando estou dentro do hospital, com todos os recursos e esperando que um caso assim venha até mim, eu estou em meu território, mas quando saí de casa essa manhã, eu só planejava correr no parque. — esclareci, bebendo um generoso gole de vinho.

Parecendo compreender os meus motivos e querendo me livrar dessa sensação, meus amigos prontamente mudaram o rumo da conversa, e algum tempo depois, quando o jantar acabou, eu novamente me divertia na companhia deles.

Embora soubesse que a partir do momento em que colocasse o pé no hospital eu cumpriria uma jornada de vinte e quatro horas de trabalho, naquele momento eu ainda não me sentia com sono, e por isso decidimos seguir com a nossa tradição de assistir a uma comédia após o jantar, coisa que vinha nos acompanhando desde os primeiros anos de faculdade.

Com Fernando sentado confortavelmente ao meu lado no espaçoso sofá que ocupava a nossa sala, nós dois seguimos passando por todas as opções de filme disponíveis no catálogo da TV, até decidirmos por um título recém-lançado.

— Becca, já escolhemos, você vem? — chamei por ela, que seguia na cozinha.

— A pipoca está quase pronta, esperem por mim — gritou do outro cômodo, no instante em que os primeiros grãos de milho começaram a estourar.

— Deus, é sério que você estourou pipoca? — perguntou Fernando, assim que Becca adentrou na sala — Nós acabamos de jantar!

— Até parece que você não a conhece — provoquei.

— O quê? — disse ela, dando de ombros — Eu preciso de uma sobremesa depois do jantar e pipoca doce me pareceu muito apropriado.

Ainda parecendo incrédulo com a fome infinita de Rebecca, Fernando acomodou-se melhor no sofá, puxou minhas pernas em sua direção, e antes mesmo que o filme começasse, eu já recebia uma deliciosa massagem nos pés, como só ele sabia fazer.

A nossa noite especial chegou ao fim quando os créditos começaram a subir na tela, indicando o final do filme. Sentindo o peso do longo dia de trabalho que havia tido, Fernando rapidamente se levantou do sofá, depositou um beijo no topo da

cabeça de Becca, que permanecia largada no sofá, e seguiu em direção à porta acompanhado por mim.

— Obrigada por esse jantar, era tudo que eu precisava depois das fortes emoções do dia. — agradei, retribuindo o abraço oferecido por ele.

— Eu sei — disse, confiante.

— Deixe de ser tão cheio de si — provoquei, dando-lhe um beliscão.

Sem se deixar afetar por meu comentário, Fernando depositou um beijo em minha cabeça como fizera com Rebecca e então se despediu, seguindo pelo corredor silencioso logo depois.

Quando fechei a porta de entrada e me virei para o interior do apartamento, a maioria das luzes já haviam sido apagadas, e ao chegar ao corredor que levava aos quartos, me deparei com Rebecca esperando por mim recostada junto à sua porta.

— Boa noite, amiga — disse ela, já vestida com seu pijama floral.

— Para você também. — resmunguei, seguindo em direção ao meu, na outra extremidade do corredor — Bons sonhos para você.

— Até parece — disse ela, revirando os olhos — Nem que eu tentasse por mil anos, os meus sonhos seriam melhores que os seus — piscou, jogando um

beijo em minha direção e fechando a porta em seguida.

Rindo de seu comentário, entrei em meu próprio quarto, troquei minhas roupas por um pijama confortável e caí na cama, pegando no sono quase que instantaneamente.



O céu ainda estava escuro quando as primeiras notas de *Back in Black* começaram a tocar em meu celular, me avisando que era hora de acordar. Não dando chance para que meu corpo fosse dominado pela preguiça com os cinco minutos a mais do modo soneca, tratei logo de levantar da cama e ir para o chuveiro.

Com algum tempo de sobra até o início de meu plantão no hospital, pude fazer tranquilamente minha rotina matinal, que além de uma boa chuveirada para despertar, incluía me arrumar sem pressa alguma e tomar um café da manhã reforçado. Quando deixei o apartamento, uma hora e quinze minutos após o despertador tocar, parte do céu ainda era de um azul escuro, enquanto na

extremidade oposta o sol começava a dar os primeiros sinais de sua chegada.

Com as ruas e avenidas livres de qualquer trânsito a essa hora da manhã, eu tive tempo mais do que suficiente ao longo de meu trajeto para constatar que, após um longo mês com sonhos confusos envolvendo meu chefe, essa noite Marco não havia me visitado. Por um instante isso me deixou intrigada, mas logo depois me senti aliviada. Talvez esse fosse o primeiro sinal de que a obsessão repentina que eu havia desenvolvido por ele estava chegando ao fim.

Adentrando no estacionamento do hospital, parei o carro na vaga de sempre, peguei no banco traseiro minha mochila com tudo que precisaria para as próximas vinte e quatro horas do plantão de sexta-feira, e segui por todo o espaço em direção à entrada. Atravessando as portas automáticas, subi até o quinto andar, onde guardei meus pertences e vesti meu jaleco, antes de seguir para a ala pediátrica.

No posto de enfermagem responsável pelo setor infantil, pude ler o prontuário atualizado de Júlio, e quando finalmente adentrei em seu quarto, não poderia estar me sentindo mais feliz. Tendo

passado bem todo o dia anterior e a noite, até o momento não havia nada que justificasse mantê-lo ali por mais algum tempo, e quando dei a notícia de que o pequeno estava pronto para voltar para casa, mãe e filho comemoraram.

— Nem sei como agradecer o que fez, não apenas por ele, doutora, mas por toda a minha família. Foi Deus quem a colocou junto de nós naquele momento.

Apesar de toda a minha experiência com os procedimentos cirúrgicos mais difíceis e delicados, esse era um daqueles momentos nos quais eu ainda ficava sem saber exatamente como agir ou sem ter o que dizer. Retribuindo o abraço agradecido que a mulher me dava, me despedi de ambos com algumas recomendações e uma consulta de retorno agendada para dentro de alguns dias.

Retornando ao bloco onde os demais pacientes da neuro encontravam-se em recuperação, passei visita em cada um dos leitos, verifiquei prontuários, chequei seus parâmetros, discuti com os residentes a respeito do quadro clínico dos pacientes e a conduta a ser adotada a partir de então, e quando finalmente consegui parar e tomar um copo de café, já era o horário do almoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

O restante da tarde seguiu tão agitado como costumava ser, especialmente por se tratar de uma sexta-feira, onde todos queriam chegar logo em suas casas e acabavam sendo imprudentes no trânsito, provocando acidentes. Com alguns pacientes em um estado mais delicado do que outros, os atendimentos que vieram a seguir foram uma cirurgia de coluna, devido ao forte trauma em uma batida de carro, e a clipagem de um aneurisma em uma paciente de meia-idade que chegou ao hospital com queixa de fortes dores de cabeça.

Com um dia intenso como esse havia sido, só fui conseguir deitar em uma cama macia do alojamento médico quando o relógio marcava mais de meia-noite. Depois de conseguir dormir por três horas ininterruptas, fui solicitada por um colega de outra especialidade para uma avaliação a um de seus pacientes, e tratando-se de algo simples, dentro de pouco tempo eu já estava no alojamento para mais algum tempo de descanso, até ser solicitada novamente, algo que se repetiu pelo restante da madrugada.

O céu já estava claro do lado de fora da janela e a cidade começava a despertar, quando o meu plantão finalmente foi dado como encerrado.

PERIGOSAS ACHERON

Sentindo o peso das longas horas de trabalho somado ao pouco descanso, informei ao neurocirurgião, que assumiria o plantão, tudo que ele precisava saber, e finalmente segui para a sala dos cirurgões.

Quando Becca adentrou na sala, acompanhada de Fernando e de Valentina, a cardiologista braço direito de Marco, eu já havia trocado o uniforme hospitalar por minhas roupas confortáveis e agora bebia uma caneca de chá, acomodada no sofá macio diante da TV desligada.

— Plantão pesado? — perguntou minha amiga, guardando seus pertences no armário ao lado do meu.

— Nada fora do normal para uma sexta-feira. — esclareci, seguindo em direção à pia.

Depois de enxaguar minha caneca e guardá-la de volta em meu armário, coloquei a mochila sobre meu ombro, despedi-me de Fernando e Valentina, que conversavam sobre uma cirurgia que aparentemente fariam juntos, e parei próximo a Rebecca.

— Bom trabalho, amiga. — me despedi, entregando a chave do carro.

— Obrigada, nos vemos mais tarde. Dani,

aproveite para descansar, você está parecendo os zumbis daquele seriado que tanto gosta.

— Ah, Rebecca, sempre tão fofa — retruquei, indo em direção à saída.

Sob os seus protestos de que se preocupava comigo e me amava muito, fechei a porta atrás de mim e tomei o caminho da saída. Quando atravessava o amplo saguão do hospital em direção ao carro que esperava por mim do lado de fora, meu olhar cruzou com o de Marco, que vinha chegando naquele instante. E apenas um simples olhar e um sorriso discreto em minha direção foi o necessário para que eu soubesse que não, a minha obsessão por ele ainda não havia sido superada.

Capítulo 4

Para qualquer outra pessoa, acordar depois das cinco da tarde de um sábado poderia parecer algo estranho, o tipo de coisa que gente desocupada faz, mas quando se é um neurocirurgião, todas regras aplicáveis à maioria simplesmente não funcionam, e dormir nove horas seguidas no dia de folga nunca parece ser suficiente.

Depois de tentar dormir um pouco mais e falhar miseravelmente, deixei de encarar o teto do quarto e saí da cama. Tendo o cansaço substituído por outras necessidades, depois de uma pausa rápida no banheiro, segui até a cozinha e passei a revirar os armários em busca de algo que acabasse com a minha fome.

Dispondo diante de mim dois pães comprados pela manhã no caminho para casa, tomate, presunto, queijo e um pouco de cream cheese, finalmente me permiti saborear de um desjejum mais do que tardio, acompanhado de uma xícara de café expresso.

— Olha só quem está acordada — Rebecca disse, animada, adentrando no apartamento após cumprir seu plantão de doze horas.

— Aparentemente o meu corpo está cansado de descansar, isso faz algum sentido? — questionei, enquanto a assistia deixar suas coisas sobre o sofá e seguir até o lavabo.

Achando graça de meu comentário, Becca se aproximou, ocupando uma cadeira diante de mim, e antes que eu pudesse impedi-la de pegar um de meus lanches que estavam sobre a mesa, ela já estava lhe dando uma mordida generosa e me encarando como um cãozinho abandonado, implorando por piedade.

— Qual a boa de hoje? — perguntou Rebecca, após um longo minuto de silêncio no qual ela passou devorando o lanche.

— Pensei em comprarmos uma pizza e fazer uma maratona com o seriado de zumbis. Está comigo?

— O quê? Ah, Daniela, não, não mesmo! Sobre a pizza não vejo problema, mas você não pode estar falando sério quanto a ficar em casa. — exclamou Rebecca, revirando os olhos em descrença.

— Oi? Você não deveria estar morta de cansaço e desejando rastejar para a cama depois do plantão?

— Talvez, mas a agitação toda do dia me

deixou muito mais animada do que cansada, e se isso tanto a preocupa, tenho tempo de sobra para dormir um pouco antes de encarar uma noitada, que por sinal não inclui seriado de zumbis.

— Uau, me desculpe se o meu seriado é pouco para você, senhorita popular. — Retruquei, não perdendo a oportunidade de provocá-la apenas por diversão.

— Sem desculpas dessa vez. — disse, irredutível — Você vem comigo, Dani!

— Rebecca, eu não...

— Daniela, você tem a carga horária mais maluca que um cirurgião pode ter, passa a maior parte dos seus dias metida dentro daquele hospital, e como se não fosse o suficiente, usando aqueles pijamas cafonas. No seu quarto há um maldito closet cheio de roupas bonitas e sapatos caros apenas esperando para serem usados. Agora, me responda com sinceridade: você realmente quer passar a sua noite de sábado em casa, assistindo TV?

Sem ter argumentos para lutar contra Rebecca, que era uma das pessoas mais centradas dentro de uma sala cirúrgica, e um verdadeiro terremoto fora dela, resolvi ceder ao seu pedido carregado de

preocupação por minha falta de vida social e me permiti um pouco de diversão.

— Sua manipuladora! — acusei, deixando a mesa e levando a louça suja até a pia.

Saltitando como um gnomo do mal, Rebecca veio até onde eu estava e me envolveu em um abraço apertado, enquanto repetia várias e várias vezes “obrigada”.

— Deixe essas coisas aí que eu mesma lavo, o que você deve fazer agora é tomar um bom banho e ficar ainda mais linda. Hoje é dia de colocar nossos bumbuns para dançar. — Piscou, animada, afastando-me da pia e assumindo o lugar que eu ocupava.

Usando todo meu autocontrole para não explodir em uma gargalhada, segui os conselhos de Rebecca e fui em direção ao meu quarto, mas antes que a porta se fechasse, pude ouvi-la dizer:

— Vou comprar uma pizza para o jantar, Fernando vem nos buscar às onze.

— Eu deveria saber que você não estaria sozinha nesse plano maligno — Devolvi, ouvindo sua risada se misturar ao barulho da torneira aberta.

Com algumas horas livres antes da vinda de Fernando, aproveitei para continuar a leitura de um

romance que há dias estava esquecido sobre o criado mudo devido a minha falta de tempo. Com o passar dos capítulos, meus olhos se tornaram pesados pelo sono que eu acreditara já ter sido superado. Sabendo o quanto os excessos dessa noite me custariam no dia seguinte, resolvi me render a um cochilo. Quando despertei, algum tempo depois, coloquei a banheira para encher e despejei alguns sais de banho na água quente. Cada parte de meu corpo relaxou no instante em que fiquei submersa, e isso só confirmou o que já sabia, eu estava trabalhando demais.

Ao me tornar uma renomada neurocirurgiã, eu havia abdicado de outras partes de meu ser. Em algumas raras situações, eu gostaria de ter o poder para separar a medicina de minha vida pessoal, mas ao pensar um pouco mais a respeito, me dava conta de que sem essa parte eu não existiria, e era nesse momento que encontrava forças para passar por cima de minhas incertezas.

Quando a água perdeu boa parte de seu calor e deixou de ser agradável, saí da banheira, apliquei uma loção hidratante em meu corpo, e ainda trajando apenas um robe de cetim com uma toalha enrolada em meus cabelos, parei diante de meu

armário, analisando minhas opções.

Considerando que do lado de fora fazia uma agradável noite de verão, retirei do armário um vestido azul-marinho com discretos detalhes dourados, que ficavam evidentes sob a luz de acordo com meus movimentos. Com um decote acentuado que variava entre o elegante e o sensual, o tecido leve abraçava meu corpo nos lugares certos, terminando no meio de minhas coxas.

Mesmo não planejando terminar a noite dividindo a cama com alguém, decidi que me sentiria bonita da cabeça aos pés, então, retirei de minha gaveta de lingerie um conjunto de renda também azul-marinho, totalmente sexy, que combinava perfeitamente com o vestido escolhido.

Deixando as peças dispostas sobre a cama para não amassarem, sequei meus cabelos, modelei as pontas douradas em cachos grandes para dar um certo movimento, apliquei uma maquiagem mais pesada em meus olhos, de maneira que destacasse a cor escura de minha íris e um batom nude nos lábios. Quando Rebecca bateu a minha porta, horas mais tarde, chamando-me para jantar, eu estava quase pronta.

Após comer três generosas fatias de pizza, que

serviriam de base para os drinks que eu sabia que beberíamos ao longo da noite, retornei ao quarto, escovei os dentes, terminei a maquiagem que seguia incompleta e então vesti cada uma das peças que estavam sobre a cama, finalizando o look com um scarpin Louboutin nude nos pés, um bracelete dourado em um dos braços e um cinto delicado, também dourado, marcando o contorno de minha cintura.

No instante em que abri a porta de meu quarto, pronta para ir até a sala ao encontro de Rebecca, me deparei com ela paralisada no corredor, me encarando como se eu fosse uma completa estranha e eu soube que havia acertado em cheio nas minhas escolhas.

— Como sempre, você não erra uma, hein, Dani.

— Só eu, né, olhe só para você! Toda ousada com a barriga à mostra.

— Já que Deus me deu um super metabolismo, nada mais justo que eu me aproveite disso — piscou, passando a mão sobre suas roupas, ajeitando-as uma vez mais.

Por passar longas horas usando pijamas cirúrgicos sem graça como ela mesma os

denominava, a cada oportunidade que Rebecca tinha de ousar, ela fazia isso, e o cropped dourado, combinado com a saia preta de cintura alta, era a prova disso.

Com seu rosto delicado como o de uma boneca, os cabelos cor de cobre e os olhos cor de mel, Rebecca parecia ser uma mulher delicada e adorável, mas bastava vê-la em ação na sala de trauma, ditando ordens à equipe e dando tudo de si para salvar um paciente, para que a sua imagem angelical se desfizesse.

— Quem te vê assim, toda mocinha, não imagina a ogra que você pode ser. — provoquei, ao passar por ela e seguir em direção à cozinha.

— Shhh, esse é o nosso segredo... Hey, seu cabelo ficou incrível! – disse, animada, vendo meu cabelo solto e arrumado pela primeira vez em dias.

— É tão estranho vê-lo com outra cor. — admiti, ainda insegura de minha mudança.

— Apesar de seu cabelo ao natural ser muito bonito, acho que era hora de uma mudança. Essas mechas mais claras fizeram toda a diferença nos fios escuros, parece que além de iluminar a cor do seu cabelo, valorizaram ainda mais o dourado da sua pele, que por sinal eu morro de inveja.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que coisa feia de se dizer, Rebecca — disse em falsa repreensão, enquanto despejava vinho em duas taças.

Pegando de cima da bancada a bebida que lhe oferecia, Becca parou por um instante com a taça a caminho de sua boca, olhou-me de cima a baixo, em seguida olhou para a sua própria roupa, exibiu um de seus sorrisos diabólicos e disse, por fim:

— acredite em mim, nós estamos definitivamente vestidas para matar.

Achando graça de sua constatação, terminei de beber o líquido rubro no exato instante em que Fernando chegou para nos buscar.

— *Aí, Dios*, eu não poderia estar melhor acompanhado — declarou ele, se colocando entre nós duas.

Morando em uma região bem localizada como a nossa, em um dia comum não levaríamos mais do que quinze minutos no trajeto de nossa casa até o bairro de Salamanca, onde se concentravam os bares e baladas mais sofisticados de Madri, mas, especialmente nessa noite agradável de verão, todos pareciam ter pensado a mesma coisa, e agora todos nós seguíamos para o mesmo lugar.

Quando finalmente paramos diante do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estabelecimento e eu me dei conta do que estava prestes a fazer, compreendi que não havia mais volta e tudo que eu precisava fazer, a partir de então, era me divertir.

Como se quisesse me passar um pouco mais de confiança, ou apenas se exhibir por estar na companhia de duas mulheres bonitas, Fernando entregou a chave do carro ao *valet*, pousou suas mãos na base de nossas costas, e juntos seguimos em direção à entrada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

— Eu me recuso a ver você sentada aí a noite toda, apenas bebendo — protestou Becca, ocupando o banco à minha esquerda, enquanto esperava por sua bebida.

Diferente do que ela parecia acreditar, permanecer sentada junto ao bar, ou na mesa reservada que ocupávamos desde nossa chegada, não se tratava de uma afronta a ela, mas sim um ligeiro desconforto por sentir que não pertencia a esse lugar.

— Eu prometo que, terminando esse copo, eu me junto a você. — Garanti, tentando soar o mais convincente possível.

Apesar de termos praticamente a mesma idade, Becca era a mais bem-disposta e espírito livre de nós duas, a que estava sempre se aventurando em festas nas noites de Madrid. Por outro lado, eu era a que ficava em casa na companhia de seriados, ou quando me sentia mais disposta para sair e aproveitar a noite, me juntava a ela e a Fernando em algum bar.

— Essa sua *sangria* parece ser eterna, já que você repetiu isso das últimas três vezes e sua

bebida sequer chegou à metade. — Declarou ela, antes de pegar seu copo do balcão e voltar para a pista de dança, nada satisfeita com mais uma desculpa vinda de minha parte.

— Sua amiga está certa, você deveria ir dançar e se divertir — disse uma voz masculina, vinda do banco ao lado do meu.

Indecisa entre ignorar o estranho ou lhe dar a resposta que merecia ouvir por se intrometer em assuntos que não lhe diziam respeito, sorvi um generoso gole da bebida adocicada diante de mim e me virei de frente para ele, mas tudo que eu pretendia dizer morreu em minha garganta, porque diante de mim estava Marco, me encarando com uma sobrancelha arqueada e um sorriso divertido nos lábios.

— O que ia me dizer? — provocou-me, com seu já conhecido olhar arrogante.

— Você é atrevido, doutor Marco. — devolvi, bebendo o líquido rubro em meu copo — Não deveria se intrometer dessa maneira... — adverti, exibindo um sorriso de canto que deixava claro a minha brincadeira.

— Diz isso porque realmente me acha intrometido, ou porque sabe que Rebecca e eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos certos? — perguntou Marco, me encarando com os olhos semicerrados e um sorriso discreto nos lábios.

— As duas coisas — admiti, sorvendo mais um gole — Na verdade, digo isso porque estou me divertindo à minha maneira... Isso aqui é totalmente fora de minha zona de conforto. — falei, sinalizando o espaço à nossa volta.

— E por acaso eu pareço ser o rei da balada? Relaxe, Daniela, já que está aqui, aproveite a noite. — Piscou, bebendo um gole de seu whisky.

— Só preciso de um pouco mais de coragem líquida — confessei, brincando com o canudo.

Levando a conversa para outro caminho sem questionar minha resposta, Marco fez com que eu relaxasse e me sentisse confortável de estar ali, especialmente em sua presença, que vinha se tornando perturbadora desde que os sonhos haviam começado, mas no instante em que meu copo se esvaziou por completo e fiz menção de solicitar um novo ao barman, ele decidiu intervir.

— Passamos tempo demais aqui, agora você me deve uma dança.

— Eu nunca te prometi uma dança.

Encarando-me em silêncio por um instante,

PERIGOSAS ACHERON

Marco apoiou a mão sobre o balcão, inclinou-se ligeiramente em minha direção, de maneira que nossos rostos ficassem a poucos centímetros de distância, e sem desviar o olhar do meu, declarou:

— Veja bem, Daniela, eu tenho diante de mim não apenas uma das mulheres mais bonitas desse lugar, como também a melhor neurocirurgiã da Espanha, algo que poucos aqui sabem. Já devo ter desencorajado dois ou três homens que planejavam tirá-la para dançar, então o que você acha de ir até lá e dançar comigo, para que eu possa deixar o caminho livre para você se divertir à sua maneira, pelo restante da noite?

Pega completamente de surpresa por suas palavras — que eu preferia acreditar terem sido encorajadas pelo álcool — e sem qualquer argumento capaz de ir contra tudo que Marco havia dito — e eu sabia ser verdade — aceitei a mão que me era oferecida, desci do banco sentindo meu corpo todo mais leve, graças à *sangria*, e caminhei ao seu lado em direção à pista de dança.

Parada frente a frente com Marco, que trajava uma camisa escura dobrada até a altura dos cotovelos, ligeiramente mais apertada do que eu estava acostumada a vê-lo usando, e uma calça

jeans clara que marcava bem o contorno de suas coxas, a situação toda me pareceu estranha e até mesmo um tanto desconfortável, afinal de contas, nós nunca havíamos sido assim tão próximos, e tampouco havíamos estado em uma situação como essa antes, o que de início me fez dançar com movimentos mais controlados.

Provando que a minha estranheza não havia passado despercebida por ele, Marco aproveitou-se da primeira oportunidade que teve e apoiou uma mão em minha cintura, aproximando-se um pouco mais, de modo que nossos rostos estivessem colados e sua boca muito próxima do meu ouvido.

— Relaxe, doutora — provocou — Eu não irei mordê-la. — disse por fim, antes de recuar alguns centímetros e descer o olhar para meus lábios, enquanto cada parte de mim desejava que ele fizesse o oposto do que havia prometido.

Incapaz de dizer se havia sido a nossa proximidade repentina, o seu toque em minha cintura ou a provocação sussurrada ao pé do ouvido, naquela fração de segundos algo aconteceu com meu corpo, e isso foi o suficiente para que toda a tensão se dissipasse.

De olhos cerrados, com o álcool agindo em

meu sistema e a mão de Marco em meu quadril, resultando em uma combinação perigosa, me deixei levar pela vibração da música que agora percorria minhas veias, fazendo com que eu me movesse livremente, dançando sem qualquer restrição ou timidez diante dele. Naquele instante, nós éramos apenas duas pessoas se divertindo.

Como não poderia deixar de acontecer, ao longo da dança nossos corpos se aproximaram mais, tocando-se vez ou outra de uma maneira mais íntima, como se já houvéssemos feito aquilo muitas outras vezes, e ter essa constatação associada ao generoso drink que eu havia ingerido fez com que uma série imagens criadas em meus sonhos ressurgissem em minha mente, deixando-me aturdida ao mesmo tempo em que me fazia desejá-lo ainda mais.

Durante todo o tempo em que a música tocava alta e nós dançávamos em sintonia, Marco me encarava de uma maneira diferente, indecifrável, e quando a música chegou ao fim, minutos mais tarde, agradei pelo momento com um amplo sorriso, me sentindo verdadeiramente feliz.

Aproveitando o início de uma nova música, pedi a Marco que retornássemos ao bar, e quando

seu olhar confuso me mostrou que ele não havia compreendido uma única palavra que eu dissera, voltei a me aproximar, apoiei uma mão em seu ombro e sussurrei em seu ouvido:

— Preciso de outra bebida.

Concordando com um aceno, Marco surpreendeu-me uma vez mais ao apoiar uma mão na base de minha coluna e me conduzir em direção ao bar. Antes que deixássemos a pista, meu olhar encontrou com o de Rebecca, que agora dançava na companhia de um estranho, um pouco mais afastada de Fernando e nossos outros amigos.

Mesmo sem saber o quanto ela havia visto de meu momento com Marco, seu olhar divertido e o sorriso travesso destinado a mim facilmente me permitiam supor que, independente de qualquer coisa, ela estava satisfeita com meu desempenho na pista.

Diferente de instantes atrás, agora o bar encontrava-se mais cheio e sem lugares livres onde pudéssemos nos acomodar, então Marco se colocou entre o aglomerado de pessoas e pediu nossas bebidas, e assim que lhe foram entregues, seguimos até os assentos dispostos na área VIP, que ainda se encontravam vazios.

Contrariando o que havia oferecido quando me arrastou para a pista pela primeira vez, Marco não pareceu ter qualquer intenção de me deixar sozinha após aquele momento, e permaneceu junto de mim toda a noite, ora bebendo e conversando, ora me arrastando para mais uma dança ali mesmo, me proporcionando uma noite muito mais agradável e divertida do que eu havia imaginado que seria.

Mesmo com tantas responsabilidades sobre suas costas, naquele momento de descontração, completamente oposto ao que vivenciávamos diariamente nos corredores do hospital ou dentro do centro cirúrgico, Marco estava se mostrando uma pessoa leve e muito bem-humorada, um lado de sua personalidade que até o momento eu desconhecia.

— Oook, minha noite termina aqui, não aguento mais — choraminguei para ele, sentindo meus pés reclamarem dentro do sapato — Isso aqui conseguiu me cansar mais do que o plantão de vinte e quatro horas! — exclamei, ganhando como resposta uma sonora gargalhada.

— Que bom que você disse isso, eu não queria ser o primeiro a dar o braço a torcer e parecer um velho — admitiu, fazendo-me engasgar com o drink que bebia, antes de enfim conseguir

gargalhar.

Ligeiramente alterada por todas as sangrias ingeridas ao longo da noite, não me opus quando Marco rodeou minha cintura com seu braço forte, deixando-me totalmente consciente de seu corpo colado ao meu, enquanto nos encaminhávamos para a saída.

Do lado de fora seguia fazendo uma noite quente e agradável, com uma suave brisa fresca que soprava vez ou outra, fazendo meu corpo quente se encolher contra o de Marco, enquanto esperávamos a chegada do táxi.

Depois de muito argumentar que estava bem, que não precisava ser acompanhada até em casa e perder a discussão, deslizei para o banco traseiro do carro a contragosto, murmurando uma saudação ao motorista, ao mesmo tempo em que Marco se colocava ao meu lado e repetia o gesto.

— Deixe de ser teimosa, Daniela. Não me custa nada fazer isso, além do que, ficarei mais tranquilo em saber que você chegou bem.

Sem qualquer disposição para entrar em uma batalha perdida contra ele, deixei que o suave balanço do carro me relaxasse e meu olhar se perdesse nas luzes da cidade que passavam rápido

através da janela. Sem saber ao certo como isso havia acontecido, só percebi que minha cabeça estava repousada contra o ombro de Marco quando o carro parou diante de meu prédio, fazendo-me sair de um devaneio.

— Espere aqui, por favor, eu não devo demorar — Marco pediu ao motorista, antes de me ajudar a descer do carro e me acompanhar até a portaria.

— Com todo esse cuidado, agora só falta você querer me colocar na cama. — resmunguei, me arrependendo no segundo seguinte, quando as muitas fantasias criadas em meus sonhos afloraram em minha mente.

Me dando como resposta um arquear de sobrancelhas bem sugestivo e um sorriso malicioso nos lábios, Marco ignorou meus protestos e seguiu caminhando ao meu lado, com a mão em minhas costas até o elevador.

No instante em que me vi confinada com ele em um espaço tão pequeno, porém, repleto de lembranças de algo que só havia acontecido em minha imaginação, afastei-me alguns passos, tentando me agarrar à pequena porção de sobriedade que me restava, para evitar fazer algo que pudesse me arrepender mais tarde.

Assim que chegamos ao meu andar, um dos últimos do prédio, Marco se afastou para o lado, me dando passagem, e sem que eu pudesse controlar mais um pensamento impulsivo, deixei escapar:

— Você não precisa disso para olhar minha bunda, não quando eu sei que fez isso muitas vezes durante a noite.

A sonora gargalhada de Marco em meio ao corredor silencioso foi como um choque de realidade para todas as merdas que eu vinha falando e pensando desde que o álcool passara a agir deliberadamente em meu sistema, e em um momento de desespero, me perguntei se havia deixado escapar algo mais constrangedor.

— Eu não estou olhando para sua bunda, Daniela. — disse Marco, tentando disfarçar o riso enquanto caminhava ao meu lado em direção ao final do corredor.

Depois de colocar a chave na fechadura e destravar a porta, recostei-me contra a madeira às minhas costas, de frente para Marco, que agora encontrava-se escorado no batente próximo a mim, e me permiti encará-lo por um instante, sem toda a confusão de luzes e sons na qual havíamos passado a maior parte da noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não lembro quando foi a última vez que me diverti tanto, e nem por um instante pensei que me divertiria assim com você. — declarei.

— Isso quer dizer que você me acha um chato? — ele perguntou, com um toque de diversão na voz.

— Isso quer dizer que você me surpreendeu — confessei, falhando miseravelmente na missão de não encarar seus lábios, que agora me pareciam muito convidativos.

— Certamente não mais do que eu. — disse Marco, aproximando-se ligeiramente — Daniela... — começou ele, em um sussurro baixo.

Incapaz de lutar contra a força que me empurrava em sua direção, especialmente ao ouvir meu nome sair de seus lábios assim, em um sussurro, avancei os poucos centímetros que mantinham nossos rostos separados e cobri seus lábios com os meus.

Como se estivesse esperando e desejando que isso acontecesse tanto quanto eu, Marco não perdeu tempo, e no instante seguinte uma de suas mãos se infiltravam entre os meus cabelos e a outra rodeava minha cintura, deixando nossos corpos colados, pressionando-me contra a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Exatamente como eu havia imaginado, os lábios de Marco se mostraram macios, convidativos e extremamente experientes ao me beijar, ora de maneira lenta e provocadora, ora exigente. Completamente entregue ao momento, rodeei seu pescoço com meus braços, me ajustando melhor contra seu corpo, enquanto deslizava minha língua para dentro de sua boca.

Lábios, línguas e dentes trabalhavam em sintonia, travando uma intensa batalha da qual não havia perdedores. Aturdida por todo desejo que agora corria livremente por minhas veias, fui trazida de volta à realidade pelo grunhido que escapou de seus lábios, acompanhado de sua respiração tão ofegante quanto a minha.

Mordiscando e sugando meu lábio inferior uma última vez, após o término do beijo, Marco permaneceu imóvel, com a testa encostada contra a minha, nossos narizes se tocando e os olhos carregados de desejo me encarando, certamente da mesma maneira que eu o fazia.

— Bons sonhos, Daniela — sussurrou, antes de me roubar um último beijo e se afastar, deixando-me imóvel contra a porta.

— Eu os terei, pode ter certeza — provoqueei,

PERIGOSAS NACIONAIS

assistindo-o entrar no elevador.

Antes que as portas se fechassem por completo, tive um vislumbre de seu olhar sedutor acompanhado de um sorriso malicioso, e naquele instante eu soube que essa noite não passaria em branco.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Como era de se imaginar, após a noite chegar ao fim com um beijo arrebatador, algo do qual eu havia fantasiado por tempo demais, Marco povoou os meus sonhos, mas dessa vez, sentia que havia algo a mais, e enquanto eu encarava o teto do quarto, com acontecimentos reais e imaginários se misturando em minha mente, concluí que isso se devia ao fato de agora ter consciência de quão bom era beijá-lo.

Decidida a não pensar mais em Marco e em tudo que havia acontecido, ao menos enquanto fosse possível evitar tal assunto, rastejei para fora da cama sentindo a cabeça pesada por toda bebida ingerida e segui diretamente para o banheiro. Depois de aliviar a pressão em minha bexiga, lavar o rosto e escovar os dentes, reuni um pouco de coragem e coloquei os pés para fora do quarto, indo em direção à cozinha agarrada à esperança de não encontrar Rebecca.

— Bom dia, Bela Adormecida — minha amiga cantarolou, antes mesmo que eu a visse.

Incapaz de ignorar as pontadas em minhas têmporas, mais um dos efeitos causados pela

ressaca física e moral que eu vinha sentindo desde que havia despertado há algum tempo, retribuí a saudação com um simples resmungar e segui até a cafeteira.

Enquanto o líquido mágico era preparado, Rebecca passou a tagarelar sobre o almoço tardio que preparava, e sentindo-me incapaz de aguentar mais de seu monólogo, me vi forçada a interrompê-la:

— Eu só queria saber o seu segredo para não estar de ressaca depois de beber o mesmo tanto, se não mais, do que eu — resmunguei, antes de beber um gole do expresso e apoiar a testa sobre a mesa.

— Como uma boa médica que é, Doutora Daniela, você deveria saber que precisa beber água nos intervalos entre os drinks. — Me repreendeu, indo de um lado para o outro na cozinha.

Com a caneca vazia diante de mim, levantei-me da mesa, ainda sentindo como se o peso do mundo estivesse sobre minha cabeça, coloquei a louça suja dentro da pia e passei a recolher de dentro dos armários todos os utensílios que precisaríamos para o almoço. No instante em que a mesa estava devidamente organizada, Rebecca colocou diante de mim uma fornada de croquetes

de presunto, uma travessa de pasta italiana e outra menor com salada.

— Eu não sei o que aconteceu na noite passada, mas você acordou realmente inspirada e bem-disposta. Obrigada por isso.

— Pois eu faço minha as suas palavras, exceto pela parte de estar inspirada e bem-disposta... Na verdade, me parece que você está escondendo algo.

— Ponderou Rebecca, me encarando através da mesa.

— Não aconteceu nada — resmunguei, me defendendo rápido demais e ganhando como resposta um arquear de sobrancelhas — Eu só bebi mais do que estou acostumada.

— Certo, e isso foi antes ou depois de você sair de lá acompanhada do Marco? — disse Rebecca, com falso desinteresse.

Sabendo que não seria possível fugir desse assunto por tempo demais, contei a Becca com riqueza de detalhes tudo que havia acontecido desde que ela havia me deixado no bar, até o momento em que eu me joguei para cima dele diante de nossa porta e o beijei. Parecendo verdadeiramente surpresa ao final de meu relato, minha amiga agora me encarava em silêncio, com

os olhos arregalados e o garfo cheio de comida a meio caminho de sua boca.

— Diga alguma coisa — pedi, angustiada, após um breve silêncio.

— Você é uma filha da mãe muito, muito sortuda! — declarou Rebecca, exibindo um sorriso zombeteiro antes de levar a comida à boca.

— Obrigada, eu acho... — agradei, sentindo parte da tensão em meus ombros se desfazer.

— Por que “eu acho”? Não entendi, Daniela.

— Ah, Becca, sei lá, é complicado. Apesar de todos esses sonhos que venho tendo com ele, não pretendia misturar as coisas. — Justifiquei, tentando organizar meus pensamentos de maneira coerente.

— Dani, é você quem está complicando as coisas — declarou com firmeza, deixando os talheres repousados no prato ainda cheio e voltando sua atenção para mim, como se eu fosse uma garotinha — Você não queria isso? — concordei com um aceno — Então, o que há de errado, amiga!? Você estava com vontade, ele também, vocês se divertiram, se beijaram e pronto. Se você acha que não é certo, que isso pode te prejudicar ou sei lá que outra desculpa queira usar, apenas não

deixe se repetir, mas pelo menos você saciou sua vontade, ou parte dela. — Piscou, voltando a comer.

Com Rebecca me fazendo enxergar as coisas sob uma nova perspectiva e constatar que nem tudo era um problema como eu preferia acreditar, deixei de lado toda a confusão que estava em minha mente e desfrutei junto de minha amiga um delicioso almoço, enquanto ouvia suas histórias da noite passada.

Tendo o restante do domingo livre, Becca e eu aproveitamos para fazer maratona de um novo seriado que falava sobre o assalto à casa da moeda espanhola. Com um balde de pipoca cada uma, sequer vimos as horas passarem, e quando o sono resolveu nos fazer companhia, nós nos despedimos e seguimos para nossos quartos, dando o dia por encerrado.

As sete horas de sono que vieram a seguir fizeram bem ao meu corpo, e quando despertei na manhã seguinte, eu me sentia descansada e bem-disposta, pronta para encarar um novo plantão de doze horas com todas as surpresas que ele poderia me reservar.

Depois de um banho rápido apenas para tirar a

preguiça do corpo, me vesti com uma camisa clara de tom azul, calça social e sapatilha, fiz uma maquiagem discreta e natural, apanhei o jaleco e a bolsa com tudo que precisaria para sobreviver às próximas horas, e segui para a sala, onde Rebecca esperava por mim, parada próximo à porta.

Embora pertencêssemos a especialidades diferentes, nós tínhamos a sorte de trabalharmos juntas na maioria dos plantões, e isso facilitava não apenas a ida e a volta para casa, como também ajudava nos momentos de estresse que surgiam ao longo do dia.

Jogando para o fundo de minha mente qualquer pensamento que pudesse me levar na direção de Marco e do que eu encontraria pela frente, aproveitei todo o trajeto até o hospital para falar amenidades com Becca, que parecia se esforçar em me distrair contando coisas engraçadas da noite de sábado. Quando finalmente paramos de rir, já adentrávamos no estacionamento do hospital, e assim que o carro estava devidamente alinhado na vaga, ambas saltamos para fora e atravessamos o estacionamento indo em direção à entrada.

Depois de me despedir de Rebecca, que tinha coisas a resolver no setor administrativo antes de

assumir o seu plantão, segui em direção à sala dos cirurgiões, no quinto andar, mas antes que de fato pudesse chegar até ela, Carmen, uma enfermeira adorável, veio ao meu encontro.

— Estava prestes a lhe chamar, doutora. Temos um paciente em estado grave realizando alguns exames, mas o Doutor Roberto já antecipou que o caso é cirúrgico e pediu que lhe fosse encaminhado.

— Ok, Carmen, por favor, agilize esses resultados enquanto guardo meus pertences, e se o anestesista, o doutor Fernando Montez, estiver de plantão, por favor, inclua-o na equipe.

Concordando com um aceno e partindo apressada no instante seguinte, retomei o meu caminho e segui na direção oposta da mulher o mais rápido que meus pés poderiam ir, e ao abrir a porta, a primeira coisa que vi foi Fernando mais adiante, com uma xícara de café.

— Que bom encontrar você aqui. Estou indo para a cirurgia e você vem comigo. — informei a Fernando, que me respondeu com um simples arquear de sobrancelhas.

— Bom dia, *corazón*! Como tem passado desde a noite de sábado, quando nos vimos pela última vez? — provocou, atravessando a sala e ocupando

uma poltrona próxima dos armários.

— Desculpe meus péssimos modos, Fer, mas o dia já começou daquele jeito. — Justifiquei, enquanto empurrava meus pertences de qualquer jeito no armário.

Sem tempo a perder e com uma amizade de longa data com Fernando, que inevitavelmente havia nos atribuído certa intimidade ao longo dos anos, substituí minha calça social por um short justo e retirei a camisa elegante, ficando apenas com um top esportivo. Sendo um amigo prestativo, antes que eu precisasse atravessar a sala a fim de buscar o uniforme hospitalar que estava em outro armário, Fernando já o trazia para mim.

— Desculpo seus maus modos se me contar sobre seu sumiço na noite de sábado. A última vez que a vi, você estava se divertindo com o *chefe* — provocou, fazendo uma chantagem barata comigo.

— Eu fiquei bêbada e cansada, e ele me acompanhou até em casa — declarei, pegando o uniforme de suas mãos e vestindo a calça logo a seguir.

Parando próximo a mim e apoiando um braço no armário, Fernando criou uma espécie de jaula à minha volta, mantendo-me presa entre seu corpo e

o metal frio às minhas costas.

— Porque será que eu tenho a sensação de que você está me escondendo algo? — insistiu, me encarando com seus belos olhos verdes e exibindo um sorriso persuasivo.

Cruzando os braços contra o peito e encarando Fernando com impaciência, eu estava prestes a lhe dar uma bronca por estar me atrasando, quando a porta se abriu e por ela entraram Marco e Valentina.

Capítulo 7

Marco

— Que bom que te encontrei, preciso discutir um caso — anunciou Valentina.

Juntando-se a mim na caminhada pelo labirinto de corredores do hospital, ela seguiu relatando o caso em questão enquanto eu permanecia calado, ouvindo atentamente suas palavras e tentando acompanhar sua linha de raciocínio, mas no instante em que atravessamos a porta da sala de descanso dos cirurgiões e meus olhos encontraram com os de Daniela, presa entre Fernando e o armário, em um momento que parecia ser íntimo demais, deixei de ouvir toda e qualquer coisa que Valentina me dizia.

Interrompendo-se por um instante, Tina os saudou com animação, não parecendo notar que havíamos interrompido algo que acontecia entre eles. Sem qualquer disposição para dizer algo no momento, apenas meneei de leve a cabeça em um cumprimento silencioso e segui adiante, até a extremidade da sala.

Tentando não demonstrar que encontrá-los naquela situação de alguma forma havia me surpreendido, fiz um grande esforço para voltar a

me concentrar no que Valentina seguia relatando do caso, porém, sem desviar os olhos dos dois, que após a interrupção haviam se afastado.

De costas para mim, vestindo apenas a calça larga do uniforme e um top esportivo, que logo foi coberto pela blusa também do uniforme, Daniela parecia evitar olhar em minha direção propositalmente, enquanto Fernando seguia falando baixo com ela, completamente alheio à ligeira tensão que havia se formado entre ela e eu.

Trazendo-me de volta ao presente, Valentina permanecia parada próxima a mim, me encarando com seus olhos claros, à espera de uma resposta para algo que havia me perguntado. Como eu havia deixado de ouvi-la no instante em que atravessamos a porta, respondi da maneira mais genérica possível, de forma que não denunciasse minha falta de atenção.

— Preciso pensar sobre isso com calma, Valentina.

Concordando com um aceno, ela se afastou em direção ao seu armário, e quando o barulho da porta soou às minhas costas e olhei para trás, Daniela e Fernando já não se encontravam mais no cômodo.

— Você parece distante, aposto que não ouviu

nada do que eu disse — apontou Valentina — Eu perdi algo?

Ponderando por um instante a melhor resposta a lhe dar e sabendo que de qualquer forma, ela arrancaria a verdade de mim, me servi de uma xícara de café e me acomodei na extremidade do sofá antes de dizer:

— Daniela e eu nos beijamos.

— Uauuu. Ok, isso é algo que eu não havia previsto, preciso de mais detalhes — disse animada, servindo-se de uma xícara de chá e juntando-se a mim a seguir.

— Nós nos esbarramos em uma balada no sábado, bebemos juntos, dançamos e nos beijamos no final da noite, quando eu a levei até a sua casa.

— Declarei com simplicidade.

— Marco, por favor, eu preciso de mais detalhes — disse com o olhar pidão, alisando por cima do uniforme largo sua barriga ligeiramente saliente.

— Não tente usar sua gestação como chantagem para cima de mim, Valentina — alertei com diversão — Além do que, não há mais nada a dizer, e eu tenho uma cirurgia a realizar. — Concluí, antes de me levantar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Despedindo-me de Valentina com um afago rápido em sua barriga, deixei a sala logo depois e tomei o elevador para o primeiro andar, e enquanto adentrava no bloco cirúrgico, respirei fundo para esvaziar a mente.

Tendo em meu cronograma três substituições de válvula cardíaca, uma após a outra, me mantive ocupado por toda a manhã, com os pensamentos focados no trabalho a ser realizado e no bem-estar dos pacientes, mas assim que os procedimentos chegaram ao fim e eu me encontrei sozinho em minha sala, rodeado por papéis que esperavam para serem lidos e boa parte deles assinados, o rosto de Daniela surgiu em minha mente.

Mesmo com a memória nebulosa sobre acontecimentos de um ano atrás, uma lembrança em particular invade a minha mente. A vez em que eu a vi em ação em um hospital de Barcelona, logo após o conselho administrativo do hospital sugerir a sua contratação como chefe do departamento de neurocirurgia. Sem saber quanto do que diziam a respeito da jovem neurocirurgiã que vinha ganhando a Espanha era verdade, decidi pagar para ver o motivo de tanto prestígio que envolvia seu nome.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela tarde, Doutora Daniela Gutierrez realizou um procedimento complexo e grandioso, o tipo de cirurgia que a maioria dos cirurgiões evitariam plateia, afinal de contas, as chances de algo sair errado eram consideráveis, mas isso não pareceu a abalar. Muito segura de si, Daniela adentrou no centro cirúrgico pouco depois de eu me acomodar em um canto da sala junto à equipe, e naquele momento, antes mesmo que a cirurgia começasse, eu já sabia que um belo espetáculo aconteceria diante de mim.

Com mãos delicadas e muito firmes, a mulher dona dos olhos castanhos mais intensos que eu já havia visto parecia preencher o espaço por completo, hipnotizando a todos com suas mãos que trabalhavam habilmente no paciente. Quando o procedimento chegou ao fim, horas mais tarde, não me restava dúvidas de que a sua reputação era mais do que merecida, e que eu precisava tê-la comigo em Madrid, integrando minha equipe.

Sentindo uma pontada incômoda em minhas têmporas, desviei os olhos dos papéis que estive inutilmente tentando ler nos últimos instantes, e recostei minha cabeça contra o couro da cadeira. De olhos fechados, tentei afastar meus pensamentos

para longe dela, mas falhei miseravelmente no instante seguinte.

Com olhos expressivos, um sorriso arrogante de quem sabia ser boa no que estava fazendo e um profissionalismo indiscutível, Daniela chegou aonde nenhuma outra havia sido capaz nos últimos anos, e me fez questionar algumas vezes o que aconteceria se eu decidisse ultrapassar a linha imposta por mim mesmo e misturar o lado pessoal e profissional.

Nas vezes que em que estivemos no mesmo ambiente na companhia de outros colegas, pude observar pequenas nuances de sua personalidade, e quanto mais eu me atentei a isso com o passar do tempo, mais misteriosa e indecifrável ela me pareceu.

Agora, somado a isso tudo, ainda havia a lembrança de sua cabeça apoiada em meu ombro, durante o trajeto até sua casa, seguida de nós dois pressionados contra sua porta, nos beijando fervorosamente após uma noite de diversão.

— Quando você fecha os olhos e franze a testa dessa maneira, só há uma coisa que pode ajudar: café! — disse Valentina, atraindo minha atenção para a porta, que agora se fechava às suas costas.

— Ah, Valentina, o que seria de mim sem você?

— Provavelmente nada, agora beba seu café e me diga o que o preocupa. — ordenou, ocupando a cadeira posicionada à minha frente, do outro lado da mesa.

— Ainda não me acostumei com o fato de que em breve você vai ter uma criança nos braços. — admiti, sorvendo um gole do café oferecido por ela, enquanto observava sua barriga.

— Sinceramente? Eu também não. Acho que só conseguirei acreditar quando o bebê estiver em meus braços. — confessou, alisando carinhosamente sua barriga — Mas agora chega de falar de mim. O que o preocupa?

— Primeiramente o fato de você estar tomando café...

— Não ouse tirar isso de mim! A obstetra disse que posso beber moderadamente, e é exatamente isso que estou fazendo. Sabe o que eu acho? Que talvez você não tenha me contado tudo que aconteceu. Já aviso logo, Marco, nem tente esconder algo de mim, nem tente!

Sabendo que diante dela eu não passava de um livro aberto, me acomodei melhor na cadeira, sorvi

mais um gole do expresso e lhe dei mais alguns detalhes, embora não houvesse muito o que dizer, já que havíamos nos beijado apenas uma vez.

Ao final de meu breve relato, Tina me encarava com curiosidade, e eu tinha certeza que as engrenagens em sua mente trabalhavam a todo vapor.

— Agora tudo faz sentido — declarou ela, deixando-me confuso — Não foi o fato de vocês terem se beijado que o deixou estranho hoje cedo, mas sim o fato de encontrá-la tão próxima de Fernando.

— Deixe de inventar histórias, Tina, foi apenas um beijo.

— Mas você gostou de beijá-la. — apontou, sem me dar espaço para uma recusa. — O que você pensa em fazer agora?

— Eu não sei — admiti, sentindo-me encurralado por suas palavras — Nada, eu acho. Não pretendo me meter entre ela e Fernando, no que quer que tenham.

— Espere, isso é uma rachadura? — perguntou de repente, indicando algum ponto atrás de minhas costas.

Seguindo a direção de seu dedo, olhei tudo que

havia diante de mim, desde os quadros pendurados, até a pintura da parede, e nada encontrei.

— Não consigo ver nada, Valentina.

— Está bem aí, Marco, no seu escudo impenetrável. — Provocou, sorrindo com deleite.

— Abusada, não é assim que se trata um amigo quando ele está com problemas — resmunguei, sorvendo o último gole do expresso diante de mim.

— Marco, o único problema que eu vejo aqui é o fato de você estar prestes a se sabotar. Você não tem certeza de nada. — disse, exasperada, ao se levantar — Se fosse qualquer outra mulher, eu diria para você dar espaço e esperar, porque ela provavelmente viria até você, mas não acho que com Daniela será assim. Se você quer realmente descobrir se foi só um beijo e se outros podem acontecer, você vai ter que arregaçar as mangas e partir para o ataque, querido. — declarou, beijando minha bochecha e saindo da sala logo a seguir, não me dando chance de lhe perguntar mais nada.

Após a saída de minha amiga, esforcei-me ao máximo para afastar toda e qualquer distração de minha mente, sendo capaz de focar nos papéis dispostos à minha frente. Quando finalmente apaguei as luzes de minha sala e dei o expediente

por encerrado, longas horas haviam se passado e o relógio sobre minha mesa já marcava quase nove da noite.

Enquanto caminhava tranquilamente pelo longo corredor em direção aos elevadores, procurei uma maneira de descobrir se Daniela e Fernando tinham algo, ao mesmo tempo em que tentava encontrar uma forma de me aproximar dela sorrateiramente, mas alguns passos depois, constatei que quanto mais eu pensava a respeito, menos eu conseguia chegar a uma resposta.

Após adentrar no elevador vazio, permaneci parado próximo à saída, desejando que ninguém se juntasse a mim na descida, uma vez que eu não estava em meu melhor humor, mas assim que as portas passaram a deslizar uma de encontro a outra, uma voz ansiosa, acompanhada por passos apressados, surgiu no corredor, pedindo que esperasse por ela. Pressionando um dos inúmeros botões do painel, interrompi a ação do equipamento, e meio segundo depois, Daniela surgia diante de mim.

Recuando alguns passos em direção ao fundo do elevador para lhe dar mais espaço, não pude deixar de notar quando ela olhou em minha direção

exibindo um sorriso desconcertado, certamente se lembrando de algumas noites atrás, quando me mandou não olhar para sua bunda. O que Daniela mal sabia era que, para mim, a parte mais atraente de seu corpo eram os seus olhos.

— Teve boas cirurgias? — perguntei, tentando quebrar a ligeira tensão que pairava entre nós.

— Sim, algumas emergências ao longo do dia, mas tudo acabou bem — afirmou sorrindo de leve, antes de se voltar para as portas fechadas diante de si.

— Sabe, Daniela, Fernando é um cara legal ... — deixei escapar, dando voz a meus pensamentos.

— Desculpe? — perguntou, encarando-me agora com uma expressão confusa.

— É, embora não sejamos tão próximos, ele é um cara bacana, além de um excelente profissional.

— Concordo com você, mas não entendo aonde pretende chegar com isso.

— Se eu soubesse que há algo entre vocês, não teria deixado a situação chegar até onde chegou na outra noite — esclareci, sem desviar meus olhos dos dela.

— Fernando e eu não somos nada além de bons amigos, portanto, não vejo problema no que

aconteceu, além do que, quem o beijou fui eu.

Com o tom determinado de sua voz e a intensidade de seu olhar praticamente me desafiando a dizer o contrário, diminuí a distância que havia entre nós, parando bem próximo a ela.

— E se eu desejasse retribuir, seria um problema? — perguntei quase como um sussurro, ajeitando uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

Quando seus olhos se iluminaram com o mesmo brilho que eu já vira ali antes, não me restou dúvida que ela desejava aquilo tanto quanto eu, então deslizei para sua nuca a mão que ainda pairava próximo ao seu rosto, e a trouxe para mais perto, até não restar espaço algum entre nossos lábios.

Capítulo 8

O som do elevador anunciando que havíamos chegado ao térreo foi o sinal que precisei para me afastar de Marco e conseguir entender o que estava acontecendo. Ainda atordoada por nossa proximidade, me despedi dele com apenas um “boa-noite”, e sem lhe direcionar um segundo olhar, sai às pressas, antes que as portas se fechassem. Com passos rápidos, segui em direção ao estacionamento, onde encontrei Becca apoiada contra o carro, à minha espera.

— Que cara é essa, Dani? Até parece que viu um fantasma! — provocou Rebecca, arrancando-me do estado de torpor que eu me encontrava.

— Marco me beijou no elevador — confessei, me deixando cair contra o banco macio, ainda processando o que havia acabado de acontecer.

— Como assim, o Marco te beijou no elevador? — Becca perguntou, repetindo minhas palavras, parecendo tão surpresa quanto eu havia ficado.

— Merda, isso não podia ter acontecido — bufei, cobrindo o rosto com as mãos.

— Você não deveria fazer tanto alarde, foi só

um beijo. Duvido que se fosse com qualquer outro você ficaria assim.

— Esse é o ponto, Becca, se fosse qualquer outro, isso não teria acontecido. — suspirei, tentando clarear meus pensamentos — Eu posso lidar com sonhos eróticos, posso lidar perfeitamente bem com o fato de tê-lo beijado quando estava sob efeito do álcool durante a minha noite de folga, mas nos beijarmos no elevador do hospital? Isso só prova o quanto estou fora de mim.

Sabendo que nada do que dissesse seria capaz de tirar esse pensamento de minha mente, Becca se manteve em silêncio por longos minutos, até não conseguir controlar sua ansiedade e perguntar:

— O beijo ao menos foi bom? — disse baixo, com um toque de diversão na voz.

— Tão bom quanto o primeiro — admiti com um sorrisinho nos lábios, dando-me por vencida.

Com o rádio do carro ligado, o restante do curto trajeto até nossa casa foi feito sem que Becca e eu trocássemos uma única palavra, e eu não poderia estar mais agradecida por ela me conhecer tão bem a ponto de saber o quanto eu precisava daquele espaço.

A primeira coisa que fiz ao entrar em casa foi

correr para o banho, uma vez que minha mente ainda fervilhava de pensamentos desconexos.

Sob o jato do chuveiro, senti minha mente se esvaziar, para depois, pouco a pouco, se encher com os acontecimentos do dia, me permitindo enxergar tudo com um pouco mais de clareza.

Ao longo dos anos, algumas pessoas já haviam suposto que Fernando e eu éramos um casal, devido ao nosso nível de amizade e intimidade, e não poderia culpá-las desse equívoco. No fundo, nós até nos divertíamos com isso, mas ao ser flagrada por Marco tudo mudou, e pela primeira vez, eu me senti desconcertada por estar em tal situação.

Embora não desejasse obter dele nada além do que já havia conseguido na outra noite e tampouco tivesse a intenção de chamar sua atenção, estar na mira de seu olhar sério despertou sentimentos confusos em mim, tão confusos a ponto de eu desejar que um buraco se abrisse sob meus pés e me tragasse para dentro dele, apenas para me ver livre de ter que encará-lo.

Esclarecer a Marco que o que ele havia visto não era o que realmente parecia ser, estava completamente fora de questão, mesmo ele sendo meu chefe, e por isso me senti aliviada quando a

conversa se encaminhou nessa direção, algo que eu de fato não havia previsto que aconteceria, me permitindo assim deixar tudo às claras e livre de qualquer mal-entendido.

Mas dentre todas as coisas improváveis que já haviam acontecido naquele breve instante de conversa, terminar a noite sendo beijada por ele, estando ambos sóbrios, em nosso local de trabalho e correndo o risco de sermos flagrados por qualquer um, definitivamente não era algo para o qual eu estava preparada.

Cansada de muito pensar sem conseguir chegar a uma conclusão racional para o que motivou isso tudo e como eu realmente me sentia a respeito, fechei o registro do chuveiro sentindo o corpo mais leve da tensão acumulada ao longo das horas de trabalho. Vesti um pijama limpo e confortável e me juntei à Rebecca na cozinha.

Durante o jantar, consegui evitar pensar em qualquer coisa que me levasse de encontro a Marco, e isso nos permitiu ter um momento agradável, no qual Rebecca me deixou saber como havia sido seu plantão, e compartilhamos os casos que havíamos atendido ao longo de todo o dia. Como era de se esperar, o cansaço não tardou a se

PERIGOSAS NACIONAIS

instalar em nossos corpos, e sem perder tempo, apagamos todas as luzes da casa e seguimos para nossos quartos, localizados em direções opostas do corredor.

Prestes a fechar a porta às minhas costas, interrompi o movimento no instante em que a voz de Rebecca se fez ouvir no corredor, chegando até mim:

— Não seja tão dura consigo mesma, Dani — disse, com a voz calma — Não dá para ter o controle de tudo o tempo todo.

Aceitando suas sábias palavras, agradeci minha amiga com um sorriso otimista e lhe desejei uma boa-noite, almejando, com todas as minhas forças, que a minha também fosse.



Após uma excelente noite de sono, o meu dia de folga começou com uma manhã de verão especialmente bonita, que acabou por me motivar a tomar o desjejum na pequena mesa disposta em nossa varanda, me proporcionando uma boa vista da cidade.

PERIGOSAS ACHERON

Tomada pela inquietação e o desejo de aproveitar o belo dia que fazia do lado de fora, não pensei duas vezes antes de aceitar o convite de Fernando para uma corrida no parque, quando este me enviou uma mensagem.

— O Fer está nos chamando para correr, você vem? — perguntei à Rebecca ao passar por ela, que agora encontrava-se esparramada no sofá, com os olhos pregados em um livro.

— Dessa vez eu passo o convite, tem uma batalha acontecendo — respondeu, incapaz de desviar os olhos da página diante de si.

Achando graça de seu jeito, mas compreendendo bem o sentimento, porque vez ou outra eu me pegava fazendo o mesmo quando tinha um livro interessante diante de mim, segui até o meu quarto, substituí o pijama por um short e uma regata próprios para corrida, calcei o par de tênis depois de prender o cabelo, e em menos de quinze minutos, eu estava indo ao encontro de meu amigo, que esperava por mim na portaria de nosso prédio.

Morando a apenas algumas quadras de distância do *Parque del Retiro*, Fernando e eu optamos por ir caminhando enquanto desfrutávamos das belezas da cidade nessa estação

do ano.

Embora fosse apenas uma manhã de terça-feira, o clima agradável havia atraído um punhado de pessoas para o parque, e por isso, logo após chegarmos ao nosso destino, nós seguimos por uma trilha utilizada preferencialmente por corredores.

Após cinco quilômetros correndo em meio às belezas da natureza que nos rodeava, Fernando e eu optamos por um descanso em frente ao lago, ocupado em sua maioria por turistas, que passeavam despreocupadamente em seus barquinhos.

— Dani, aconteceu alguma coisa que você queira me contar? — disse tranquilamente, antes de beber um gole de seu isotônico

— Por que a pergunta? — falei, tentando não soar tanto na defensiva.

— Tenho te achado um pouco distraída ultimamente, e ontem pela manhã você ficou toda estranha comigo, de uma hora para a outra. — declarou, com os olhos fixos em mim.

Por mais que desejasse compartilhar o ocorrido com Fernando, pela primeira vez em tantos anos de amizade, eu não sabia quais palavras usar com ele, então, optando por fazer exatamente como havia

sido com Rebecca, disse de uma vez:

— Marco e eu nos beijamos sábado à noite, e quando ele nos viu próximos daquele jeito no hospital, agi por impulso e nem pensei com clareza antes de te afastar. Desculpe, Fer.

— Então você está tendo um caso com Marco?
— provocou, me encarando com uma sobrancelha arqueada.

— Não, foi apenas um beijo. Dois, na verdade... Nós nos encontramos no elevador ontem, no final do plantão, e aconteceu outra vez.

— Hum, está certo. — disse tranquilamente, me oferecendo a bebida.

— Não, Fer, não está nada certo. Na verdade, está tudo errado. Eu não quero estar em um relacionamento.

— Ele te propôs algo? — disse, surpreso, encarando-me com seus olhos verdes bem abertos.

— Não... Para ser sincera, acho que estou sendo equivocada, desejando eliminar qualquer possibilidade antes mesmo que ela exista.

— Concordo, você está sofrendo por antecipação. Sabe, Dani, eu gostaria de entender o que fez seu coração se fechar assim — refletiu Fernando, após um momento de silêncio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinceramente? Às vezes, eu também gostaria... No fundo, acho que foram as minhas escolhas. — Ponderei.

— Como assim?

— Embora meus poucos relacionamentos duradouros não tenham dado certo, eu não passei por experiências ruins. Até onde sei, nunca fui traída, e se for tomar por base o casamento de meus pais, eu só deveria ter boas expectativas quanto a estar com outra pessoa, mas a realidade não é assim.

— E quanto às escolhas, quais foram elas? — insistiu, parecendo verdadeiramente interessado em me ajudar.

— Bem, acredito que a minha maior e mais importante escolha foi colocar a profissão em primeiro lugar. Não há como chegar ao topo da montanha se ficar caminhando em círculos ou se distraindo com o que encontrar pelo caminho. — Dei de ombros — Além do que, você sabe tanto quanto eu que não é fácil encontrar alguém capaz de lidar com a nossa ausência quase que constante. Não temos uma vida regrada.

— Não costuma ser fácil, a menos que essa pessoa tenha uma rotina parecida com a sua...

PERIGOSAS ACHERON

Sem argumentos para derrubar o que Fernando havia dito, porque de certa forma, eu até acreditava em sua teoria, apenas deixei que o assunto morresse enquanto seguia acompanhando com o olhar as mais diversas pessoas que passavam por nós.

— Talvez você deva tentar fazer como eles — Fernando disse após um tempo, direcionando minha atenção para um barco no centro do lago, que estava sem os remos — Talvez você apenas deva se deixar levar...

Concordando com um aceno de leve, permaneci observando atentamente o barco sem realmente pensar em nada, até ser interrompida por Fernando, minutos mais tarde.

— Pronta para mais cinco quilômetros? — desafiou, já se colocando de pé, sabendo que de maneira alguma eu recusaria.

Capítulo 9

— Nós deveríamos parar com isso — sussurrei, tentando soar convincente ao ouvir um barulho de porta alguns andares acima de nós.

— Você já deveria saber que o proibido é mais gostoso e que isso funciona muito bem para nós — garantiu, sem deixar de distribuir beijos por meu pescoço.

— Marco, por favor, alguém pode nos pegar aqui — choraminguei, enquanto sentia meu corpo se derreter ao seu toque.

Sem se dar ao trabalho de me responder, Marco me calou com um beijo. Enquanto uma de suas mãos segurava a parte de trás de minha cabeça, ditando a intensidade do beijo, a outra deixou de me acariciar nos seios e deslizou por minha barriga, fazendo meus músculos se contraírem ao seu toque, parando somente ao alcançar o cós da calça larga.

Sem qualquer dificuldade, seus dedos se infiltraram por dentro da peça, deslizaram por cima do tecido de minha calcinha e só pararam ao chegar ao meio de minhas pernas. Agindo muito mais por impulso para atender às necessidades de

meu corpo, afastei ligeiramente as pernas em um convite silencioso, lhe dando livre acesso ao ponto onde eu mais precisava ser tocada.

— Você ainda vai acabar comigo — sussurrei contra seus lábios.

— Esse é o plano — provocou, mordiscando minha orelha antes de recuar alguns centímetros, de maneira que pudesse me olhar nos olhos.

Sem compreender o que ele pretendia com essa distância toda, além de me torturar ainda mais de desejo, vi seu distanciamento fazer todo sentido no instante em que dois de seus dedos deslizaram para dentro de minha calcinha e me tocaram com delicadeza.

Com os olhos arregalados, a respiração entrecortada e um grunhido de prazer preso na garganta, pude ver todo o meu desejo refletido nos olhos de Marco, que agora se deleitava com minha inquietação ao ser tocada por ele na escadaria do hospital, entre o terceiro e o quarto andar.

Estando completamente entregue ao desejo a ponto de ignorar tudo à minha volta, inclusive a razão, e com pouco tempo para desfrutar do momento antes que alguém nos flagrasse, Marco passou a alternar as carícias entre meu clítoris e

minha entrada, empurrando-me mais em direção ao limite do prazer, até eu não ser mais capaz de aguentar.

Dentre todas as experiências sexuais que já havia desfrutado na vida, acordar com o corpo ardendo de desejo a ponto de estar com os dedos dos pés formigando e o meu sexo úmido implorando por algum contato, era, sem dúvidas, a melhor e a mais frustrante de todas elas, principalmente por saber que isso tudo era provocado inconscientemente por ele.

Após passar os últimos quatro plantões trabalhando no período da noite, com a esperança de esquecer os acontecimentos que envolviam Marco e eu no elevador, cheguei a acreditar que meus esforços estavam dando certo, especialmente quando nossos caminhos não voltaram a se cruzar nenhuma vez durante toda a semana.

Por um momento, imaginei que o destino estivesse me dando uma trégua, uma oportunidade para colocar de volta no lugar tudo que Marco havia bagunçado com alguns beijos, mas após acordar de tal maneira, para mim estava muito claro que todo o esforço empregado de nada havia adiantado.

Sem tempo para dar ao meu corpo o pouco de prazer que ele pedia, silencieei pela segunda vez o despertador do celular, que insistia em tocar *Back in Black*, saltei da cama antes que mudasse de ideia e corri para o banho frio, com a esperança de que isso bastasse pelas próximas doze horas, caso contrário, eu piraria.

De volta à minha rotina normal com plantões diurnos, cheguei ao hospital na companhia de Rebecca, e tão logo guardei os meus pertences, e me encaminhei para o consultório, onde passaria a parte da manhã realizando consultas que já haviam sido agendadas, fui solicitada por um colega de outra especialidade para avaliar um de seus pacientes, que se encontrava na UTI.

Com o elevador preso no segundo andar há pelo menos um minuto, não tive outra alternativa para atender ao chamado que não fosse indo de escada. Empenhada em não levar um tombo e me arrebentar toda na descida, segui a passos apressados com os olhos fixos nos degraus que surgiam diante de mim.

— Bom dia, Daniela — Marco saudou ao passar por mim, fazendo com que eu interrompesse a descida apenas para olhá-lo seguindo na direção

contrária à minha.

— Bom dia, Marco — respondi, a tempo de ver um breve sorriso estampar o seu rosto, antes que ele desaparecesse na curva da escada.

Permanecendo ali por mais um instante, não pude evitar pensar que dentre todos os lugares possíveis para nos encontrarmos no dia de hoje, isso havia acontecido justamente na escadaria, cenário de meu sonho mais recente.

Afastando novamente as distrações e colocando Marco no fundo de minha mente, retomei a descida com cuidado e atenção redobrada, e pouco tempo depois, eu chegava ao andar desejado.



— Às vezes, acho que ao invés de um cérebro racional, o que você tem dentro da cabeça é um monte de engrenagens. Como isso é possível? — questionou Rebecca, horas mais tarde, quando nos encontramos no refeitório, parecendo verdadeiramente intrigada com os recentes acontecimentos relatados por mim.

— Isso foi quase um *déjà vu*. Você consegue

imaginar a minha cara ao me dar conta disso? Amiga, eu devo estar ficando louca, isso não pode ser normal. — ponderei, como se fosse a coisa mais óbvia do universo.

Antes que Rebecca pudesse dizer qualquer coisa sobre minha colocação, a tela de seu celular se acendeu e o aparelho começou a vibrar em sua mão, sinalizando um chamado de emergência, que agora colocava fim ao nosso almoço que mal havia começado.

Sem ter outra opção, terminei minha refeição sozinha, e assim que o prato diante de mim estava devidamente vazio, deixei o refeitório e fui em busca de um lugar onde poderia trabalhar com mais calma e atenção no caso que eu havia assumido algumas horas atrás.

Equipada com dois computadores dispostos lado a lado em uma bancada e quatro monitores grandes pregados à parede, a sala de imagem era utilizada não apenas para checar resultados de exames, como também para estudar casos clínicos e realizar breves pesquisas, exatamente o que eu precisava no momento.

Tendo a sala vazia e silenciosa toda para mim, deixei apenas uma luz fraca acesa e me instalei no

computador mais afastado da porta. Com o histórico do paciente aberto na tela, as imagens de seus exames em exibição nos monitores grandes e o site de artigos científicos aberto no navegador, eu estava pronta para encarar mais um desafio.

— Merda — resmunguei ao pegar o copo e notar que estava vazio. Prestes a voltar minha atenção para o monitor, fui surpreendida por uma gargalhada vinda do meu lado direito, que fez com que eu me sobressaltasse na cadeira. — O quê? — perguntei a Marco, que eu sequer havia visto chegar, mas que agora ocupava uma cadeira próxima à minha e me encarava com um sorriso amplo.

— Você tem repetido isso nos últimos cinco minutos — deu de ombros, parecendo se divertir com a minha distração — Aqui, fique com esse — ofereceu, colocando um copo diante de mim.

Ligeiramente surpresa com seu gesto, alternei o olhar entre ele e o copo, e quando a necessidade de uma dose de cafeína falou mais alto, acabei me rendendo.

— Espere, você esteve me observando nos últimos cinco minutos? — perguntei, parando com o copo a meio caminho de meus lábios, finalmente

processando o que ele havia dito.

— Bem, eu estava trabalhando bem aqui, você quem não notou. — disse rapidamente, erguendo as mãos de maneira defensiva, sem deixar de sorrir.

— Agora a culpa é minha? — indaguei, sorvendo um gole da bebida para esconder meu próprio sorriso — Deus, isso é muito bom... Obrigada — suspirei, verdadeiramente agradecida por seu gesto.

— Disponha — piscou, voltando-se para o seu monitor sem deixar de sorrir.

Voltar a me concentrar em minha pesquisa não foi tão fácil, especialmente após ter consciência de que Marco estava ao meu lado, mas quando isso finalmente aconteceu, me desliguei de tudo à minha volta, e por isso voltei a me assustar quando sua voz quebrou o silêncio:

— Você deveria relaxar um pouco. — sugeriu — Pela maneira como está tensa, debruçada sobre a mesa, vai acabar com o pescoço travado — completou, parecendo verdadeiramente preocupado.

— Eu adoraria relaxar, já que não sei há quanto tempo estou olhando para esse computador sem conseguir chegar a nada, mas não posso. —

resmunguei, deixando a cabeça tombar para trás contra o encosto da cadeira e sentindo uma fisgada na curva de meu pescoço, confirmando o que Marco havia dito sobre minha má postura.

— E se eu te mostrar o meu caso e você o seu, quem sabe pensando em voz alta ajude no raciocínio? — ofereceu.

— Hum... ok, acho que posso me divertir um pouco ouvindo sobre corações — provoquei, arrastando minha cadeira ligeiramente para mais perto da dele, o que me pareceu um grande erro quando seu perfume chegou até mim, me fazendo recordar de todas as outras vezes em que estivemos tão próximos, até mais do que agora.

A hora seguinte acabou por se tornar o meu maior símbolo de resistência desde que as coisas haviam ficado um tanto bagunçadas entre mim e Marco. Embora nossos casos pertencessem a especialidades diferentes, nós conseguimos, como bons profissionais e ótimos colegas de trabalho, comentar o caso um do outro, e quando seu celular tocou, levando-o para fora da sala com um pedido de desculpas no olhar, eu percebi que o caso no qual eu havia trabalhado por horas, sem solução, finalmente estava resolvido, e que além de muito

útil, estar em sua companhia durante aquele breve período havia sido muito agradável.



“Emergência. Sem horas para sair, nos vemos em casa, bj.” — dizia a mensagem de Rebecca.

“Ok, o carro fica para você, bj.”

Deixando o carro para trás, conforme eu havia informado à minha amiga, passei a caminhar pelo estacionamento silencioso em direção à calçada, onde eu poderia chamar um táxi, mas antes mesmo que eu chegasse ao portão de saída, fui abordada por Marco.

— Problemas com o carro? Talvez eu possa ajudá-la.

— Não, problema algum. — sorri, agradecida por sua preocupação — Rebecca pegou uma emergência no fim do plantão e não sabe que horas vai sair, então deixei o carro para ela — esclareci, depois de me aproximar de sua janela.

— Hum, certo. Então posso lhe oferecer uma carona? Eu estava mesmo querendo falar com você.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei,

alarmada.

— Nada com que se preocupar, vamos, eu te conto no caminho. — insistiu gentilmente. Sem motivos reais para recusar sua oferta, e com a curiosidade à flor da pele, acabei aceitando o convite e entrando no esportivo escuro dirigido por ele.

No breve trajeto do hospital até minha casa, Marco deu continuidade à conversa sobre minha abordagem cirúrgica que havia sido interrompida mais cedo, e embora eu estivesse me corroendo por dentro de curiosidade para saber o que ele tinha de tão importante para me dizer, compreendi que com isso ele tentava ganhar tempo até precisar de fato revelar o que realmente planejava me dizer, e por isso esperei pacientemente, me permitindo, vez ou outra, admirá-lo disfarçadamente enquanto dirigia.

Depois de estacionar em frente à portaria de meu prédio e desligar o carro, um indicativo de que ele não tinha realmente pressa para partir, Marco virou-se ligeiramente no banco, ficando de frente para mim tanto quanto possível, enquanto uma de suas mãos fortes segurava o encosto do assento que eu ocupava. Espelhando sua posição, ajeitei-me melhor no banco, ficando frente a frente com ele, e

mais uma vez esperei.

— Eu tenho dois convites para lhe fazer, Daniela — começou, fazendo com que meu nome saísse um pouco mais grave e sedutor de seus lábios — Mas gostaria que você aceitasse o primeiro antes que eu diga do que se trata o segundo. — completou, com um toque de suspense.

— Ok... — concordei, ainda incerta.

— Há algo importante, relacionado ao hospital, que preciso tratar com você, Daniela. Porém, antes de dizer qualquer coisa a respeito, preciso de mais informações, que devem chegar até o final da semana. Aceita jantar comigo no sábado? — disse tranquilamente, com o olhar firme sustentando o meu, fazendo com que o convite mais improvável soasse extremamente natural.

— Convite aceito — deixei escapar, surpreendendo a mim mesma com a rapidez com a qual a resposta impulsiva foi dada.

Com um sorriso charmoso se desenhando em seus lábios, Marco foi capaz de afastar para longe todo e qualquer motivo capaz de me fazer voltar atrás e recusar seu convite.

— Fico feliz que tenha aceito. Eu mantereí contato até lá e então combinaremos com mais

detalhes.

Ainda espantada com a minha resposta, senti sua mão apoiar a base de minha nuca ao mesmo tempo em que assistia seu rosto se aproximando lentamente, e quando pensei que seus lábios viriam de encontro aos meus, eles se desviaram, apenas um pouco, e tocaram meu rosto, bem próximo de minha boca, apenas para se afastar no instante seguinte, deixando-me atordoada.

Agarrando-me ao pouco de lucidez que me restava, balbuciei um “boa noite” para Marco, que seguia sorrindo para mim, e desci do carro, andando apressada em direção à entrada do prédio, enquanto tentava entender a razão de me sentir desapontada por não ter sido beijada por ele.

Capítulo 10

Escolher uma roupa adequada para o jantar não havia sido uma tarefa fácil, especialmente por Marco ter mantido em segredo, durante nossa breve troca de mensagens, o lugar de sua escolha.

Depois de muito olhar as opções em meu closet, optei pelo mais seguro, apostando em um vestido que se ajustava perfeitamente às curvas de meu corpo, com a parte superior branca, a inferior preta, e uma bonita renda nas mesmas cores, que além de suavizar a transição entre um tecido e outro, valorizava a minha cintura fina. Finalizando a composição com um par de sandálias pretas nos pés e um batom vinho nos lábios, encarei o reflexo no espelho, dando-me por satisfeita com as minhas escolhas no exato instante em que o interfone tocou, anunciando a chegada de Marco.

Recostado contra seu esportivo escuro, elegantemente vestido com um terno cinza e uma camisa azul, ambos em tons claros que combinavam perfeitamente com a agradável noite de verão, Marco esperava por mim com um semblante sério e os olhos cravados na entrada do prédio, mas bastou que eu me aproximasse um

pouco mais para que sua expressão se transformasse, dando lugar a um sorriso bonito, que se ampliou um pouco mais quando parei diante dele, fazendo com que a ansiedade que eu vinha sentindo nas últimas horas se acalmasse.

— Daniela — saudou ele, pousando uma mão na base de minhas costas e me beijando no rosto, demorando o suficiente para que eu pudesse inalar um pouco de seu perfume que eu tanto gostava.

— Marco — retribuí o gesto com um sorriso discreto e um menear de cabeça.

Agindo como um cavalheiro, Marco se afastou e gentilmente abriu a porta do passageiro para mim. Sustentando minha mão com firmeza, me ajudou a sentar confortavelmente no banco macio de seu esportivo, antes de dar a volta ao redor do carro e se juntar a mim.

Sem saber ao certo para onde estávamos indo, fiquei surpresa ao notar que o trajeto até o restaurante não levou mais do que quinze minutos, e agora, cinco noites após o convite feito por ele, aqui estávamos nós, sentados frente a frente na área externa de um dos melhores restaurantes de Madrid, desfrutando de um bom vinho, uma conversa agradável e um belo anoitecer.

— Você tem bom gosto, Marco — comentei, encantada com o lugar escolhido por ele.

Embora nosso encontro não se tratasse de um jantar romântico, bastava olhar ao redor para pensar o contrário, a começar por nossa mesa, que estava instalada sob uma pérgola recoberta por folhagens e pequenas luzes, que caíam por suas colunas como uma cascata brilhante.

Mais adiante, era possível observar belas flores espalhadas pelo jardim, algumas fontes iluminadas despejando água, além de inúmeros postes de luz e arandelas coloniais emitindo uma luz fraca, deixando o ambiente com um aspecto mais íntimo.

— Você ainda tinha dúvidas, Daniela? — começou, soando um tanto presunçoso — Basta olhar para a mulher incrível diante de mim para saber isso. — disse por fim, sustentando meu olhar.

— Bem, obrigada — agradei após um instante, surpresa com suas palavras — Essa não é a primeira vez que você diz algo assim — ponderei — Por que não fazer um elogio dizendo apenas que eu sou bonita? — perguntei, verdadeiramente curiosa, embora isso me fizesse soar um tanto arrogante.

— Porque eu sei do que você é capaz, Daniela. Sei que você é muito mais do que meus olhos

podem ver, e chamá-la de bonita não seria o suficiente para a mulher que você é.

— Sabe, até começar a conversar com você, eu não costumava ficar sem argumentos — declarei, sorvendo um gole de vinho para tentar afastar a timidez trazida por suas palavras. Palavras essas que eu jamais havia escutado da boca de outra pessoa que não fossem meus melhores amigos.

— Acredite, eu sei muito bem disso. — ele sorriu, certamente se recordando de alguma discussão entre nós — Mas se a conforta, eu não costumo distribuir tantos elogios como tenho feito a você — piscou.

Antes que eu tivesse a chance de pensar em uma resposta para continuar com nossa troca desenfreada de flertes, fomos interrompidos pela chegada do garçom com nossos pratos de entrada, o que acabou sendo muito conveniente, visto que eu estava faminta e o assunto seguia em uma direção um tanto perigosa.

Com gostos parecidos, Marco e eu saboreamos fatias de *Jamon Ibérico* e uma deliciosa salada com lagosta em meio a uma conversa leve, comentando, vez ou outra, sobre a comida deliciosa e a boa música tocada pelo pianista, mas bastou que nossos

pratos se esvaziassem para que a minha curiosidade retornasse.

— Quando pretende me contar o real motivo desse jantar? — perguntei, cruzando as mãos sobre a mesa, sem usar de qualquer pretexto antes de ir direto ao assunto.

— Não me diga que o jantar e a minha companhia estão sendo tão desagradáveis, a ponto de você querer colocar um ponto final a essa noite o mais rápido possível.

— Não seja tolo, Marco. Eu apenas estou curiosa, você fez muito mistério a respeito dos motivos pelos quais nos trouxe até aqui.

— Justo... Mas se não for pedir demais, poderíamos esperar até a sobremesa? Garanto que você não se arrependerá — justificou rapidamente, certamente vendo a apreensão em meu rosto.

Dando a ele um voto de confiança, concordei com seu pedido no exato instante em que os pratos principais foram servidos. Além de muito bem apresentados, constatei logo na primeira garfada o quanto o *Fideuá* escolhido por mim estava saboroso, e a julgar pela expressão de Marco ao degustar seu prato de carnes, supus que ele pensava o mesmo.

Fazendo com que a noite fosse leve e agradável, após um breve instante de silêncio, nós seguimos conversando como se fôssemos amigos íntimos de longa data, o que na verdade era o oposto de nossa realidade, se considerarmos que nossa real aproximação só havia acontecido há algumas semanas.

Distraída com a simpatia de Marco e envolta em seu chame natural, do qual eu sabia não ter muita resistência, fui trazida de volta ao presente quando o garçom se aproximou de nós com as sobremesas, servindo-me *Mil Folhas* e a ele um *Tiramisù*.

Recordando-me imediatamente da promessa feita por Marco no início da noite, peguei uma pequena porção do doce diante de mim e lentamente o levei até meus lábios, enquanto destinava a ele um olhar interrogativo.

Parecendo não se abalar com minha impaciência declarada em um simples arquear de sobrancelha, Marco, que seguia relaxado na cadeira diante de mim, ajeitou-se no assento ainda exibindo um sorriso preguiçoso, que não negava o quanto estava se divertindo com minha curiosidade, e depois degustou uma pequena porção de sua

sobremesa.

— Você não pretende me fazer implorar, não é mesmo!? — provoquei.

— Isso sequer passou por minha cabeça — disse tranquilamente, com um sorriso discreto nos lábios, antes de assumir um ar mais sério, que me deixou alerta.

— Você está me preocupando — confessei, deixando a sobremesa de lado e voltando minha atenção para ele.

— Não há motivos para isso, Daniela — garantiu, com um sorriso tranquilizador — Bem, como você deve saber, no final da próxima semana acontecerá um grande congresso, evento onde são revelados os melhores hospitais da Europa, além dos centros de referência em cada especialidade. Dentre tantas instituições, nosso hospital foi nomeado como um dos cinco melhores em duas áreas, e seguindo o protocolo, é esperado que haja dois representantes durante a cerimônia, então eu gostaria de convidá-la a vir comigo a Milão.

Sendo surpreendida mais uma vez por um convite inesperado vindo de Marco e tentando compreender os motivos por trás disso, permaneci calada por um instante, apenas analisando-o

enquanto ele saboreava mais uma colherada de sua sobremesa.

— Você poderia me dizer quais foram as especialidades? — perguntei, apenas como uma desculpa para ganhar tempo e chegar a uma resposta.

— Ah, sim, achei que você nunca perguntaria — sorriu com deleite — As áreas nomeadas foram Cardiologia e Cirurgia cardíaca, e Neurologia e Neurocirurgia. — disse tranquilamente, com os olhos fixos em mim.

Dentre todas as reações que eu poderia ter naquele momento, permaneci parada, completamente estática, com olhos arregalados e a boca coberta por uma de minhas mãos.

— Isso é sério, Marco? — perguntei, temendo que suas palavras fossem uma brincadeira de mau gosto. Imersa em tanto trabalho, eu sequer havia parado para ler o periódico médico nas últimas semanas.

— Isso é muito sério, Daniela. — garantiu, segurando com delicadeza minha mão fria que permanecia apoiada sobre a mesa. — O que me diz, aceita ir comigo a Milão e colher os frutos do bom trabalho que vem realizando desde que chegou

aqui? — disse tranquilamente, me olhando com expectativa enquanto seu polegar fazia uma delicada carícia no dorso de minha mão.

Incapaz de traduzir em palavras o misto de emoções que eu estava sentindo naquele momento, permaneci calada, encarando-o, enquanto um filme se passava em minha mente, me permitindo relembrar tudo que eu havia enfrentado em minha breve, porém vitoriosa carreira médica, para chegar até esse momento.

— Ah, eu aceito — declarei, sentindo meus olhos marejados — Com toda certeza do mundo, eu aceito esse convite, Marco. — exclamei com um sorriso amplo, finalmente me permitindo sentir alegria e orgulho por nós dois.



No breve caminho de volta à minha casa, não pude deixar de pensar por um único segundo, no impacto que a notícia dada por Marco causaria em minha vida. Ainda que o hospital não fosse condecorado nas categorias a que havia sido nomeado, eu estava grata pelo simples fato de estar

por trás de um bom trabalho. Por ora, era o suficiente para mim, pois em meio a uma sociedade machista em que boa parte dos cirurgiões ainda eram homens, lá estava eu, fazendo história, e abrindo caminho para tantas outras mulheres que ainda estavam por vir nessa caminhada.

— Ainda digerindo a notícia? — perguntou Marco, ao estacionar diante de meu prédio.

— Sim, um pouco. A verdade é que nunca fiz nada pensando no que isso poderia impactar. Apenas dei o meu melhor a cada um dos pacientes, e receber uma recompensa por isso, por algo que eu escolhi fazer, está além de tudo que planejei.

— Acho que a palavra que você procura é, na verdade, reconhecimento, Daniela. Um justo reconhecimento a uma mulher incrível, que tem realizado grandes feitos — declarou ele, antes de descer do carro e abrir a porta para mim.

Mostrando mais uma vez seu cavalheirismo, Marco fez questão de me acompanhar até meu apartamento, o que inevitavelmente me trouxe lembranças da primeira vez que isso aconteceu, mesmo sabendo que agora a situação era outra.

Diferente da outra noite, dessa vez não havia o clima leve e descontraído proporcionado pela

bebida, e embora eu me sentisse radiante com os últimos acontecimentos, não podia negar que a ligeira tensão, que pairava sobre nós desde o início da noite, havia se intensificado um pouco mais, certamente pelo fato de estarmos sozinhos em um elevador.

Assim que as portas se abriram em meu andar, avancei alguns passos à frente, sendo conduzida por Marco, que havia apoiado uma mão na base de minhas costas. Caminhando ao meu lado em silêncio, fui surpreendida por sua risada baixa e contida, certamente estava se lembrando dos absurdos saídos de minha boca em uma certa noite, que parecia ter acontecido muito tempo atrás.

Parados em silêncio diante de minha porta, Marco e eu nos encarávamos como se quiséssemos dizer algo um para o outro, mas foi somente quando nada me veio à cabeça que percebi o quanto nós, inconscientemente, buscávamos por uma maneira de adiar a despedida.

— Essa noite foi incrível de tantas maneiras, que eu nem sei como agradecer — declarei, percebendo no instante seguinte o quanto isso parecia uma insinuação.

— Sim, de fato foi uma noite incrível, espero

que possamos repetir em breve — sorriu, parecendo um tanto distraído, embora estivesse sustentando meu olhar — Bem, é melhor eu ir, boa noite, Daniela. — Despediu-se, dando um beijo rápido em minha bochecha antes de se virar e iniciar uma caminhada até os elevadores.

Tomada pelo desejo de provar novamente o sabor de seus lábios, desejo esse que vinha sendo cultivado desde que o convite para jantar havia sido feito, chamei o seu nome a fim de deter sua partida, enquanto avançava a curta distância que ele já havia imposto entre nós.

Ao parar diante dele, constatei que Marco parecia confuso, e a julgar pelo discreto vinco formado entre suas sobrancelhas, um tanto preocupado, mas a verdade é que eu não tinha tempo a perder, então rodeei seu pescoço com meus braços, deixando nossos rostos na mesma altura, e o beijei.

Após um longo segundo em que ele permaneceu estático, Marco pousou suas mãos em minha cintura e me trouxe para mais perto, me ajustando contra seu corpo, ao mesmo tempo em que afastava seus lábios, me dando livre acesso à sua boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

A princípio, eu o beijei lentamente, primeiro sugando seus lábios, depois deslizando minha língua contra a maciez da sua, ao mesmo tempo em que meus dedos brincavam com seus cabelos e suas mãos deslizavam pelas laterais de meu corpo.

O momento chegou ao fim pouco depois, quando nossas respirações se tornaram descompassadas, os toques um pouco mais intensos e meu controle a um fio de se perder completamente.

— Boa noite, Marco — sussurrei contra seus lábios, lhe dando um último beijo rápido e me afastando logo depois.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

— *Hija* — saudou mamãe, ao me encontrar parada do outro lado de sua porta, na manhã de domingo. — Vamos, querida, entre. Que alegria receber você, seu pai ficará tão feliz com a visita — disse, animada, envolvendo-me em um abraço apertado após fechar a porta.

— Ah, mamãe, me desculpe por ser uma filha ausente — lamentei, retribuindo o carinho oferecido por ela. — Onde está o papai? — perguntei, ao notar que ele não viera me receber, como de costume.

— Seu pai foi comprar ingredientes frescos para o almoço, não deve demorar a voltar — sorriu, abraçando-me uma vez mais, antes de apanhar as sacolas que eu carregava de sua confeitaria favorita e me guiar até a cozinha. — Se você tivesse me avisado que viria para o almoço, eu poderia ter preparado algo especial, querida.

— Eu sei, mãe, e justamente por isso não avisei, não queria lhe dar trabalho. — declarei, encolhendo-me na cadeira logo depois quando ela me repreendeu levemente com o olhar.

— Como estão as coisas, querida? E quanto a

Rebecca e Fernando, estão bem? Faz um longo tempo desde a última vez que vieram aqui, já se assumiram como um casal? — perguntou com diversão, ao ocupar a cadeira vazia diante de mim.

— *Mamá*, eu já lhe disse inúmeras vezes que eles são apenas amigos, assim como sou amiga deles, não há segundas intenções ali. A senhora é que enxerga coisa onde não tem — declarei, sob seu olhar presunçoso. — Mas, sim, estão muito bem, apenas trabalhando bastante, como de costume.

— Você tem passado mais tempo que o normal sem nos visitar, também está trabalhando muito? Já disse que precisa desacelerar um pouco, querida, você mal se diverte. Se não tomar cuidado, vai acabar doente — disse com delicadeza, deixando-me saber de sua preocupação.

— Está tudo bem, *mamá*, nada fora do normal para um hospital. — dei de ombros, enquanto nos servia com generosas fatias de torta de maçã. — Na verdade, tanto trabalho me rendeu algo bom, ontem mesmo fiquei sabendo que os setores de neurocirurgia e cirurgia cardíaca do hospital foram indicados como referência em um evento renomado de medicina.

— Ah, minha menina, que orgulho de você — disse, sorridente, acariciando minha mão por cima da mesa.

— Sim, mãe, estou orgulhosa com mais essa conquista, e nem me importo com a minha falta de modéstia — brinquei, arrancando dela uma gargalhada. — No final da próxima semana, Marco e eu iremos a Milão participar do evento, confesso que já estou ansiosa — admiti, sorrindo sem jeito.

— Hum, e a ansiedade é apenas pelo evento, ou tem algo a ver com esse tal Marco, de quem você nunca falou? — disse tranquilamente, mordiscando um pedaço de sua torta, fingindo desinteresse.

— *Mamá!* — exclamei, surpresa por sua rapidez em pegar os fatos no ar. Sabendo que ela estava certa e que não havia como me desviar do assunto, me dei por vencida — Ambas as coisas estão provocando essa ansiedade — confessei, sorrindo de leve ao me lembrar do encontro da noite passada — Ele é um colega de trabalho, chefe da Cardio, mas só há pouco tempo é que nos tornamos mais próximos — declarei, embora estivesse omitindo o pequeno detalhe de que, além de tudo, ele era meu chefe.

— Colega de trabalho, hum... Por esse brilho

PERIGOSAS NACIONAIS

no olhar e as bochechas levemente coradas, posso imaginar o quão amigos vocês são — suspirou, com o olhar perdido em um ponto qualquer — Aproveite esse momento, Daniela. Isso certamente trará à sua vida um pouco de leveza e diversão das quais você se priva — declarou suavemente, após um breve instante de silêncio, deixando-me sem palavras.

Eu sabia que mamãe estava certa, que suas palavras, apesar de duras, eram carregadas de carinho e sinceridade, o tipo exato de conselho que eu precisava ouvir naquele momento, considerando que, de fato, eu poderia me sabotar a qualquer instante.

Em meio às poucas certezas que eu tinha nessa vida, a que eu mais acreditava ferrenhamente era a de que ninguém no mundo jamais me conheceria tão bem quanto a mulher sentada diante de mim, e que agora me encarava com um brilho divertido em seus olhos amendoados.

Antes que eu pudesse digerir suas palavras e ser capaz de lhe dar uma resposta digna, ou ao menos fazer uma piadinha com a situação, fomos interrompidas pelo som da porta da frente se abrindo, anunciando a chegada de papai.

PERIGOSAS ACHERON

— Há um carro estacionado diante de casa que me parece familiar, será que nós temos uma visita ilustre para o almoço de domingo? — ele brincou, pouco antes de adentrar na cozinha e me encontrar sentada à mesa — Que alegria ter você aqui, minha menina. — declarou, colocando as sacolas de compras sobre a mesa.

Tocada por seu carinho e pela saudade que se tornara nossa companheira há um par de anos, desde que eu havia deixado essa casa para seguir meu próprio caminho, levantei-me imediatamente da cadeira que ocupava e me lancei em sua direção, sendo amparada por ele em um abraço apertado, como os que eu costumava ganhar quando ainda era uma garotinha.

— Eu estava morrendo de saudades — declarei, apertando-o um pouco mais entre meus braços antes de soltá-lo.

Tendo agora um punhado de sacolas com ingredientes frescos diante de si e um almoço a ser preparado, mamãe tratou logo de nos dispensar para a sala, de maneira que pudesse ter a cozinha toda para ela, enquanto papai e eu colocávamos o assunto em dia.

Quando seu programa favorito de esportes

começou a ser exibido, o deixei à vontade para continuar assistindo, e me juntei à mamãe, que já tinha boa parte do almoço encaminhado.

Apesar de seus protestos para que eu permanecesse sentada e a deixasse cozinhar, apanhei uma faca de cima da bancada, arrumei um pequeno espaço onde pudesse trabalhar, e passei a picar alguns ingredientes que precisavam ir logo para o fogo.

— Eu gostaria de entender de onde vem esse sentimento que faz com que eu me afaste — falei baixo, após um longo tempo em silêncio — Talvez eu apenas tenha medo de não ser feliz em um relacionamento, como você e papai tem sido ao longo dos anos.

— Você, mais do que ninguém, deveria entender que em tudo há um pequeno risco. Quando conheci seu pai, eu não podia prever que passaríamos mais de trinta anos casados, mas em meu coração, eu desejava que fosse assim. Claro que ao longo do tempo nós tivemos dias ruins, mas eles somam uma pequena minoria, se comparados à quantidade de alegrias que já compartilhamos. É tudo questão de encontrar alguém que faça valer a pena. — disse por fim, desviando o olhar em

direção à sala, onde papai seguia assistindo seu programa distraidamente.

Trazida de volta à realidade pelo alerta de mensagens do celular, deixei a faca sobre a tábua de corte, enxaguei as mãos rapidamente, apenas para tirar as sementes de tomate que estavam grudadas em meus dedos, e apanhei o celular de cima da mesa.

Diferente do que eu havia imaginado, não se tratava de nenhuma mensagem me chamando para uma cirurgia de emergência, mas, ainda assim, o que li foi capaz de provocar um pequeno frio em minha barriga.

“Eu não estou sabendo lidar muito bem com o fato de que quanto mais nós nos beijamos, mais eu quero te beijar” – dizia a mensagem de Marco, a primeira enviada após a noite passada.

— Do que você tanto sorri enquanto encara o celular, Daniela? — provocou mamãe, certamente imaginando quem era o remetente, a julgar por meu comportamento.

“Eu o avisei que se meter comigo era problema :P” – devolvi, sabendo que poderia me arrepender de qualquer outra coisa que lhe dissesse.

“Se todos os meus problemas fossem como

você, Daniela, eu teria o maior prazer em resolvê-los” – respondeu Marco, apenas um segundo após a minha última mensagem.

“Você está me dando créditos demais” – provoquei, tentando aliviar a pequena tensão criada por suas palavras, que eu julgava serem bem sinceras.

Ainda com o celular em mãos, aguardei ansiosamente enquanto via que ele digitava uma mensagem, que não tardou a chegar.

“Você já tem planos para o almoço, Daniela?”.

Espiando sobre meu ombro, apreciei, por um instante, mamãe mexendo o conteúdo das panelas, enquanto o cheiro de sua comida perfumava o ambiente à nossa volta. Sem querer abrir mão de estar com meus pais, e desejando vê-lo novamente, propus:

“Vou almoçar com os meus pais, eu estava há algum tempo sem visitá-los, mas se não for um problema, podemos tomar um café mais tarde”.

Tomada por uma nova onda de ansiedade, mantive os olhos fixos na tela do aparelho, enquanto esperava pacientemente por sua mensagem, que chegou um instante depois com

uma resposta positiva, combinando local e horário, além de um emoji sorridente.

Deixando o celular sobre a mesa, retornei à minha tarefa de picar tomates em cubinhos, enquanto sentia o olhar de mamãe se esgueirar em minha direção, embora ela permanecesse em silêncio.

— Eu estou feliz em meu trabalho, mamãe. Tudo está caminhando muito bem em minha vida, não quero estragar as coisas, colocar o que mais amo fazer em risco, por conta de um capricho. — declarei, após um longo instante perdida em meus pensamentos.

Sabendo que eu não lidaria muito bem com uma conversa olho no olho naquele momento, mamãe seguiu cuidando das panelas, temperando uma a uma, enquanto me aconselhava:

— Ser feliz e querer alguém para caminhar ao seu lado não é um capricho, minha filha. Você tem todo direito de desejar mais, e só vai colocar tudo a perder se insistir em negar o que vem sentindo aí dentro. Vocês são adultos o suficiente para lidarem com a situação, independente de qual seja.

Absorvendo suas palavras com um simples menear de cabeça, deixei que as lembranças das

últimas semanas se infiltrassem em mim, e sem que eu percebesse de imediato, um sorriso brincava em meus lábios enquanto eu revivia os poucos, porém intensos beijos que já havíamos compartilhado.

Capítulo 12

O sol já estava baixo no horizonte quando deixei a casa de meus pais e segui ao encontro de Marco, que esperava por mim em um café nas proximidades do Templo de Debod. Como se estivéssemos ligados por um imã, assim que coloquei os pés dentro do estabelecimento, meus olhos foram diretamente até ele, que se encontrava sentado mais ao fundo do lugar, diante de uma ampla janela, retribuindo meu olhar.

Caminhando em direção à mesa, respirei fundo algumas vezes enquanto me esforçava para controlar a inquietação crescente que havia surgido desde a nossa troca de mensagens, algumas horas antes, quando Marco admitiu estar tão interessado em mim quanto eu estava nele.

Me sentindo muito mais uma adolescente em seu primeiro encontro do que uma mulher determinada e segura de si, parei diante dele sem saber ao certo como cumprimentá-lo. Parecendo alheio à ligeira tensão que pesava sobre meus ombros, ou a inquietação que me consumia, Marco avançou os poucos passos que nos mantinham afastados e me envolveu em um abraço,

arrematando com um beijo em minha bochecha, que acabou por durar alguns segundos a mais do que seria o esperado para um cumprimento simples. Quando nos afastamos, me deparei com o sorriso bonito que brincava em seus lábios, e agora eu podia sentir seu perfume impregnado em minha roupa.

— Fico feliz que tenha aceitado o meu convite, garota problema — disse baixo, próximo de meu ouvido, enfatizando a última parte enquanto segurava a cadeira afastada para que eu me acomodasse.

Sentindo os pelos de meu corpo se arrepiarem com sua proximidade, esperei até que ele ocupasse seu lugar diante de mim para responder:

— Então é assim que serei chamada, de agora em diante? — provoquei, com um arquear de sobrancelhas.

— Bem, considerando o quanto pensei em você nas últimas horas, acho que seria justo — disse tranquilamente, parecendo à vontade ao dar voz aos seus pensamentos.

Surpresa e desconcertada com a sinceridade de suas palavras, agradeci mentalmente quando um dos atendentes se aproximou, nos trazendo dois

cardápios e quebrando a ligeira tensão que havia se formado.

Assim que o jovem rapaz se afastou, voltei minha atenção para Marco e analisei seu rosto bonito por um instante. Com um sorrisinho de canto e os olhos fixos em mim, ele parecia estar se divertindo com o fato de me deixar desconcertada.

— Petulante — resmunguei, ganhando como resposta uma gargalhada descontraída. — Há algum motivo para esse convite, ou você só queria se divertir ao jogar isso para cima de mim? — provoquei.

— Você sabe que sou um cavalheiro, Daniela. Jamais faria isso de propósito — devolveu, ostentando um sorriso zombeteiro — Mas, respondendo à sua pergunta — falou, assumindo uma postura ligeiramente mais séria — Eu irei me ausentar do hospital ao longo da semana, e só iremos nos ver novamente daqui a alguns dias, em Milão. Pensei que seria bom encontrá-la mais uma vez.

— Uma semana de descanso, Doutor Marco? — insinuei, tentando arrancar dele uma resposta que satisfizesse minha curiosidade.

— Pode-se dizer que sim, bem, ao menos em

partes — declarou, mais à vontade — Antes do amanhecer partirei para Sevilla. Minha irmã e meu sobrinho recém-nascido esperam por mim — sorriu com ternura, enquanto um brilho especial surgia em seus olhos.

Embora trabalhássemos juntos há mais de um ano, Marco seguia sendo uma incógnita para mim. Eu pouco sabia a respeito do homem que ocupava a cadeira diante de mim, e ter esse pequeno lampejo a seu respeito só me fez querer mergulhar mais fundo na parte de sua vida que eu desconhecia.

Sem que qualquer um de nós sentisse a necessidade de mudar de assunto, seguimos falando de nossas famílias enquanto desfrutávamos de canecas de expresso e doces deliciosos. Depois de me contar que era o filho do meio e que mantinha uma boa relação com os irmãos, especialmente agora que todos estavam bem-criados e viviam suas vidas longe dos olhos dos pais, Marco não me poupou de algumas provocações ao descobrir eu era filha única.

De maneira natural e descontraída, apreciei quando um assunto foi dando lugar a outro, me permitindo conhecê-lo um pouco mais, fazendo com que minha admiração por ele crescesse.

Após passarmos pouco mais de duas horas sentados no interior do pequeno bistrô, desfrutando de suas guloseimas e apreciando a vista através da ampla janela, Marco e eu atravessamos a larga avenida e subimos pela grande escadaria que nos levou a contemplar o Templo de Debod, um monumento egípcio doado à Espanha para que o mesmo fosse preservado.

Com algum tempo de sobra antes do espetáculo proporcionado pelo pôr do sol naquele ponto da cidade, nós tomamos o caminho da direita e passamos a caminhar através do parque em silêncio, apenas apreciando a companhia um do outro, enquanto nossas mãos se tocavam, vez o outra.

Perdida em meio a um debate mental, no qual eu ponderava se deveria ou não pegar na mão dele, fui surpreendida por Marco quando seus dedos se enrolaram ao redor de meu pulso e deslizaram lentamente em direção à minha mão, entrelaçando nossos dedos a seguir. Com o coração pulsando num ritmo um pouco mais rápido do que estava há poucos instantes, seguimos tranquilamente pela trilha arborizada, perdidos em nossos pensamentos.

— Do que você tem medo, Daniela? — ele

perguntou, após um tempo.

Embora eu houvesse pensado que tal conversa demoraria mais a chegar, não estava exatamente surpresa por sua abordagem, especialmente depois da sinceridade estampada em suas mensagens enviadas mais cedo. Sem saber ao certo por onde começar, inspirei fundo, tentando organizar meus pensamentos antes de dar voz à minha confusão interna.

— De muitas coisas, na verdade — admiti, demonstrando mais nervosismo do que gostaria — Tenho medo de me anular, de ter que abrir mão de uma parte tão importante de minha vida para que outra pessoa possa fazer parte dela. Tenho medo de não ser feliz e de causar infelicidade a alguém, tenho medo... Tenho mais medos do que gosto de admitir, Marco — suspirei, olhando-o de esguelha por um instante.

Com o olhar fixo mais adiante, a mão ainda unida à minha e seu polegar massageando levemente a minha pele, Marco parecia tranquilo enquanto absorvia o pouco que eu havia lhe dito.

— Eu precisei abrir mão de algumas coisas para conquistar o que tenho hoje. Sou racional demais e aprendi a ser independente muito cedo,

graças às minhas escolhas. Não sei se posso mudar algumas delas e sequer sei se gostaria de mudá-las. A verdade é que não me arrependo de nada que eu possa ter perdido nesse meio-tempo.

Concordando com um ligeiro aceno, Marco se manteve calado, acariciando minha pele, enquanto ondas de calor subiam por meu braço e irradiavam por todo meu corpo, até alcançarem meu coração.

— E você, do que tem medo? — perguntei baixinho.

Com os olhos voltados em sua direção, pude perceber a ligeira mudança em seu semblante com o surgimento de algumas rugas que não estavam ali antes, bem como a tensão em seus ombros.

— De perder... — suspirou com pesar, parecendo tomar coragem para continuar — Nós éramos da mesma turma, não lembro o que nos aproximou durante o terceiro ano, mas rapidamente nos tornamos inseparáveis, e isso evoluiu para um namoro. Naquele tempo, Melisa dizia que gostaria de ser pediatra, e eu já pensava em ser cirurgião cardíaco, para cuidar de seu coração danificado.

Dando a Marco o tempo que precisava, permaneci calada durante sua pausa, sentindo meu coração apertado, já imaginando como as coisas

havam terminado.

— Ela morreu no meio do quinto ano, sem que eu pudesse fazer qualquer coisa para evitar. Honrando com parte da promessa que eu havia lhe feito, me tornei um cirurgião cardiovascular e hoje faço por outras pessoas o que não pude fazer anos atrás, por ela.

Sensibilizada com sua história, não fui capaz de evitar que meus olhos ficassem marejados por lágrimas não derramadas e um nó se formasse em minha garganta. Evitando olhar em sua direção, permaneci encarando a trilha, que já chegava ao fim, nos levando de volta ao nosso ponto de partida.

— Eu me mantive de luto por muito tempo, Daniela. Não conseguia aceitar o fato de Melisa ser retirada de minha vida sem que eu pudesse fazer algo para evitar. Com o passar dos anos, tal sentimento foi se dissolvendo, e hoje tenho gratidão por tudo que ela me inspirou a ser. Depois de sua partida, passei muito tempo fechado, e quando permiti que outras pessoas entrassem em minha vida, era apenas por saber que seria passageiro, não imaginei que algum dia apareceria uma mulher capaz de me fazer desejar que tudo fosse

diferente...

Parados diante do monumento, com a luz artificial incidindo sobre seus blocos de pedra, o céu pintado em tons de laranja e roxo e o sol se pondo no horizonte, Marco me sorriu docemente e ocupou um lugar atrás de mim. Com as mãos apoiadas em minha cintura, me puxou gentilmente de encontro ao seu corpo, de maneira que minhas costas pressionassem o seu peito.

Sentindo-me confortável com nossa proximidade, cobri suas mãos com as minhas, entrelaçando nossos dedos, e tombei minha cabeça para trás contra seu ombro, sem desviar os olhos do horizonte, onde eu tentava buscar respostas para o turbilhão de emoções que Marco causava em mim.

Capítulo 13

Naquela noite, quando voltei para casa e abri a porta de entrada, encontrei o apartamento escuro, bem, exceto pela luz vinda da tela da televisão, na qual Rebecca e Fernando assistiam a um filme. Me sentando em um canto vago do sofá, não pude deixar de notar os pés de minha amiga descansando sobre as coxas de Fernando, que os massageava distraidamente enquanto mantinha os olhos pregados na cena que se desenrolava diante dele.

Tomada pela lembrança do que mamãe já havia dito inúmeras vezes, não pude deixar de me questionar se poderia haver entre eles mais do que o sentimento de amizade, mas tão rápido quanto esse pensamento veio, ele se foi. Conhecendo-os tão bem, não parecia fazer sentido, especialmente por eu também ter esse tipo de intimidade com Fernando, nós três éramos quase como irmãos.

Me tirando de um devaneio a seu respeito, Becca pausou o filme e iniciou um pequeno interrogatório, querendo saber a respeito do jantar da noite passada. Tendo as atenções de ambos voltadas para mim, foquei apenas no ponto relevante da conversa e contei a eles sobre a

nomeação que o meu setor e o de Marco havia recebido, contei também sobre nossa viagem, e quando terminei, ambos se mostraram felizes, orgulhosos e emocionados por meu feito. Naquele instante, me senti grata por estar rodeada por pessoas que me amavam verdadeiramente.

Sentindo o cansaço se abater sobre mim após experimentar um looping de sentimentos ao longo do dia, deixei que meus amigos continuassem se divertindo com o filme que assistiam e segui para o silêncio de meu quarto, na companhia de meus pensamentos inquietos, que possuíam nome, sobrenome e um sorriso que perturbava o meu juízo.

Após desfrutar da calma que somente um bom banho era capaz de proporcionar, deixei minhas inquietações para trás, ao menos por ora, e retornei ao quarto. Tendo um plantão a cumprir no dia seguinte e uma longa semana sem qualquer vislumbre de Marco, coloquei um pijama confortável e me acomodei sob as cobertas, que se moldaram ao meu corpo em um abraço macio e convidativo.

Antes que meus olhos se fechassem e eu enfim pudesse descansar, o alerta de uma nova mensagem

atraiu minha atenção. Apanhando o celular de cima do criado-mudo que ficava ao lado da cama, não pude deixar de sorrir ao me deparar com uma mensagem de boa noite vinda de Marco. Sentindo meu coração se aquecer diante do gesto, prontamente respondi sua mensagem e finalmente me permiti relaxar, ainda sustentando um sorriso em meus lábios.



Mesmo sabendo que Marco se encontrava a quilômetros de distância de Madrid, na manhã de segunda-feira e em todas as outras daquela semana, não pude evitar pensar no quanto desejava vê-lo ao virar em um corredor, ou ao passar diante de uma das salas do centro cirúrgico. A essas alturas, a vontade de vê-lo estava se sobrepondo à minha parte racional, e isso ainda me parecia um tanto assustador.

Como se estivéssemos sintonizados em uma mesma frequência, as mensagens de Marco foram chegando ao longo dos dias, nos momentos em que eu me sentia mais insegura, pensativa ou temerosa

a respeito do que vinha acontecendo e do que ainda poderia acontecer entre nós.

Sempre com palavras doces, gentis, brincadeiras e um flerte que não deixava dúvidas quanto aos seus interesses em mim, Marco passou a ganhar a minha confiança e isso lhe permitiu trilhar um caminho não apenas para dentro de minha mente, como também para o meu coração.

Abrir mão do controle de minha vida ainda me parecia assustador, mas desde que havíamos tido uma conversa sincera no parque, algo mudou dentro de mim, fazendo com que, pouco a pouco, as minhas barreiras começassem a se dissolver. Em meu íntimo, eu sabia que não havia necessidade de me proteger, tampouco aos meus sentimentos, no que dizia respeito a Marco.

De maneira natural e não programada, nós estabelecemos uma pequena rotina de conversa no período em que nos mantivemos afastados, e por diversas vezes em meus breves momentos de descanso, me peguei sorrindo com o celular em mãos, enquanto lia uma de suas mensagens. Com seu jeito espirituoso, brincalhão e sincero quanto ao que estava sentindo, Marco vinha conseguindo tornar até os dias mais tempestuosos em leves e

divertidos.

Perdida em meio ao turbilhão de sentimentos que agora bagunçavam a minha mente e fazia com que eu sentisse um friozinho na barriga, vi os dias passarem rapidamente, permitindo então que a data da viagem finalmente chegasse.

Com uma pequena mala em mãos, a expectativa de revê-lo e de recebermos um prêmio por nosso bom trabalho, segui para o aeroporto de Madrid nas primeiras horas da manhã de sábado, tendo como destino Milão. Sem que qualquer intercorrência acontecesse, cheguei à cidade italiana pouco depois das nove da manhã.

Devido a reuniões de trabalho em nome do hospital, Marco estaria ausente e fora de vista até pouco tempo antes do evento, então, tendo as próximas horas livres para aproveitar a cidade, segui até o hotel onde deixei minha bagagem e depois me pus a caminhar pela rota turística, começando pela Duomo de Milão, uma belíssima catedral que levou seis séculos até a ser totalmente construída.

Após explorar a suntuosa catedral por dentro, tomei o caminho que levava até os telhados e me vi ainda mais deslumbrada em meio a tantas coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

para observar, como a praça Duomo que se estendia diante da construção, até pequenos detalhes intrincados em sua estrutura.

Perdida em meio a tantas informações e detalhes, sequer vi a hora passar, e só me dei conta de que já era além da hora do almoço pela reclamação de meu estômago, pedindo por comida. Despedindo-me da bela catedral, tomei o caminho à esquerda da praça e segui em direção ao próximo ponto turístico, a Galeria Vittorio Emanuele II.

Depois de degustar de uma deliciosa refeição em um dos vários restaurantes que havia ali, segui caminhando pelos largos corredores da construção, observando as vitrines. Embora não tivesse a intenção de comprar nada, ao passar por uma das lojas, meus olhos foram atraídos para o seu interior, onde um manequim vestia um elegante vestido de festa que seria perfeito para o evento que eu iria dentro de poucas horas. Mesmo já tendo uma vestimenta para a ocasião, me senti tentada a ver como aquele vestido em especial ficaria em meu corpo. Não resistindo à curiosidade, me dei por vencida e entrei na loja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Marco

Eu não conseguia tirá-la de minha cabeça. Não que de fato eu desejasse isso, mas um único segundo sem focar em algo específico me arrastava para longe, para um certo par de olhos castanhos, tão fortes e intensos quanto café, e um sorriso brilhante, daqueles capazes de iluminar qualquer dia nublado.

Desde que Daniela se juntara à equipe, um ano atrás, com sua postura firme e a nossa relação extremamente profissional, nada me levava a crer que hoje poderíamos estar assim, dispostos a descobrir o que poderia haver entre nós.

Passar uma semana longe dela, após me abrir e expor minha maior ferida, algo do qual pouquíssimas pessoas tinham conhecimento, me deu tempo o bastante para refletir e analisar friamente a situação. Mas de qualquer perspectiva que eu observava, tudo me levava ao mesmo pensamento: eu queria estar com Daniela.

Toda a ansiedade que vinha se construindo ao longo da semana, em meio à nossa constante troca de mensagens, se abrandou na manhã de sábado, quando ela me informou que já estava em Milão.

Mesmo sabendo que eu só iria encontrá-la na hora do evento, por conta de reuniões e novos contratos que eu vinha fechando em nome do hospital, eu já me sentia em paz por saber que ela estava por perto.

A última reunião prevista para aquele dia terminou pouco antes do anoitecer, então me despedi dos homens sentados junto a mim, em uma mesa no bar do hotel, e segui para a minha suíte, contando os minutos para poder me encontrar com Daniela. Não pude deixar de sorrir diante de tal pensamento, era a prova de que eu me sentia como um adolescente apaixonado querendo ver a sua garota.

Trajando um elegante smoking, conforme a ocasião pedia, caminhei através dos corredores do hotel indo ao encontro de Daniela, que aguardava por mim em sua suíte. Ansioso por finalmente revê-la, dei duas leves batidas na porta e aguardei, checando mais uma vez o relógio em meu pulso, só para garantir que eu estava no horário combinado.

Após um breve instante de espera, a porta finalmente se abriu, e por detrás dela surgiu Daniela, em um vestido longo e escuro, com a frente e os braços recobertos de brilhos e as laterais

transparentes, que deixavam à mostra sua pele. Erguendo um pouco mais o olhar para admirar a mulher diante de mim, apreciei o fato de que seus cabelos caíam em suaves ondas sobre seus ombros, quase como um convite para que fossem tocados.

— Você está deslumbrante, doutora Daniela — declarei, sustentando seu olhar.

Precisando de um instante para me recompor, após admirá-la da cabeça aos pés, finalmente lhe sorri e ofereci meu braço, em um convite silencioso para que me acompanhasse. Aceitando o gesto com um sorriso, ela se aproximou um pouco mais de mim e apoiou uma mão sobre meu antebraço, esperando para ser conduzida.

— Eu senti sua falta — sussurrei em seu ouvido, antes de depositar um beijo em seu pescoço e lhe roubar um suspiro.



Boa parte dos convidados já se encontravam presentes no elegante salão de festas do hotel, onde o evento seria realizado. Alguns caminhavam tranquilamente admirando a estrutura montada para

aquela noite, outros encontravam-se sentados em suas devidas mesas apenas aguardando o início, e no meu caso e de Daniela, nós nos encontrávamos presos a uma roda de conversa, na companhia de médicos do hospital de Barcelona, no qual Daniela havia trabalhado anteriormente.

Parecendo alheia aos olhares de admiração que recebia por parte de homens e mulheres, a minha bela acompanhante mantinha um braço ligado ao meu enquanto caminhávamos em direção aos nossos lugares. Captando alguns olhares tortos em minha direção, não pude deixar de me sentir muito sortudo por ser eu a estar ao lado de Daniela, naquela noite.

Ao longo das horas seguintes, eu me forcei por um par de vezes a prestar atenção na cerimônia que acontecia diante de meus olhos, mas inevitavelmente eles acabavam mudando de direção e indo até Daniela, que ocupava a cadeira ao lado da minha. Incapaz de disfarçar minha admiração por ela, seus olhos me flagraram algumas vezes, mas nem isso foi capaz de me fazer recuar. Era como se um campo magnético estivesse em torno dela e eu fosse atraído por ele.

Distraído como estava, precisei me ajeitar na

cadeira quando a categoria à qual Daniela havia sido indicada foi mencionada. Confiante na excelente profissional e na mulher incrível que ocupava a cadeira ao lado da minha, deslizei minha mão discretamente sob a toalha da mesa e entrelacei seus dedos nos meus, passando a ela um pouco mais de confiança. Quando seu nome foi anunciado no microfone, instantes depois, eu não poderia me sentir mais feliz e orgulhoso.

— Muito obrigada, Marco — ela agradeceu, envolvendo-me em um abraço apertado, antes de caminhar em direção ao palco, enquanto eu a aplaudia com um sorriso no rosto.

Sendo a única mulher indicada na categoria, Daniela fez um belo discurso sobre os desafios que havia encontrado em sua breve carreira e de como superou cada um deles, o que só me deixou mais orgulhoso de seus feitos. Quando ela enfim retornou à mesa, parecia estar mais radiante do que nunca.

Meu nome acabou sendo mencionado pouco tempo depois, e embora eu estivesse muito feliz e satisfeito com o trabalho que vinha realizando ao longo dos anos, não consegui evitar que a insegurança me assombrasse. Parecendo perceber a

minha tensão, Daniela retribuiu meu gesto e entrelaçou seus dedos nos meus, enquanto aguardávamos pela nomeação.

Tomado por uma descarga de adrenalina como só o atendimento a grandes emergências era capaz de proporcionar, afundei o rosto na curva do pescoço de Daniela quando ela me abraçou, e depois de me afastar, caminhei em direção ao palco.

Capítulo 14

Ligeiramente alterados pelas doses de bebida ingeridas ao longo da noite de comemorações, mas sóbrios o suficiente para saber o que poderia acontecer dentro de instantes, Marco e eu paramos diante da porta de minha suíte, o que parecia ser algo recorrente no final de nossos encontros, e permanecemos por um breve instante nos encarando.

Me direcionando um sorriso provocador, ele retirou do bolso interno de seu smoking o cartão chave de minha suíte e o segurou entre dois dedos. Me aproximando um pouco mais para pegar o objeto, caí na armadilha criada por Marco, e antes que eu me desse conta, um de seus braços rodeou minha cintura e sua outra mão segurou minha nuca, inclinando ligeiramente minha cabeça para cima, deixando nossos rostos na mesma altura.

Sentindo meus lábios formigarem diante da expectativa do que ele faria a seguir, tive o meu desejo de ser beijada atendido no instante seguinte. A princípio foi um simples roçar de lábios, depois, algumas mordiscadas provocantes, mas em questão de segundos, se transformou em um beijo intenso,

exigente e sensual. Me agarrando à lapela de seu smoking, mantive seu corpo pressionado ao meu até não restar mais fôlego para continuar o beijo, e quando o momento acabou, nós ainda permanecemos ali, ofegantes no meio do corredor, desejando muito mais.

Afastando-me de seus braços, apanhei o cartão chave que havia caído próximo de nossos pés, abri a porta do quarto e adentrei, caminhando a passos lentos sem olhar para trás. Eu mal havia dado três passos para dentro do cômodo, quando fui interceptada por seus braços, que voltaram a me rodear.

Com a frente de seu corpo pressionada contra as minhas costas, Marco retirou gentilmente o troféu de minha mão e o colocou em algum lugar próximo a ele. Sem qualquer empecilho que nos detivesse, ele afundou o rosto em minha nuca e deslizou seu nariz lentamente por meu pescoço desnudo, provocando ondas de arrepios que se espalharam por todo meu corpo até um ponto específico, que a essas alturas já implorava por sua atenção.

Sem interromper a carícia ou afrouxar o enlace ao meu redor, ele então passou a distribuir beijos

PERIGOSAS NACIONAIS

por meu pescoço, fazendo minha pulsação acelerar ainda mais, bem como a minha vontade de agarrá-lo, exatamente como eu fizera nos muitos sonhos que eu tivera com ele.

— Marco — resmunguei, lançando meus braços para trás, ao redor de seu pescoço. Me ajeitando contra seu corpo, não pude evitar sentir seu desejo pressionado contra a base de minhas costas.

— Eu resisti a isso por tempo demais — confessou, com a voz grave.

Lentamente, as mãos que repousavam em meus quadris ganharam vida e passaram a trilhar seu caminho para cima, passando por minha cintura exposta devido à transparência do tecido, até alcançarem meus seios, que se encaixaram perfeitamente nas palmas de suas mãos.

— Tão perfeita — sussurrou, antes de morder minha orelha, arrancando de mim um novo gemido.

Sentindo a necessidade de estar novamente no controle, ainda que por um instante, me virei de frente para ele, que deslizou suas mãos por meu corpo até pararem em minhas nádegas, e o beijei com a mesma intensidade de antes.

PERIGOSAS ACHERON

Movida pelo desejo, deslizei minhas mãos por seu abdome e peitoral ainda cobertos pelo tecido fino da camisa, até chegarem aos seus ombros, e então empurrei seu paletó para trás, levando-o ao chão.

Reagindo com um apertão em cada lado de minha bunda, que me pressionou mais contra seu membro rígido, me desfiz de sua gravata borboleta e passei a abrir, um a um, os botões de sua camisa, até mesmo os que estavam escondidos sob sua calça. Quando cheguei ao fim, interrompi nosso beijo, e com os olhos fixos nos dele, deslizei a ponta de meus dedos por sua pele ligeiramente bronzeada. Com os olhos turvos de desejo, Marco grunhiu em resposta, e me pressionou de encontro à parede, deixando-me encurralada entre ela e seu corpo.

— Eu estou prestes a perder a cabeça, Daniela — alertou Marco, mordiscando meus lábios — Você não sabe o quanto precisei me segurar a noite toda para não beijá-la como gostaria. Acredite em mim, teria sido um escândalo. — afirmou, finalmente colocando em prática o que vinha desejando.

Explorando meu pescoço e colo com seus

lábios, permaneci contra a parede, completamente entregue ao seu toque, que parecia me incendiar mais e mais a cada segundo. Aturdida pelo desejo, só fui notar que Marco havia aberto meu vestido quando ele passou a deslizar a peça para baixo, fazendo com que o tecido brilhante se amontoasse aos meus pés, enquanto eu permanecia diante dele usando apenas uma lingerie de renda e meu par de saltos.

— Puta que pariu, Daniela — resmungou Marco, antes de afundar o rosto no vale entre meus seios e distribuir beijos por ali.

Me afastando da parede pouco depois, ele me ajudou a sair do meio de nossas roupas e me tomou em seus braços. Rodeando sua cintura com as pernas, para me manter mais firme em seus braços, assisti Marco me levar até o outro lado do cômodo, onde a convidativa cama parecia esperar por nós.

Deitando-me como se eu fosse uma peça delicada, ele permaneceu parado entre as minhas pernas por um instante, baixando o olhar por cada pedaço exposto de meu corpo, contemplando o que tinha diante de si enquanto eu me sentia ainda mais desejada e sedenta.

Curvando-se sobre mim, Marco voltou a me

beijar com intensidade, mas se afastou quando tentei trazê-lo para mais perto. Me direcionando um sorriso provocante, seus beijos baixaram para meu pescoço e depois para os meus seios, que rapidamente se viram livre do sutiã. Sem qualquer indício de pressa em satisfazer seu desejo dentro de mim, ele se dedicou a acariciar, mordiscar e provar meus seios, arrancando vários suspiros de minha boca enquanto eu me retorcia debaixo de seu corpo.

— Marco — ofeguei seu nome quando ele sugou um de meus mamilos — Eu preciso de mais — implorei, guiando uma de suas mãos até o meio de minhas pernas.

Atendendo ao meu pedido desesperado, seus lábios distribuíram beijos por meu abdome até alcançarem a borda de minha calcinha. Trilhando uma linha reta, ele seguiu me adorando com seus lábios até que seu hálito quente estivesse acariciando intimamente no ponto onde eu clamava ser tocada. Afastando a peça para o lado apenas o suficiente, Marco deslizou um de seus dedos por minha fenda úmida, me fazendo arquear na cama ao mesmo tempo em que gemia seu nome sem o mínimo pudor.

— Isso é música para os meus ouvidos—

murmurou, repetindo o gesto e ganhando um novo gemido como resposta.

Ajoelhando-se no espaço vago entre minhas pernas que pendiam para fora da cama, Marco decidiu não perder mais tempo com provocações, e no instante seguinte, eu sentia que poderia alcançar o céu apenas por ter sua boca me beijando, tão íntima e profundamente. Em questão de segundos, minha respiração se tornou descompassada, meu coração pulsava em ritmo acelerado e minha visão se turvou. O orgasmo veio forte, poderoso, exatamente como eu precisava após tanto tempo sem um amante digno com quem compartilhar tal momento.

— Eu poderia ficar aqui, aos seus pés, fazendo isso para sempre — declarou.

Ligeiramente mais consciente, sentei-me na cama assim que o vi ficar em pé diante de mim. Sem perder tempo, retirei a faixa que compunha seu traje, abri o botão de sua calça com as mãos ainda atrapalhadas e puxei suas roupas para baixo, deixando seu membro completamente livre. Por um instante, permaneci parada apenas admirando-o enquanto pensava em todas as maneiras de me divertir com ele, mas antes que isso fosse possível,

Marco se afastou.

— Eu posso colocar tudo a perder se você ousar me tocar — admitiu, parecendo se divertir — Você esgotou todo o meu autocontrole.

— Ok, doutor Marco — respondi, em um tom baixo e provocante — Acho que posso esperar até mais tarde — pisquei.

Depois de deslizar o preservativo por todo seu comprimento, Marco voltou a cobrir meu corpo com o seu, que me pressionou nos lugares certos, enquanto ele entrava lentamente dentro de mim. Com os olhos presos aos dele, o senti me preencher por completo. Após um breve instante parado, para que meu corpo se ajustasse ao seu tamanho, ele iniciou um movimento cadenciado, que em questão de instantes se tornou vigoroso e nos levou ao ápice do prazer, enquanto gemíamos o nome um do outro.

Afrouxando o aperto de seus dedos em meu quadril, que certamente deixaria vestígios, Marco rolou para o lado evitando que seu peso recaísse sobre meu corpo, e me puxou ao seu encontro. Apoiando a cabeça sobre seu peito, pude constatar que embora sua respiração estivesse quase normalizada, seu coração ainda pulsava acelerado,

bombeando sangue com intensidade suficiente para manter suas bochechas coradas.

Imersos em um silêncio confortável, no qual eu traçava círculos sobre seu abdome enquanto ele brincava com meus cabelos bagunçados, fui capaz de concluir que nem mesmo os meus sonhos mais realistas poderiam fazer jus à intensidade de Marco. A essas alturas, eu só podia desejar que suas palavras fossem verdadeiras, para que ele nunca mais se afastasse. Se antes eu tinha dúvidas, agora só me restava certeza: eu estava apaixonada por ele.

Capítulo 15

Em algum momento após o sexo incrível que havíamos feito, Marco e eu pegamos no sono, e quando despertei horas mais tarde, já perto do amanhecer, nossas pernas estavam entrelaçadas e um de seus braços pendia de maneira protetora ao redor de minha cintura, como se inconscientemente ele tentasse evitar que eu escapasse.

Achando graça da situação, tentei me desvencilhar fazendo o mínimo possível de movimentos, e quando achei que havia conseguido, Marco me puxou de volta para a cama, fazendo com que eu me assustasse com seu ataque surpresa.

— Eu esperei tempo demais até ter você em minha cama, para que agora você saia assim, à francesa. — murmurou com a voz grossa, distribuindo beijos por minha nuca.

— Era apenas uma ida ao banheiro — choraminguei — E convenhamos, foram só algumas semanas de espera.

— Fale por você, doutora Daniela. Eu tenho desejado isso desde a primeira vez em que coloquei os olhos em você. — disse tranquilamente, me

deixando livre de seu abraço.

Processando a informação que ele havia acabado de compartilhar comigo, me levantei da cama sem qualquer preocupação de cobrir minha nudez, o analisei de cima a baixo por um longo instante, me deliciando com a visão do homem bonito que mantinha seus braços cruzados atrás da cabeça enquanto me dirigia um sorriso sacana, e finalmente segui em direção ao banheiro, antes que desistisse e me jogasse sobre ele.

Trancada no espaço reservado, com as mãos apoiadas sobre o mármore claro da pia, constatei que a bagunça externa refletida no espelho era condizente com a maneira como eu me sentia por dentro, após tudo que havia acontecido entre Marco e eu horas atrás.

Depois de aliviar minha bexiga, parei novamente diante do espelho, enxaguei o rosto em uma tentativa inútil de clarear meus pensamentos, escovei os dentes, e me empenhei em domar meus cabelos da melhor maneira possível, penteando-os com as pontas dos dedos.

Quando abri a porta minutos mais tarde, me deparei com ele parado a alguns passos de distância, completamente nu, com os braços

cruzados sobre o peito. Incapaz de desviar o olhar do que estava diante de mim, ganhei como resposta um arquear de sobrancelhas e um sorriso torto. Ao passar por mim, indo em direção ao banheiro, Marco me surpreendeu com um tapa de leve em minha bunda, que embora tenha me arrancado um sorriso divertido no momento, me fez pensar muito mais além.

Tendo algumas partes de meu corpo reclamando de dor por toda atividade noturna, não hesitei em voltar para a cama macia e convidativa. Deitada de bruços, abraçada a um dos travesseiros, só fui perceber que minha mente havia viajado para longe quando senti o colchão afundar em ambos os lados de meu corpo e o silêncio foi quebrado pela voz de Marco.

— Isso é um convite? — sussurrou em meu ouvido, antes de morder o lóbulo de minha orelha, fazendo com que um arrepio percorresse todo meu corpo.

— Para você? — perguntei, lhe direcionando meu melhor olhar sedutor — Sempre!

Reagindo à minha declaração com um grunhido, Marco agarrou os cabelos de minha nuca com uma de suas mãos e puxou minha cabeça

ligeiramente para trás, deixando meu rosto mais perto do seu, e então beijou o canto de meus lábios de maneira provocante.

Tendo livre acesso sobre meu corpo, Marco voltou a beijar, provocar e explorar cada centímetro de minha pele que estava diante de si sem pressa alguma, nos proporcionando uma nova rodada de prazer, que não perdeu em nada para a primeira. Quando alcançamos o ápice algum tempo depois, ele voltou a me aninhar entre seus braços e eu me senti confortável ali. Naquele instante, palavras eram completamente dispensáveis.



O sol já estava alto no céu quando Marco e eu acordamos. Esticando um pouco o braço, apanhei o celular que estava na extremidade do colchão e chequei as horas.

— Vamos bonitão, já passou da hora de levantar, perdemos o café — anunciei, dando um tapa em sua bunda ao tentar me levantar.

— Tem certeza que precisamos comer? Você já me satisfaz — piscou, mordiscando meu pescoço,

em uma tentativa de me manter ali.

— Não queira ficar em minha companhia sem que eu beba uma caneca de café, doutor Marco! — alertei.

— É tão errado isso, mas ouvir você me chamar de “doutor Marco” assim, nua e em meus braços, é a coisa mais sexy. Deus me ajude a lidar com isso quando estivermos de volta ao hospital. — gracejou, me apertando mais contra seu corpo.

— Isso mesmo, você deve ser o bom exemplo — pisquei, lhe dando um beijo rápido nos lábios e rolando para longe, conseguindo enfim deixar a cama. — Te encontro aqui dentro de uma hora, trate de se levantar — ordenei, fechando a porta do banheiro.

— Mulher mandona — resmungou, alto o suficiente para que eu ouvisse através da porta fechada e sorrisse.



Marco

No horário determinado por Daniela, parei diante de sua suíte e toquei a campainha, alguns segundos depois fui recebido por ela, que trajava um bonito vestido de verão e me sorria amplamente, parecendo tão feliz em me encontrar novamente, como eu a ela.

A verdade é que Daniela vinha me surpreendendo desde a noite passada, até mesmo antes das coisas saírem fora de controle entre nós, ela parecia mais leve e aberta ao que pudesse acontecer, o que me motivou a seguir adiante.

Após a primeira rodada, na qual ela pegou no sono antes de mim, tomei um tempo brincando com seus cabelos, admirando seu semblante tranquilo e desejando que isso se tornasse frequente, pelo tempo que fosse bom para ambos.

— A doutora me acompanharia para o café? — perguntei com um floreio, lhe oferecendo o braço.

— Na falta de uma companhia melhor... — provocou ela, enganchando seu braço no meu.

Aceitando sua provocação e revidando à minha própria maneira, nos girei no corredor do hotel e a encurralei contra a parede, lhe roubando um beijo

rápido, porém intenso, para logo a seguir voltar a guiá-la como se nada houvesse acontecido.

— Que abusado você, Marco, me roubando beijos assim.

— Posso devolvê-lo, se preferir — pisquei, ganhando um sorriso divertido como resposta.

Deixando o hotel para trás, seguimos caminhando pela rua estreita e alguns metros à frente encontramos o café que nos foi recomendado pelos funcionários do hotel. Apesar de pequeno, o lugar nos pareceu acolhedor, com algumas poucas mesas e cadeiras. Sentados próximos a uma janela grande, por vários instantes apreciamos o movimento de transeuntes, que seguiam despreocupadamente na manhã de domingo, com suas sacolas de compras.

Nós tivemos um bom tempo ali, enquanto nos fartávamos saboreando um delicioso desjejum, e quando terminamos, cerca de uma hora após a nossa chegada, nós partimos, prontos para explorar tanto quanto possível da cidade.

Caminhando lado a lado, Daniela seguia de mãos dadas comigo. Poderia parecer um gesto bobo, simples, mas era o suficiente para calar a minha inquietação de que a qualquer momento ela

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia mudar de ideia quanto a se envolver comigo, e decidir que o melhor seria se não misturássemos as coisas.

Embora nossa aproximação tenha parecido repentina, e até mesmo precoce, Daniela atraiu a minha atenção antes mesmo que eu colocasse os olhos nela. Inicialmente foi por sua excelente reputação, depois, sua competência e dedicação, e por último, mas não menos importante, sua beleza. Sempre tão discreta e reservada, jamais imaginei que uma noite de diversão e algumas doses de sangria seriam o suficiente para me abrir caminho em direção à Daniela, que parecia ter uma barreira impenetrável à sua volta.

Nos rendendo ao maior clichê turístico já existente, compramos tickets para um passeio naqueles ônibus de dois andares, e dessa forma percorremos os principais pontos turísticos da cidade. Daniela pareceu se divertir ao longo do trajeto, e por diversas vezes ela chamou minha atenção com alguns tapinhas em minha perna, para que eu visse o mesmo que ela.

Quando o passeio chegou ao fim e retornamos ao ponto do qual havíamos partido mais cedo, decidimos refrescar o final de tarde com um *gelato*.

PERIGOSAS ACHERON

Daniela escolheu os sabores de Nutella e Morango, que pela sua cara feliz, harmonizavam muito bem na boca. Eu acabei optando por pistache e avelãs, e depois de saborear, pude compreender toda a sua alegria: o doce era maravilhoso.

A caminho do hotel, passamos por uma bonita fontana na qual eu decidi parar. Ainda ouvindo as gracinhas de Daniela sobre superstição, me aproximei da borda, dei as costas para a água, ficando de frente para a bela mulher que me acompanhava, apanhei em meu bolso uma das moedas que eu havia recebido como troco pelo *gelato* e a arremessei sobre meu ombro, enquanto mantinha o olhar fixo na mulher que vinha povoando meus sonhos e despertando desejos.

— Você deveria tentar — a incentivei assim que voltei a me aproximar, colocando uma moeda na palma de sua mão.

Parecendo incerta, Daniela caminhou alguns passos e parou no mesmo lugar que eu havia ocupado antes. Dando as costas para a fonte, ela me encarou com um sorriso divertido, fechou os olhos como se estivesse se concentrando, pressionou a mão em punho sobre seu coração e então arremessou a moeda, que atingiu a água e depois

afundou junto com as demais.

Ao se reaproximar de mim, ela parecia um tanto tímida, mas fingi não perceber. Escolhendo um banco posicionado sob a sombra de uma árvore, Daniela e eu nos sentamos bem próximos e terminamos nosso *gelato* em silêncio, enquanto assistíamos tantas outras pessoas repetirem o mesmo ritual que havíamos feito ainda há pouco.

Assim que o sol se escondeu na linha do horizonte, em meio aos prédios, nós fizemos o caminho de volta ao hotel, o que não levou mais do que alguns minutos. Subindo no elevador antigo que demorava muito mais do que os modernos dos quais estávamos acostumados, ponderei por um instante se deveria falar para Daniela sobre meus planos para o jantar, mas rapidamente acabei deixando a ideia de lado. No fundo, eu sabia que deveria ser paciente e não tentar forçar nada.

— Sabe, Marco, eu estive pensando sobre algumas coisas — começou a falar, assim que paramos diante de sua porta — Se vamos pegar o mesmo voo de volta e até mesmo vamos dividir o taxi, por que você não traz as suas coisas para cá? Como você já sabe, a cama é grande o suficiente para caber nós dois...

Sustentando uma sobrancelha arqueada, que provavelmente demonstrava o quanto eu estava surpreso por seu convite, levei um longo minuto fingindo pensar a respeito, antes de rodear sua cintura com meus braços e trazê-la para mais perto.

— Só se você aceitar jantar comigo em uma cantina — declarei, esforçando-me ao máximo para seguir olhando em seus olhos, sem me desviar para sua boca, que parecia implorar para ser beijada.

— Hum, temos um acordo, doutor Marco — concordou, rodeando meu pescoço com seus braços e dizendo as últimas palavras em um tom mais grave e sensual, bem próximo de meu ouvido.

Incapaz de resistir à tentação, aproximei o meu rosto do de Daniela até que nossas bocas estivessem se tocando, e depois de morder algumas vezes seu lábio inferior, eu a beijei.

Capítulo 16

Marco

Mais rápido do que eu gostaria, o final de semana perfeito ao lado de Daniela chegou ao fim, e a prova concreta disso veio do celular tocando em sua mão poucos instantes após deixarmos a aeronave. Me direcionando um pedido de desculpas com o olhar, Daniela atendeu a chamada, trocou meia dúzia de palavras com o interlocutor, parecendo preocupada, e solicitou uma bateria de exames que deveria ser feita às pressas.

— Emergência no hospital — declarou Daniela após desligar, recolhendo de volta a mala que eu vinha arrastando através do piso brilhante do aeroporto — Ao que parece, um aneurisma rompido. — suspirou, deixando os ombros caírem — Eu só queria algumas horinhas de sono. — murmurou.

— Quem manda ser uma neurocirurgiã tão competente? — pisquei, tentando ser uma distração — E quanto a dormir, o que houve, doutora? Teve uma noite tumultuada?

— Bem, ao que parece meu colega de quarto tinha outros planos que não envolviam uma noite de sono, não é, doutor Marco? — provocou, me

desafiando a dizer o contrário com o seu característico arquear de sobrancelhas.

Embora não houvéssemos ficado mais do que vinte e quatro horas juntos, a sensação que tive no tempo que permaneci ao seu lado foi de que as horas passaram em uma velocidade diferente para nós, me permitindo desfrutar muita coisa ao lado dela em pouquíssimo tempo.

— Bem, eu estou indo para o hospital, posso te dar uma carona, se quiser. Há algumas coisas que preciso resolver com certa urgência, uma vez que passei a última semana fora.

— Claro, eu adoraria — disse ela, me direcionando um sorriso agradecido.

No breve trajeto até o hospital, Daniela se manteve mais calada do que havia sido em nossa viagem de volta a Madrid. Sem saber se isso ocorria devido a ter uma emergência para enfrentar após poucas horas de sono, somado à breve viagem, permaneci calado, deixando que a música baixa no sistema de som do carro preenchesse o nosso silêncio.

Sem esperar por minha cortesia de lhe abrir a porta, Daniela saltou do lugar que ocupava no carro assim que estacionei na vaga destinada a mim.

Mantendo uma distância razoável dela, apanhei sua bagagem no porta-malas e entreguei a ela, que passou a caminhar ao meu lado, em sua postura usual de mulher inatingível.

Colocar os pés para dentro das portas do hospital, ao lado de Daniela, fez com que o choque de realidade me atingisse em cheio, e imaginei que para ela havia ocorrido o mesmo, uma vez que sua postura havia se tornado ligeiramente mais rígida. Pensar em não poder beijá-la ou tocá-la como havia feito ainda há pouco no aeroporto me deixou inquieto, e por isso afundei as mãos no bolso do jeans que eu vestia enquanto esperava pelo elevador.

Por sorte, conseguimos pegar o elevador vazio, e embora eu buscasse uma maneira de chegar até ela, a única coisa que saiu da minha boca naquele instante, em meio a pensamentos tumultuados, foi:

— Já sabe onde vai colocar seu troféu?

— Claro que sim, tenho tudo planejado. Ele ficará dentro de uma redoma de vidro, iluminado por um holofote, ao lado da porta do centro cirúrgico que utilizo — piscou, parecendo se divertir ao imaginar a cena — Bem, na verdade não sei, é capaz que eu durma abraçada a ele por

algumas noites antes de colocá-lo em minha estante, ao lado dos livros de Neuro.

— Você deveria ter dormido abraçada com ele assim que o recebeu — ponderei.

— Acredite em mim, doutor Marco, a companhia que tive em minha cama, nos últimos dias, foi bem melhor do que a de um objeto frio de vidro. — provocou, um instante antes de as portas do elevador se abrirem no quarto andar.

Seguindo apressado para fora, de maneira que pudéssemos seguir caminhando lado a lado, a adverti:

— Você não deveria me provocar assim, Daniela.

— Como não? E deixar passar a chance de ver você todo tenso por outros motivos que não sejam de trabalho? — insistiu, mantendo a voz baixa.

— Você sabe melhor do que ninguém o que eu posso fazer com o seu corpo contra uma porta de madeira — devolvi, olhando por cima de seu ombro assim que paramos diante da sala dos cirurgias.

Encolhendo-se ligeiramente no que eu acreditava ser um calafrio de desejo, Daniela ofegou e aproveitei de sua fraqueza para me

aproximar um passo, parando bem próximo a ela.

— Só Deus sabe o quanto estou me esforçando para não beijá-la agora, bem no meio desse corredor, para que todos vejam — murmurei baixo, evitando que os funcionários que circulavam por ali ouvissem além da conta.

— Você fala como se isso fosse uma tarefa fácil para mim — confessou, ajeitando uma mecha solta de cabelo atrás da orelha – Eu... Eu preciso ir, Marco. Até logo — despediu-se apressada, me presenteando com um sorriso cúmplice por tudo que havíamos compartilhado juntos nas últimas horas, antes de finalmente entrar na sala de descanso e me deixar sozinho, feito uma estátua de cera, no meio do corredor.

Tomando meu próprio caminho com os pensamentos ainda distantes, acabei me assustando quando Valentina surgiu diante de mim, toda sorridente e radiante.

— É bom ter você de volta, chefinho. Espero que tenha aproveitado seu descanso.

— Você não faz ideia do quanto — murmurei distraidamente, dando voz aos meus pensamentos, que ainda estavam ligados a Daniela.

Como Valentina parecia ter uma super audição

e uma curiosidade maior do que seu próprio tamanho, acabei sendo escoltado por ela até a minha sala, para lhe falar todos os detalhes da viagem.

Assim que fechei a porta de minha sala, contei a ela sobre os bons dias que passei na companhia de minha família, sobre o belo bebezinho que agora minha irmã segurava em seus braços e até brinquei com Valentina, dizendo que logo ela estaria nessa mesma situação e eu babando sobre o sobrinho ou sobrinha postiço.

— Eu acho muito bom que você seja presente na vida de meu bebê, você foi uma peça importante em minha nova vida aqui em Madrid, Marco.

— Não se preocupe, eu serei o tio legal que estraga a criança dando doces e deixando fazer o que quer —isquei, enquanto nos servia de uma xícara de expresso.

— E quanto ao evento? Mostre-me logo o troféu, estou curiosa — disse inquieta, antes mesmo de sorver um gole da bebida. — Café descafeinado é golpe baixo — resmungou, fazendo uma careta para a xícara diante de si.

Atendendo ao seu pedido, abri a mala que havia sido deixada em um canto da sala, revirei

algumas de minhas camisas que havia usado para embalar o objeto e por fim o coloquei sobre a mesa, diante dela.

— É tão lindo! Estou orgulhosa de você, e de mim também, por fazer parte da sua equipe. Sempre tão dedicado... Já era hora de ser reconhecido por isso — sorriu, me direcionando um olhar amoroso.

Às vezes, eu me perguntava se merecia estar rodeado de pessoas tão queridas, como meus colegas de equipe e Valentina, que com o passar do tempo havia se tornado uma espécie de família para mim. Era bom saber que havia alguém como ela torcendo por mim e me apoiando em todos os momentos.

— Certo, e o que mais você tem a me dizer? — exigiu, se remexendo desajeitadamente na cadeira diante de mim — Nada de ter segredos comigo, Marco. Você sabe que não consegue me esconder as coisas por muito tempo. — disse determinada, sustentando um sorriso presunçoso.

Aceitando meu destino e a dificuldade de esconder o que quer que fosse da criatura sorridente diante de mim, contei a ela sobre a conversa que Daniela e eu havíamos tido no final de semana

anterior à viagem. Falei sobre nossa aproximação, a troca de mensagens constante, sobre o reencontro no sábado à noite e como a bebida facilitou para que nos rendêssemos de vez ao que tanto desejávamos.

— Ainda me parece um pouco precipitado dizer isso, mas eu estou me apaixonando por ela, Valentina. — admiti em voz alta, surpreendendo a mim mesmo.

— Você não deveria estar surpreso. Ela é uma mulher incrível, você é um homem incrível, a química entre vocês parece acontecer naturalmente, não há por que se assustar com isso ou se sentir mal. — aconselhou, me sorrindo com ternura.

— Quando Melisa morreu eu fiquei devastado, não achei que encontraria outra pessoa que pudesse me fazer tão bem quanto eu me sentia ao lado dela. Mas Daniela faz isso, me bagunça, me faz sorrir para o nada e me faz desejá-la de uma maneira absurda. — suspirei, sentindo parte do peso que eu havia carregado por anos em meu peito desaparecer.

— Se permita viver o sentimento, Marco. — disse com delicadeza, tomando minha mão entre as suas, ganhando minha atenção — Não posso lhe

garantir que será fácil, ou que todos os dias serão repletos do mais doce amor e do melhor sexo. Há momentos tempestuosos em um relacionamento, mas se vocês de fato quiserem viver o sentimento, vão saber passar por cima de tudo isso.

— Falando assim, com tanta propriedade sobre amor e sentimentos, você faz com que eu me sinta um garotinho assustado. — brinquei, embora me sentisse verdadeiramente assim perto dela.

— Deixe de ser besta — protestou com diversão — Você presenciou de perto o quanto o amor pode fazer bem a uma pessoa. — sorriu de leve, enquanto seu olhar vagava para longe.

Com os anos de amizade, aprendi que Valentina havia experimentado altos e baixos no quesito relacionamentos, que havia jogado tudo para o alto apenas para não viver presa a uma relação morna e estável. Depois de se juntar à minha equipe, eu a vi crescer e florescer, amar e ser amada, até chegar a esse momento, no qual ela distraidamente alisava a barriga volumosa enquanto bebericava as últimas gotas de seu café.

— Sabe o que faz de você uma cirurgia cardíaca tão boa? — questionei, atraindo sua atenção — O fato de você conseguir reparar um

coração defeituoso em todas as suas maneiras, sejam elas fisiológicas ou emocionais.

— Eu já terminei o meu trabalho por aqui, Marco — sorriu, sem disfarçar a umidade em seus olhos — Agora cabe a você e Daniela trabalharem juntos para suturar as fissuras abertas e fazê-lo bombear com vivacidade outra vez.

Capítulo 17

— Viajar é bom, mas nada como voltar para casa e ainda ser mimada pela amiga — brinquei assim que coloquei os pés para dentro de casa, esquecendo a mala ali mesmo e indo até Rebecca, que deixou as panelas por um instante e me abraçou.

— É bom ter você de volta. — sorriu, voltando a mexer no conteúdo da panela — O que houve, que não veio direto para casa?

— Aneurisma rompido em uma paciente com a nossa idade, dá para acreditar? — suspirei, sentindo todo o cansaço do dia se abater sobre meus ombros — Bem, eu só preciso de um banho e venho te ajudar a terminar o jantar.

— Fique tranquila, leve o tempo que precisar, já está quase tudo pronto — piscou, me dando um sorriso complacente.

Recolhendo a mala que havia sido deixada no caminho, segui até meu quarto, e assim que fechei a porta atrás de mim, retirei os sapatos, me sentindo aliviada de colocar os pés no chão após tanto tempo usando calçados. Isso era uma breve sensação de liberdade, após um dia tão exaustivo.

Dentro de uma sala de cirurgia eu era capaz de esquecer de todas as minhas necessidades fisiológicas, como comer, ir ao banheiro ou até mesmo dormir. Minha mente se calava e a única coisa na qual eu conseguia pensar era na pessoa aos meus cuidados, mas assim que o procedimento chegava ao fim e o paciente era levado para a recuperação, eu me despia de todos os itens de paramentação e colocava os pés para fora do centro cirúrgico, era como se eu reassumisse a posse de meu corpo e tudo que eu vinha sentindo antes clamava por ser atendido.

Deixando para trás tudo que poderia esperar por mais alguns instantes, apanhei uma toalha limpa no armário e segui até o banheiro. O jato de água morna sobre minhas costas fez os meus músculos tensos relaxarem, e tal sensação de paz e tranquilidade logo deu lugar à lembranças minhas e de Marco tomando banho juntos, após uma incrível rodada de sexo no quarto de hotel em Milão. Ainda confusa pelo misto de sentimentos que isso provocava em mim, fechei o chuveiro, me sequei e retornei ao quarto.

Sabendo que não ficaria muito mais tempo acordada, embora ainda fosse sete da noite, vesti

um pijama confortável e abri a mala. Depois de retirar o troféu do meio das roupas e o colocar sobre a cama, retirei os vestidos de festa, tanto o que eu havia levado, quanto o que havia comprado durante a viagem, e os pendurei no closet. Separei as roupas sujas que deveriam ser lavadas posteriormente, amontoei sobre a cama as peças limpas que voltariam para a gaveta, e após esgotar todas as minhas desculpas para adiar uma checagem no celular, retirei o aparelho de dentro da bolsa.

“O que era para ser uma passada rápida no hospital tomou todo o meu dia, espero que a cirurgia já tenha terminado e você possa estar descansando :)”

Encarando a mensagem enviada por Marco há algum tempo, senti a gostosa sensação de ser querida por alguém, ou melhor dizendo, por ele, ao mesmo tempo em que me culpava por não ter sido mais atenciosa. A verdade é que a situação toda era nova para mim, eu sequer me lembrava quando havia sido a última vez em que estive namorando alguém e quais os protocolos padrões exigidos de um relacionamento.

Ainda estranhando o fato de estar ligada a ele

sem saber ao certo o que aconteceria dali por diante, mesmo depois de uma conversa sincera sobre nossos temores, prometi a mim mesma que baixaria a guarda e agiria à minha maneira, mandando mensagem quando sentisse vontade, sendo sincera com ele e com meus sentimentos, e lhe dizendo o que achava que deveria ou não. Aos poucos eu teria que me permitir reaprender como era não estar caminhando sozinha.

“Cheguei em casa ainda há pouco, estava quase morta depois da cirurgia. Você também deveria ir descansar.” – respondi, sabendo que ele provavelmente ainda estava trabalhando, um ponto comum em nós dois.

“Mais alguns papéis e eu estou livre para ir. Só lamento por não ter você como “colega de quarto” essa noite. Espero que dormir não se torne uma tarefa difícil sem você por perto ;p”.

“Pois nessa noite em especial você deveria agradecer. Se eu fosse sua “colega de quarto” você teria o trabalho extra de ter que me fazer uma massagem”. – respondi com um sorriso divertido no rosto, após alguns instantes de silêncio absorvendo tudo que sua mensagem queria dizer, até mesmo nas entrelinhas.

Apesar de ainda não me sentir totalmente à vontade para expor a ele como eu me sentia a respeito, isso também era algo que me preocupava. Desde que os sonhos eróticos que envolviam Marco haviam começado, uma espécie de barreira pareceu se desmanchar, permitindo que ele se aproximasse, até que os sonhos se tornassem realidade. E agora que eu havia atravessado para o outro lado, dado voz ao meu desejo e descoberto que poderia ser infinitamente melhor do que eu havia imaginado, só conseguia me sentir como uma viciada, desejando ter mais e mais dele.

“Obrigado, doutora Daniela, você acaba de arruinar a minha noite, apenas por não estar aqui. E quanto a massagem, saiba que para você eu estou sempre às ordens. ;)”

Sentindo uma estranha sensação em minha barriga, que eu só poderia definir como “borboletas no estômago”, conforme as mocinhas de livro bem gostavam de dizer e eu não me recordava ter sentido uma vez sequer antes dele, recolhi o troféu de cima da cama e segui em direção à cozinha, ao encontro de Becca.

— Ah, meu Deus, ele é tão lindo e reluzente — disse animada, pegando o objeto de minhas mãos

assim que entrei no cômodo. — Sabe, estou muito orgulhosa de você, Dani! — sorriu com ternura, me abraçando apertado logo depois de deixar o objeto sobre o balcão da cozinha.

— Obrigada, Becca, só você sabe o quanto isso era importante para mim. — agradei, sentindo-me muito feliz de poder compartilhar essa conquista com ela.

Enquanto minha amiga apagava o fogo e terminava de fazer seja lá o que ela estivesse preparando, apanhei no armário os utensílios que usaríamos, uma jarra de suco na geladeira e dispus tudo sobre a mesa. Instantes depois, Rebecca trouxe uma porção de *croquetas de Jamon* recém-fritas, alguns tipos de queijo cortados em cubinhos e uma travessa de salada, para petiscarmos antes do prato principal.

— Você sabe que é a melhor, certo!? Fez coisas deliciosas para o jantar, Becca!

— É o jantar dos campeões — brincou, ocupando o seu lugar diante de mim — Anda, Dani, agora já pode começar a me contar tudo. — pediu, me encarando com o olhar de uma garotinha curiosa.

Achando graça de seu comportamento,
PERIGOSAS ACHERON

coloquei um pouco de cada coisa disposta sobre a mesa em meu prato, e entre uma mordiscada e outra, contei a ela sobre meu breve passeio por Milão no sábado, sobre a compra de um belo vestido e finalmente sobre o evento.

— Eu adoraria estar lá para ver seu discurso e te aplaudir. — comentou, levantando-se da mesa após esvaziar o prato, para buscar o que seria o prato principal. Minha boca já salivava de expectativa, Becca era uma excelente cozinheira.

— Marco gravou um vídeo desse momento, depois peço para ele me enviar e te mostro — comentei distraidamente, reabastecendo nossos copos.

— Hum, Marco... — silenciou-se por um instante, claramente pensativa a respeito — E quanto a vocês, vai me dizer que não houve nada? — perguntou, me direcionando um olhar acusatório.

— Como você já deve imaginar, nós dormimos juntos, Becca — admiti, enquanto tentava disfarçar o sorriso que insistia em surgir em meus lábios apenas por pensar na situação. — Como se isso não fosse o suficiente, nós aproveitamos parte do domingo para explorar a cidade, fizemos um

programa turístico bem de casal, vez ou outra caminhamos de mãos dadas, tomamos *gelato*, assistimos ao pôr do sol juntos e agora eu só consigo pensar que gostaria de ter um pouco mais disso com ele. — confessei.

— Você está apaixonada por ele — disse Rebecca, com um sorriso terno nos lábios enquanto colocava a travessa de risoto no centro da mesa.

— Eu já cogitei tal possibilidade, e pensar a respeito me deixou um pouco apavorada — admiti pela primeira vez em voz alta.

— Ele é um cara legal. Sempre foi muito discreto, e se quer saber, desde que trabalho no hospital, o que me dá alguns anos a mais do que você, nunca ouvi qualquer comentário sobre ele se envolver com pessoas do trabalho. Talvez você tenha sacudido o mundo dele, tanto quanto ele sacudiu o seu — deu de ombros, sorrindo de leve com um olhar sonhador.

Embora Rebecca sempre tenha sido a mais romântica de nós duas, seus olhares carinhosos e sorrisinhos pareciam não ser apenas por conta do que eu havia contado a respeito de Marco. Seguindo meu instinto, decidi arriscar uma pergunta da maneira mais despretensiosa possível:

— E você, se divertiu sem mim durante o final de semana?

Por um instante, Rebecca parou, encarou o prato de risoto diante de si, empurrando a comida de um lado para o outro, depois voltou a comer novamente sem dizer nada enquanto suas bochechas coravam, denunciando-a de que algo estava sendo omitido em nossa conversa.

— Saí para beber com o pessoal depois do plantão de sábado. Foi... legal. — disse simplesmente, sorvendo um gole de suco logo depois, evitando olhar em minha direção.

— Hum, muito bom, pelo menos não ficou trancada em casa. — dei de ombros, fingindo desinteresse, mesmo sabendo que ela ainda não havia revelado tudo, o que era algo incomum. — Tem notícias do Fer? Não o vi no hospital.

— Ele queria se juntar a nós para o jantar, mas eu achei melhor deixá-lo de fora, imaginei que com ele aqui você me pouparia de certos detalhes. — piscou.

— Ao que parece, a senhorita também está me poupando de algo — comentei, com falso desinteresse.

Mordendo o lábio inferior algumas vezes, em

um gesto claro de nervosismo que eu bem conhecia, Becca voltou a remexer a comida, e sem me encarar, soltou:

— Fernando e eu dormimos juntos... e foi muito bom.

Levando um minuto ou dois para compreender o que ela de fato queria dizer com aquelas palavras, agradei por estar sentada, caso contrário, poderia ter caído para trás.

— Vocês o quê? — perguntei, ainda atônita, precisando confirmar que eu havia escutado corretamente.

— Fernando e eu dormimos...

— *Ai, Dios* — soltei, impedindo-a de continuar a frase. — Não posso acreditar que *mamá* estava certa todo esse tempo e eu não fui capaz de enxergar. Ok... E como vocês estão quanto a isso? — perguntei com certo temor, a última coisa que eu gostaria era de vê-los se afastar por isso.

— Ah, nós estamos muito bem. Não era algo que eu já houvesse considerado, mas aconteceu, foi bom, e estamos dispostos a ver aonde isso vai dar. — deu de ombros, exibindo um sorriso divertido.

Ainda impactada com a notícia, acabei desviando os pensamentos para minha própria

situação. Durante um mísero instante, eu os invejei por conseguirem lidar tão bem com algo simples, enquanto eu me mantinha firme e resistente quanto ao que vinha sentindo por Marco.

— Nós combinamos de não te contar muitos detalhes, achamos que poderia ser traumático — provocou.

— Obrigada por me pouparem, isso seria como flagrar meus pais transando. Faria os meus olhos e ouvidos sangrarem. — brinquei, arrancando dela uma gargalhada alta.

— Eu senti sua falta... — sorriu de leve, deixando transparecer sua felicidade — Obrigada por não nos julgar ou dar um sermão daqueles.

— Quem sou eu para dizer qualquer coisa a respeito de relacionamentos ou assuntos do coração, não é mesmo? A única coisa que desejo é ver vocês felizes, independentemente de como ou com quem.

— Bem, a conversa está muito boa, muito divertida, mas está na hora da senhora descansar.

— Você preparou o jantar, deixe que eu ajude com a limpeza. — ofereci, era o justo a se fazer.

— Vou colocar na sua conta, cobrarei isso outro dia, por ora, está dispensada — piscou,

pegando o troféu mais uma vez de cima da bancada, observando-o atentamente e me devolvendo logo depois — Vamos arrumar um lugar especial para ele.

— Tenho certeza que sim. Boa noite, Becca.

Caminhando a passos trôpegos pelo corredor, finalmente cheguei à porta de meu quarto. Sem me dar ao trabalho de acender qualquer luz, além da emitida pelo abajur, rastejei para debaixo das cobertas e deixei que meu corpo relaxasse no conforto de minha cama, apenas um instante de ser acometida pelo desejo de ter Marco ali comigo.

A notificação de uma nova mensagem me deixou momentaneamente alerta, pensando logo que poderia ser algo referente à minha paciente, mas ao destravar a tela do aparelho, me deparei com uma mensagem enviada por Marco.

“Gostaria que você estivesse aqui. Boa noite, Daniela. Tenha doces sonhos. Beijos”

Indecisa quanto ao que lhe responder em meio a pensamentos conflitantes que circulavam por minha mente, acabei sendo vencida pelo sono instantes depois, com o celular ainda entre meus dedos, sem enviar nenhuma resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Quando os meus olhos se abriram na manhã de terça-feira, antes mesmo do nascer do sol, eu ainda tinha a chance de dormir ao menos mais uma hora até que o despertador tocasse, mas a preocupação com Isabel, a mulher que eu havia atendido em estado crítico no dia anterior, acabou me impedindo de pregar os olhos novamente, então me levantei de uma vez e segui para o banho.

Diferente de nossas manhãs costumeiras, Rebecca não precisaria estar no hospital antes das dez, portanto, nem me dei ao trabalho de avisá-la que estava de saída. Depois de recolher todos meus pertences necessários para o dia de trabalho e os guardar dentro de minha bolsa, apanhei uma banana na fruteira da cozinha e segui até a garagem do prédio, saciando parcialmente minha fome nesse meio tempo.

No breve trajeto até o hospital, ponderei sobre as poucas vezes em minha breve, porém bem-sucedida carreira, que eu havia pressentido algo a respeito de algum paciente, e em todas elas minha intuição havia me guiado na direção correta, e talvez por isso não fui capaz de ignorar a

inquietação crescente em meu peito.

Tendo como prioridade máxima verificar o quadro clínico de minha paciente, subi rapidamente em direção ao quinto andar, substituí minhas roupas por uma do hospital, distribuí em meus bolsos tudo que poderia precisar nas próximas horas e segui em direção à unidade de terapia intensiva, onde Isabel permanecia se recuperando.

Apesar de seu prontuário não apontar qualquer variação negativa nas horas em que estive ausente, solicitei que novos exames fossem realizados para uma reavaliação fidedigna de seu quadro clínico.

Sentindo minha barriga reclamar de fome, uma vez que a banana não havia sido o suficiente para me saciar, deixei a UTI sabendo que levaria algum tempo até que os exames ficassem prontos, e segui até o refeitório. Depois de comer um croissant e um pão com queijo e presunto, deixei o lugar com uma quantidade generosa de café e segui em direção à sala de imagem.

Me desligando por um instante do caso que havia tirado meu sono, fui abatida pelo sentimento de culpa ao me dar conta de que a última mensagem enviada por Marco, na noite anterior, permanecia sem uma resposta. Pensando a respeito

em tudo que ele era capaz de provocar em mim, adentrei na sala imersa na penumbra e iniciei uma caminhada de um lado para o outro diante dos monitores, bebericando meu café enquanto mil pensamentos vinham à minha mente. Mas isso só durou até que a porta se abriu minutos depois e Marco adentrou na sala.

— Eu a chamei no corredor, mas você parecia distraída e preocupada, imaginei que não houvesse me escutado. Aconteceu alguma coisa, Daniela? — perguntou suavemente, parando próximo a mim.

— Estou preocupada com a minha paciente. O seu estado é grave e isso me tirou o sono. — suspirei, me sentindo cansada, apesar de não estar no hospital nem mesmo há uma hora.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? — ofereceu, ajeitando uma mecha de cabelo atrás de minha orelha.

Encarando o homem incrível diante de mim, agradei por ele ser confiante o suficiente para não considerar que eu estivesse o ignorando nas vezes em que o deixei falando sozinho.

— Fica aqui comigo? — pedi, recostando-me contra uma mesa, sentindo-me momentaneamente vulnerável.

— Eu senti sua falta, sabia? — disse baixo, com o olhar fixo no meu e a voz ligeiramente mais grave, ao segurar meu rosto entre suas mãos.

— Me desculpe por...

— Shh, não há nada para se desculpar, Daniela — interrompeu, antes de pressionar levemente seus lábios contra os meus.

Deixando o copo de café em algum lugar sobre a mesa, levei minhas mãos até seu peito na intenção de afastá-lo, afinal de contas, qualquer um poderia entrar ali, mas acabei me distraindo no instante em que ele mordiscou meu lábio inferior e o contornou com a sua língua, pedindo passagem. Dando-lhe livre acesso, Marco passou a me beijar com delicadeza e doçura, completamente diferente dos beijos intensos e sensuais que já havíamos trocado.

Tão inesperadamente como havia começado, o beijo chegou ao fim no instante em que meu celular emitiu o alerta de uma nova mensagem, fazendo Marco recuar.

— Os exames estão prontos — anunciei, indo até um dos computadores, acompanhada por ele. — Bem, segundo os exames, tudo permanece igual com Isabel — comentei, após analisar as imagens por um instante, embora minha intuição dissesse o

contrário.

— Se não se sente segura com os resultados, repita-os dentro de algumas horas — sugeriu, alisando suavemente o meio de minhas costas. — Gostaria de poder ficar mais algum tempo lhe fazendo companhia, mas tenho uma cirurgia esperando por mim.

— Imagine, você já fez muito por mim, obrigada — sorri, verdadeiramente agradecida.

— Sinta-se à vontade para me procurar caso precise de algo ou queira apenas conversar — piscou, selando seus lábios nos meus uma última vez, antes de deixar a sala.

Apesar da angústia que agora eu carregava em meu peito, segui os passos de Marco para fora da sala e retomei minha rotina de trabalho naquela manhã, atendendo pacientes com indicação cirúrgica vindos de outros especialistas.

Com tanto a se fazer naquela manhã, só fui capaz de me juntar a Rebecca e fazer uma pausa para comer quando o relógio já marcava mais de uma da tarde. Porém, antes que eu conseguisse comer metade do que estava na bandeja diante de mim, meu celular começou a tocar. Sentindo a descarga de adrenalina sendo lançada em meu

sistema, atendi a chamada em modo alerta, e não foi preciso que me dissessem mais do que três palavras para que eu saísse em disparada, deixando tudo para trás. *Isabel havia piorado.*

Impaciente demais para considerar ir de elevador, subi dois lances de escada tão rápido quanto minhas pernas eram capazes de se mover, e corri para o bloco cirúrgico. Me paramentando rapidamente, fiz a rigorosa assepsia enquanto pedia a Deus e a todas as forças do universo para que não a levassem antes que eu tivesse a chance de tentar fazer mais por sua vida.

— Assim que tentamos diminuir a sedação conforme o protocolo, ela piorou. — Disse o intensivista.

— Obrigada, eu assumo daqui — agradei, voltando minha concentração para a jovem diante de mim.

Sem me deixar abater pelo estado no qual ela foi colocada sobre a mesa cirúrgica, esperei até que o anestesista lhe aplicasse um pouco mais de sedativos para iniciar a cirurgia.

O que encontrei, ao abrir a incisão feita no dia anterior, não me deixou animada ou otimista, mas eu estava ali para fazer tudo que estivesse ao meu

alcance, e por isso passei as próximas horas lutando para conter o sangramento que tentava tirá-la de mim.

Mesmo sabendo que seu quadro era praticamente irreversível sem que um milagre acontecesse naquela sala, eu persisti até onde pude. Persisti até que seus monitores apontassem seu corpo colapsando. Persisti até que seu coração parasse de pulsar e eu não pudesse fazer mais nada.

Com um nó na garganta e o peso de uma tonelada sobre meu peito, declarei a hora de sua morte e deixei a sala, tendo que enfrentar a segunda batalha mais dolorosa de perder um paciente: a de comunicar aos familiares que a bela moça não voltaria para casa junto deles.

A senhora de meia-idade se levantou assim que me viu ultrapassar as portas de vidro e veio até mim, segurando um terço entre as mãos unidas diante de seu peito.

— Como está a minha menina, doutora? — perguntou a senhora, com temor em sua voz e esperança em seus olhos.

— O quadro de Isabel era muito grave, Dona Nancy — comecei, a conduzindo de volta às cadeiras, pois sabia que ela precisaria estar sentada

para enfrentar o que estava por vir — Apesar de ser uma mulher jovem e forte, ela foi um tipo pouco comum. Eu dei tudo de mim, senhora, mas infelizmente não foi o suficiente, Isabel não resistiu.

— Eu disse a ela tantas vezes para não se cobrar tanto — soluçou — Para aliviar a carga de trabalho e ir viver... — fungou — Para ter um amor de verdade e ser feliz. — suspirou — Isabel se foi, Gúzman — disse ao marido, que já derramava lágrimas silenciosas ao seu lado.

Sentindo meu coração partido em mil pedaços, como há tempos não acontecia, abracei a senhora tentando lhe dar o consolo que eu mesma buscava, e após alguns instantes, quando seus tremores em meio ao choro diminuíram, eu me desculpei com ambos e parti.

Um quarto vago foi onde eu encontrei o refúgio para chorar toda dor, angústia, medo, impotência e insegurança que pesavam sobre meu peito naquele momento. Chorei pela senhora que não teria mais sua amada filha. Chorei pelo senhor que não a conduziria ao altar em direção ao seu amor. Chorei por Isabel, que não teria mais a chance de conquistar o mundo e toda felicidade que ele tinha

a oferecer. Chorei por mim, que me vi naquela moça sem vida.

Sem qualquer noção do tempo que havia se passado desde que eu entrara ali, fui até o banheiro anexo ao quarto, lavei meu rosto para aplacar a vermelhidão e o inchaço de meus olhos, resquícios do choro compulsivo, e após inspirar profundamente algumas vezes, me senti pronta para seguir em frente. Eu já havia perdido tempo demais.

Depois de subir três andares de escada, a fim de evitar o máximo possível de pessoas e atravessar os longos corredores do quinto andar, que pareciam dobrar de tamanho apenas por eu estar com pressa, me aproveitei da ausência da secretária de Marco e abri a porta de sua sala.

Desviando seus belos olhos do monitor diante de si, Marco se levantou num sobressalto assim que me viu parada junto à soleira e se adiantou em minha direção, enquanto eu também caminhava ao seu encontro.

— Por Deus, Daniela, o que houve com você?
— perguntou em clara preocupação, apoiando as mãos em meus ombros, de maneira que pudesse me olhar de cima a baixo.

— Eu sei que isso não vai soar romântico, que o ambiente não é o mais favorável e que a minha aparência não é das melhores no momento, mas eu preciso que você saiba, eu não vou mais resistir. — disse com firmeza, me aproximando mais um passo, sem desviar meus olhos dos dele — Eu me rendo, Marco. Você me bagunçou, se infiltrou em meus sonhos, ultrapassou minhas barreiras, e sem que eu percebesse, fez com que eu me apaixonasse por você. — declarei, dando voz aos meus sentimentos.

Pego de surpresa com a situação e por tudo que eu havia lhe dito, Marco permaneceu parado diante de mim, me encarando no mais absoluto silêncio, sem qualquer reação.

— Não se sinta pressionado a dizer nada, Marco, mas eu precisava dizer isso, ou eu...

Antes que eu pudesse concluir minha justificativa, fui silenciada por seus lábios, que agora pressionavam os meus. Deslizando as mãos de meus ombros para a minha cintura, Marco me trouxe para junto de seu corpo, não deixando qualquer espaço entre nós.

Assim como havia acontecido há algumas horas, que mais se pareciam dias depois de tudo

que eu já havia vivido em um breve espaço de tempo, Marco me beijou com delicadeza, cuidado e carinho, me deixando saber com seu gesto o quanto ele me queria.

— Eu também me apaixonei por você, Daniela.
— disse ao final do beijo, acariciando delicadamente meu rosto com seus polegares enquanto sustentava meu olhar, me permitindo ver a verdade em suas palavras, ao mesmo tempo em que meu coração se enchia de esperanças.

Epílogo

— Bem, acho que isso é tudo, terminamos por aqui! — concluí, guardando a última peça de roupa que restava em minha mala no closet de Marco, que de agora para frente também seria meu.

— Apesar de perder uma parte significativa de meu espaço, preciso admitir que é por uma boa causa. Estou feliz que você esteja aqui — declarou, me abraçando por trás e depositando um beijo na curva de meu pescoço.

— Bem, ainda é tempo de se arrepender, a chave do meu apartamento ainda está comigo, posso voltar para lá, se preferir — provoquei, recostando a cabeça contra seu ombro.

— Não tenho arrependimento nenhum no que diz respeito a nós, amor. Nem mesmo de não ter ido até você quando a vi pela primeira vez... Provavelmente, eu teria sido escorraçado, não é, doutora Daniela? — brincou, mordiscando logo abaixo de minha orelha.

— Você está muito certo, *cariño*... Eu teria chutado o seu traseiro bonito para fora de minha vida antes mesmo que você tivesse a chance de entrar nela. — sorri, sabendo que teria agido

exatamente assim — Obrigada por me fazer feliz como eu jamais imaginei ser possível.

Imersos em um silêncio confortável, permanecemos por um longo instante observando minhas roupas e outros de meus objetos se misturando com as coisas dele. Parecia tão certo e natural, como se tudo houvesse sido assim desde sempre.

Se há alguns meses me dissessem que em um curto período eu me apaixonaria, e mais do que isso, iria morar com o meu namorado, eu certamente teria dado uma boa gargalhada na cara da pessoa. Tal possibilidade me parecia algo improvável de acontecer.

O fato de Rebecca e Fernando estarem em um relacionamento havia contribuído para que toda essa mudança acontecesse. Passando mais tempo no apartamento dele do que no nosso, Becca decidiu por não renovar a sua parte do contrato de aluguel do imóvel que dividíamos. Permanecer sozinha ali não seria um problema, eu estava acostumada com as nossas divergências de horários e tinha total condição de arcar com as despesas, mas quando Marco me fez o convite para ir morar com ele, mais uma barreira que existia em mim

ruiu. Diante de seu convite, não senti a estranha necessidade de correr ou fugir para longe, como eu sabia que poderia acontecer, apenas senti que era hora de avançar mais um passo.

Desfrutando juntos desse pequeno momento em que seus braços me rodeavam, e eu me encaixava tão bem entre eles e em sua vida, eu não conseguia pensar que as coisas poderiam ter acontecido de outra forma, que não fosse essa. Era como se todas as peças soltas de minha vida estivessem se encaixando e formando um lindo mosaico com a nossa história.

— Alguma vez você chegou a pensar que em um futuro próximo estaríamos assim? — perguntei quase em um sussurro, não querendo estragar o momento. — Os meus sonhos nunca nos mostraram em outra situação que não fosse um momento extremamente sexual — sorri com diversão, me lembrando de como aqueles sonhos haviam mexido comigo, me fazendo olhá-lo com segundas intenções.

— Você sempre me atraiu, amor. Desde que entrei no centro cirúrgico daquele hospital em Barcelona e a vi fazendo magia diante de meus olhos. Mas é claro que você nunca me viu de outra

maneira que não fosse profissional. Bem, ao menos não até aquela noite na boate, onde eu finalmente pude conhecer a Daniela por trás da neurocirurgiã e passei a te querer ainda mais. — confessou, fazendo meu coração se aquecer um pouco mais enquanto selava seus lábios no meu.

— Bem, agora que terminamos aqui, precisamos cuidar do jantar. — declarei, fugindo de seu abraço antes que o beijo se tornasse mais intenso.

— Eu tenho um plano, algo mais... interessante. — sorriu torto, caminhando em minha direção como um predador.

— Deixe-o guardado, bonitão. Vai ser muito útil depois que os convidados partirem – pisquei, deixando-o sozinho no cômodo.



O relógio marcava perto das oito da noite quando a campainha tocou, anunciando a chegada de nossos convidados. Dando uma última olhada ao redor do espaço, garanti que tudo estava bonito, organizado e pronto para recebê-los. A verdade é

que eu estava ansiosa por esse momento, era a primeira vez em que eu seria a anfitriã de uma festa de natal.

Me direcionando um sorriso tranquilizador, do tipo que passava amor e confiança, Marco se posicionou ao meu lado assim que parei diante da porta, e então a abri. Do outro lado, rostos conhecidos e expressões felizes esperavam por nós.

Mamãe e papai eram os primeiros da fila, seguidos por Valentina, o pequeno Augusto que estava em seus braços e Miguel. Rebecca e Fernando estavam logo atrás, com sorrisos brilhantes e felizes. Eu compreendia bem o sentimento estampado em seus rostos, porque eu me sentia da mesma maneira.

Desde que nós três havíamos nos tornado amigos no início da faculdade, muitos natais foram celebrados na casa de meus pais, especialmente por suas famílias morarem fora de Madrid e os poucos dias livres, somados a distância em questão, tornarem inviável tal deslocamento. Com o passar dos anos, isso se tornou algo nosso, mas agora que nossas vidas haviam tomado um novo rumo, uma nova tradição estava prestes a ser criada e eu não poderia estar mais grata por ter pessoas tão

incríveis ao meu redor.

Depois de recepcionar a todos com a devida atenção, os deixei à vontade na ampla sala, agora toda decorada com enfeites natalinos, e segui até a outra extremidade do espaço conjunto, onde ficava a cozinha, na intenção de buscar as bebidas e levá-las até a grande mesa repleta de comida, mas antes que concluísse minha tarefa sem que notassem minha ausência, Valentina se juntou a mim.

— Sabe, Daniela, eu passei tempo demais desejando que Marco encontrasse alguém capaz de fazer seus olhos brilharem. Que pudesse amá-lo e soubesse reconhecer o coração de ouro que ele tem. Fico feliz que você tenha entrado na vida dele. — sorriu com doçura, deixando-me estática, completamente sem palavras.

— Não mais do que eu, por ele ter entrado na minha — confessei, desviando os olhos dela por um instante e indo até ele, que se encontrava sentado em um canto, conversando com papai, Miguel e Fernando, certamente sobre futebol.

— Precisa de ajuda com as bebidas? — ofereceu Valentina, me tirando do devaneio.

Assim que retornamos à sala e colocamos os frascos sobre a mesa decorada, repleta das mais

deliciosas comidas, Rebecca e mamãe se aproximaram, trazendo consigo o pequeno pacotinho azul que era Augusto. Percebendo a nossa movimentação, os homens interromperam a conversa animada que mantinham e se juntaram a nós, assumindo seus lugares ao redor da mesa, com Marco na cabeceira e eu ao seu lado.

— Eu gostaria de fazer um brinde — disse Marco, atraindo a atenção de todos, que apanharam suas taças de cima da mesa — Gostaria de brindar pela alegria que sinto em receber vocês em nossa casa — sorriu de leve, olhando em minha direção — Vocês estão aqui hoje a nosso convite porque são muito importantes em nossas vidas, então, não poderíamos ter uma noite tão especial quanto essa se não fosse junto de vocês.

Ao meu lado, mamãe sorria para Marco, completamente encantada, provavelmente como eu fazia nesse instante. Talvez os outros não o vissem sob a mesma perspectiva que eu, mas a impressão que eu tinha era de que ele estava radiante.

— Gostaria de brindar também a todas as surpresas que a vida me preparou ao longo desse ano. Quando já não me restavam esperanças, eu finalmente encontrei o amor e a felicidade ao lado

de Daniela, ganhei uma família incrível e novos amigos. — sorriu, fazendo meu coração se aquecer e meus olhos marejarem. — Que esse seja o primeiro de muitos natais que possamos comemorar juntos. — disse em um tom ligeiramente mais alto, erguendo sua taça de champanhe em direção aos demais.

Com sorrisos brilhantes nos lábios e alguns olhos marejados, nós chocamos nossas taças uma de encontro a outra, selando o brinde proposto por Marco.

— Feliz natal! — dissemos em uníssono, fazendo valer o real significado de amor e união.

Agradecimentos

Escrever essa história foi um desafio pessoal muito grande, principalmente por vivenciar altos e baixos ao longo do projeto, que me mantiveram afastada dessas páginas por mais tempo do que gostaria.

Sem o incentivo e apoio de pessoas queridas, talvez essa história ainda não estivesse sendo contada, portanto, deixo aqui o meu eterno agradecimento a Aretha V. Guedes e Manu Sousa, amigas que o universo literário me deu de presente e que espero ter comigo por toda a vida, que constantemente me apoiam, incentivam e não me deixam desistir. Agradeço também a Aline Sant'Ana, sempre atenciosa e disposta a ajudar; a Thamiris Tapolone, Márcia Lima e Luciana Rapello, que leram essa história ou partes dela enquanto tudo ia se desenvolvendo e me ajudaram a encontrar o melhor caminho. Saiba que todas vocês são muito especiais para mim e eu as tenho em meu coração.

Gostaria de agradecer também a quem está lendo essas palavras, por embarcar nas minhas aventuras e me permitir continuar sonhando e

PERIGOSAS NACIONAIS

transformando isso em histórias.

Muito obrigada e uma ótima leitura.

PERIGOSAS ACHERON

Conheça outras obras da autora:

O Amor não tem Regras



Sinopse: Após partir do Brasil deixando um coração quebrado para trás, um leque de novas possibilidades se abre diante dos olhos de Valentina ao aterrissar em terras espanholas.

Desejando apenas fazer sua residência ao lado de um renomado cardiologista europeu e desfrutar da companhia de sua melhor amiga para todas as horas, Tina vê as coisas saírem de controle quando seu caminho cruza com o de grandes astros do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

futebol.

Rodeada de uma realidade a qual não pertence e com medo de se entregar novamente ao amor, Valentina precisará aprender que não se pode escolher por quem se apaixona, ainda mais quando há uma marcação cerrada ao seu redor, e o que está em jogo é o seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

Uma Bela Jogada – Um conto de “O Amor não tem Regras”



Sinopse: Casada com um astro do futebol há três anos, Valentina acredita que as finais de campeonato ao lado de seu marido lhe prepararam o suficiente para enfrentar as emoções que uma copa do mundo pode lhe reservar. Mas o que ela e seu charmoso espanhol não imaginam, é que o destino possui um plano para eles, e que às vezes, uma bela jogada também pode acontecer fora dos gramados.

Em Busca de mim



Sinopse: Após ser traída por seu namorado, Sophie só tem um desejo em mente: aproveitar o verão na praia.

Mas o destino não pode ser controlado, e após uma fatídica noite, Sophie vê todos os seus planos mudarem. Decidida a assumir o controle de sua vida, ela pega as chaves do carro e cai na estrada.

Ao entrar em um restaurante de beira de estrada, a última coisa que procurava era se meter em problemas, mas quando seus olhos pousaram no moreno misterioso, ela soube que ele não seria esquecido tão facilmente.

A bordo de seu Mustang, em meio a encontros

PERIGOSAS NACIONAIS

inesperados, belas paisagens e o que promete ser a viagem de sua vida, quem poderá prever quais outras surpresas Sophie encontrará em seu caminho?

PERIGOSAS ACHERON

Longe de Você



Sinopse: Quando ele partiu sem qualquer explicação, Elizabeth acreditou que nunca mais o veria, e por isso seguiu em frente com a sua vida, exatamente como deveria ser.

Mas agora, anos depois, Arthur está de volta e Elizabeth se vê em uma situação da qual não havia imaginado, tendo que lidar com sentimentos até então adormecidos.

Possuindo diante de si uma nova chance de amar, tudo que Liz precisa fazer é decidir o quanto vale a pena esquecer os erros do passado e mergulhar de cabeça no que o destino lhe reserva.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Além da meia noite



Sinopse: Ao subir a bordo de um navio de luxo, Julia percebe que alguns dias de diversão e drinks à beira da piscina é tudo o que ela e sua melhor amiga precisam para começarem o novo ano com o pé direito.

Convencida de que o azar no amor é um sinal de sorte no jogo, ela decide apostar uma alta quantia no cassino do navio. O que Julia não esperava é que pudesse perder tanto dinheiro. Agora, só um moreno misterioso e sua proposta indecente poderá salvá-la de um réveillon desastroso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON